

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Fabiane Raquel Canton

**IMAGINÁRIOS E EXPERIÊNCIAS FORMADORAS: O CINEMA
VAI À ESCOLA**

**Santa Maria, RS
2016**

Fabiane Raquel Canton

IMAGINÁRIOS E EXPERIÊNCIAS FORMADORAS: O CINEMA VAI À ESCOLA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/ RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valeska Fortes de Oliveira

Santa Maria, RS.
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Canton, Fabiane Raquel
Imaginários e experiências formadoras: o cinema vai à escola / Fabiane Raquel Canton.- 2016.
119 p.; 30 cm

Orientadora: Valeska Fortes de Oliveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2016

1. Formação docente 2. Cinema 3. Educação 4. Imaginário social 5. Educação básica I. Oliveira, Valeska Fortes de II. Título.

© 2016

Todos os direitos autorais reservados a Fabiane Raquel Canton. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: fabirachel@hotmail.com

Fabiane Raquel Canton

IMAGINÁRIOS E EXPERIÊNCIAS FORMADORAS: O CINEMA VAI À ESCOLA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/ RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**

Aprovado em 30 de Agosto de 2016:

Valeska Fortes de Oliveira, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Monica Fantin, Dr^a. (UFSC)

Lutiere Dalla Valle, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, força e energia que me guia e me fortifica a cada percalço e pensamento de desistência. A minha família, em especial, minha mãe, Gema, que sempre me incentivou a estudar, buscar meus sonhos, fossem eles os mais distantes e improváveis. Minha mãe que nunca, em momento algum, me fez pensar em desistir ou não fazer o que acreditava. A ela, juntamente com meu pai que me deram todas as condições de ser uma pessoa digna, verdadeira e fiel às minhas concepções de mundo.

Ao meu companheiro Anderson, pelo apoio incondicional, pelos dias de preocupação e tensão vividos em função do inesperado, pelo amor e dedicação em todos os momentos. Ao meu filho querido, Octávio, por me permitir ser mãe e entender a verdadeira tradução do que é amar, pelos dias juntos, pelas tardes em que ficava quietinho brincando, enquanto a mamãe estudava, obrigada.

À minha orientadora, professora Valeska, pela generosidade em dividir comigo suas experiências, seu conhecimento e ter paciência de esperar o meu tempo de maturação dos aprendizados, da sua orientação para que o meu trabalho pudesse ser mais que um texto, mas um aprender através do desaprender.

À direção e colegas da E.M.E.F Leonor Pires de Macedo pela total liberdade e confiança na feitura de nossa formação. Ao grupo de professores, em especial, Vera, Fabrícia, Patricia, Darlene, Adriana, Vera Alves, Daiana, Édila, Carine e Janice, pelas discussões e aprendizados compartilhados.

Ao Gepeis, pela acolhida, pelos aprendizados, pelas discussões e pelos amigos que fiz, em especial, Indiara, Monique, Ionice, Bianka, Cândice, Tânia e Camila. À Larissa, pela leitura cuidadosa de meu texto e considerações essenciais para o seu aprimoramento. Obrigada a todos, vocês são parte de todo esse processo.

RESUMO

IMAGINÁRIOS E EXPERIÊNCIAS FORMADORAS: O CINEMA VAI À ESCOLA

AUTORA: Fabiane Raquel Canton

ORIENTADORA: Valeska Fortes de Oliveira

Esta dissertação de Mestrado insere-se na linha de pesquisa I: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa tem o objetivo de compreender as significações Imaginárias dos professores da educação básica sobre cinema e como este se insere na sua formação (ético-estética) enquanto docentes. Nesse contexto, objetivou-se a formação de um grupo que assistiu filmes e discutiu formação docente. A pesquisa buscou compreender de que maneira os docentes concebem, relacionam e vivenciam seus projetos e atividades com o cinema na escola e na sala de aula; além de verificar se o cinema pode ser um dispositivo de formação continuada. Para compor a pesquisa, a metodologia utilizada foi qualitativa, com ênfase nas narrativas das professoras convidadas a fazer parte do trabalho, através da feitura de um diário. Como aporte teórico, as contribuições de Castoriadis (1982) e Oliveira (2011), no que se refere ao estudo do Imaginário Social, no campo da formação de professores, autores como Nóvoa (2009), Ferry (2008) e Souto. Na relação com cinema e Educação, as contribuições de Duarte (2002), Fantin (2008), Morin (2014) e Valle (2014). Como base para análise dos dados, tivemos as contribuições da hermenêutica e do Imaginário Social, que auxiliaram na busca dos sentidos e significados da formação desses docentes, tendo como dispositivo o cinema. Contudo, através da pesquisa, compreendemos que o cinema, como dispositivo, propõe uma nova perspectiva de formação docente. Concluímos que as significações imaginárias dos professores sobre cinema e formação continuada no espaço da escola ainda causa certo estranhamento, por se mostrar algo fora do seu cotidiano e diferente das formações em que estão acostumados a participar. Em relação ao tempo e às mudanças, os docentes se mostram resistentes a tudo que não é planejado, questão que se reflete no espaço escolar frente às transformações na Educação. A pesquisa revelou que os professores utilizam o cinema em sua sala de aula a partir do momento que este faz parte de sua vida. Este trabalho expôs a importância de um espaço de formação continuada mediada pelo dispositivo cinema dentro do espaço escolar, para que o professor possa discutir temas mais específicos a sua vida docente, junto aos colegas que compartilham das mesmas alegrias e angústias, podendo discutir a sua relação com a docência e os problemas diários da escola. Além disso, para que possa compreender que a formação estética provoca, perturba e desacomoda, fazendo com o professor reflita sobre seu estar na vida e na docência.

Palavras-chave: Formação docente. Cinema. Educação. Imaginário social. Educação básica.

ABSTRACT

IMAGINARIES AND FORMATIVE EXPERIENCES: THE CINEMA GOES TO SCHOOL

AUTHOR: FABIANE RAQUEL CANTON
ADVISER: VALESKA FORTES DE OLIVEIRA

This Master thesis is part of the line research I: Education, Professional Development of the Program of Master's Degree in Education of the Federal University of Santa Maria. The purpose of this research was to understand the basic education teachers' imaginary significations about cinema and how it makes part in their education (ethical – aesthetic) as a professional. Within this context, a group which watched cinema and discussed about teaching education was formed. This study has tried to comprehend in which way teachers create, relate and use their projects and activities with the cinema at school and in their classroom. Beyond that, it has also analysed if the cinema could be a continuing education device. The methodology used was the qualitative approach with emphasis on narratives of the teachers invited to be part of the work, through the production of a diary. The theoretical support was based on contributions by Castoriadis (1982) and Oliveira (2011), with studies about Social Imaginary; in the teaching education field, authors such as Nóvoa (2009), Ferry (2008) e Souto. Regarding cinema and Education, the contributions of Duarte (2002), Fantin (2011), Morin (2014) and Valle (2014). The data analysis was also based on the contributions of the hermeneutic and the Social Imaginary which helped in the search of the senses and meanings in teaching education through cinema. However, through the research we could understand that cinema brings a new perspective in teaching education. It was concluded that teachers' imaginary significations about cinema and continuing education at school, still cause the teachers some strangeness because they do not make part of the teacher's school routine and are different of the formation they are used to have. Regarding time and changes, teachers show themselves resistant to everything that is not planned, which also reflects on school, when there are changes in Education. The study showed that teachers only use cinema in their classroom as soon as it starts being part of their lives. This work exposes the importance of having at school a continuing education place mediated by cinema, where teachers can talk about their school life, share there joys and angsts and also discuss about their disappointing professional development caused by the lack of investment and disregard from the leaders. Beyond that, they understand that the aesthetic education instigates, disturbs and unsettles, leading to a more reflective teacher concerning his well-being in life and at work.

Keywords: Teaching education. Cinema. Education. Social imaginary. Basic education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sessão de cinema nos encontros de formação.....	51
--	----

SUMÁRIO

	PRIMEIRAS PALAVRAS.....	17
1 O	INÍCIO DE TUDO: UMA VIAGEM POR MINHAS MEMÓRIAS.....	21
1.1	Minhas experiências enquanto menstranda: o que fiz nesse tempo?	25
2	CINEMA E EDUCAÇÃO; CINEMA COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO	29
2.1	O CINEMA COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO	33
2.2	LEI 13.006: SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O COTIDIANO ESCOLAR	35
3	FORMAÇÃO CULTURAL ÉTICO-ESTÉTICA E SIGNIFICAÇÕES IMAGINÁRIAS.....	37
3.1	O CINEMA COMO INSTITUINTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES ...	41
4	OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	45
4.1	O ESPAÇO DA PESQUISA: A ESCOLA LEONOR PIRES DE MACEDO ...	48
4.2	ENCONTROS COM O CINEMA; O ESPAÇO DE FORMAÇÃO DOCENTE	51
4.3	AS MARIAS; COAUTORAS DESTE TRABALHO.....	59
5	DOCÊNCIA, FORMAÇÃO ESTÉTICA: AS MARIAS E SUAS VIVÊNCIAS.....	67
5.1	MARIAS E SUAS HISTÓRIAS: OS FILMES QUE AS CONSTITUÍRAM ENQUANTO DOCENTES	77
5.2	OS FILMES QUE MAIS IMPLICARAM AS PROFESSORAS NA FORMAÇÃO.....	82
5.3	O ÚLTIMO ENCONTRO, UM MOMENTO PARA FALARMOS SOBRE CINEMA NACIONAL	89
5.4	E AS MARIAS QUE NÃO PARTICIPARAM, PORQUE NÃO FALAR SOBRE ELAS?	94
6	FINALIZAR POR ORA; UMA CONVERSA A RESPEITO DE TUDO QUE FOI VIVIDO.....	103
	REFERÊNCIAS.....	109
	ANEXOS	115
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	117
	ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	119

PRIMEIRAS PALAVRAS...

“Já trazes, ao nascer, a tua filosofia.
As razões? Essas vêm posteriormente,
Tal como escolhes, na chapelaria,
A forma que mais te assente...”

(Mário Quintana)

O tema Cinema e Educação permite-nos criar um cenário rico em ideias relacionadas a ele. Rosália Duarte (2002) traz-nos referências importantes acerca da relação da sétima arte com a educação, mostrando que gostar de cinema está intimamente ligado à questão familiar e à condição social dos sujeitos. No Brasil, a maioria da população que frequenta as salas de cinema é de universitários que pertencem às classes médias e altas da sociedade. Todavia, numa sociedade permeada por mídias, outras formas de acesso são forjadas, o que promove a constituição de plateias através da difusão televisiva, dos cineclubes comunitários e, ainda, por intermédio do acesso à rede mundial de computadores, a internet.

Essas formas de acesso, nomeadas por Barbosa (2014) como obras audiovisuais, compreendem todos aqueles produtos de fixação ou transmissão de imagens, com ou sem som, com a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão do movimento. Para a autora, obra audiovisual se refere aos:

processos de captação, do suporte utilizado inicialmente ou posteriormente para fixa-las ou transmiti-las, ou dos meios utilizados para a sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão. Isto é, o conceito de audiovisual envolve uma série de elementos, o que dificulta a definição dos atributos pelos quais elas podem ser classificadas. As classificações a que tivemos acesso parecem não dar conta da diversidade de tecnologias, de materialidade, de suporte midiático, de gênero, de estilo, de funcionalidade. Cada obra pode ser classificada a partir de um aspecto de distintos lugares (BARBOSA, 2014, p. 257).

A autora entende como obras audiovisuais filmes, produzidos por qualquer tipo de mídia (cinema, tevê, DVD, etc), séries, documentários, reportagens, outros programas de televisão, comerciais, músicas, entre outros. Para este trabalho, trataremos a respeito das obras audiovisuais veiculadas pelas mídias do cinema, que compreendem os filmes de longa, média e curta-metragem.

A educação está intimamente ligada ao cinema de várias formas, pois este fornece novas percepções da realidade e crescimento intelectual, na medida em que

o contato com os filmes amplia as visões de mundo das pessoas. Os professores que utilizam filmes como um recurso à reflexão e como fonte de conhecimento – buscando problematizar os enredos das obras com os contextos da realidade escolar e de cada estudante – percebem o potencial disso à formação pessoal e coletiva, resultando em práticas de socialização dos sujeitos.

Nesta conversa entre o cinema e a escola, é estabelecido um espaço de aprendizado mediado pelo olhar do cinema. Neste lugar, todas as questões, por mais difíceis que possam parecer, tornam-se possíveis de discussão através dos enredos das histórias cinematográficas. Pela sétima arte, novas possibilidades se inserem em um espaço que é fértil em transformação e mudança.

O professor, sujeito-agente deste espaço denominado escola também se forma com e pelo outro. Suas percepções imaginárias a respeito do cinema na educação, na sua vida, misturam-se com a sua formação enquanto docente. Outras formas de estar juntos, assim como outras possibilidades de criação e autocriação se fazem presentes e compõem um novo cenário, a formação ético-estética.

Esta relação ético-estética com a formação se constrói quando entendemos que a experiência estética, na relação com o mundo, traz "algo", que ultrapassa nossas explicações racionais, promovendo um estranhamento (HERMANN, 2002, p. 130). Esse estranhamento pode ser provocado pelo o contato com uma obra de arte, por uma peça teatral, pela audição de uma bela canção ou por todas estas artes juntas em uma bela história cinematográfica.

A sétima arte, enquanto dispositivo de formação, pode ser capaz de transportar o sujeito para outros espaços, outras vivências, mostrando-se hábil na experiência da alteridade, evidenciando aquilo que é estranho, uma liberdade do sensível contra o embrutecimento da percepção automatizada (HERMANN, 2002, p. 131).

Nesse pensar, acreditamos ser relevante estudar quais as significações imaginárias dos professores da Educação básica acerca do cinema na escola. De que forma o cinema pode ser dispositivo de formação ético-estética para os professores e de que maneira a sétima arte, integrada ao seu espaço pedagógico, constitui ferramenta para os processos formativos dos docentes, além de investigar a relação dos professores da Educação Básica com o cinema nacional.

A pesquisa tem o objetivo de compreender as significações Imaginárias dos professores da Educação Básica sobre cinema e como este se insere na sua

formação (ético-estética) enquanto docente. Nesse contexto, objetivou-se a formação de um grupo que assistiu filmes e discutiu formação docente. A pesquisa buscou compreender de que maneira os docentes concebem, relacionam e vivenciam seus projetos e atividades com o cinema na escola e na sala de aula. Além de verificar se o cinema pode ser um dispositivo de formação continuada.

Por entre os capítulos que compõem esta dissertação, apresento o primeiro deles, como "O início de tudo: uma viagem por minhas memórias". Nele trago um pouco de minha história de vida, de minha formação inicial e os caminhos e percursos que me levaram à docência e a este momento, o do Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Santa Maria. Na sequência do capítulo, conto também a experiência do mestrado, o tempo de aprendizado desses vinte e quatro meses, de minha formação enquanto pesquisadora.

No segundo capítulo, intitulado "Cinema e Educação; cinema como dispositivo de formação", explano sobre o contexto do cinema na Educação, conversando com teóricos a respeito da importância do cinema, integrado ao espaço escolar, pelo viés do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis (1982) e Oliveira (2011). Para tal, disponho dos pensamentos de Duarte (2002), Fantin (2010), Morin (2014), Valle (2014) dentre outros que tornam relevante este tema para a Educação. Neste capítulo, trago ainda a diferença entre os conceitos de dispositivo, apresentando a leitura de Souto para dispositivo grupal, no campo pedagógico. No decorrer da escrita, faço uma breve discussão a respeito da Lei 13.006/2014, da obrigatoriedade de, no mínimo, duas horas mensais de assistência de filmes nacionais na escola pública. Neste espaço, converso sobre a possibilidade de outro olhar em relação ao cinema nacional, fazendo da obrigatoriedade apenas a porta de entrada para uma presença que ajude a qualificar a escola, que potencialize os trabalhos dos professores e que vincule os estudantes com um universo em que possam descobrir e inventar outros mundos.

Na sequência, apresento o capítulo "Formação cultural, ético-estética e significações Imaginárias". Nele reafirmo as escolhas teóricas dos autores Hermann (2010), Castoriadis (1982) e Oliveira (2011) em uma conversa sobre formação ético-estética, pelo viés do Imaginário, contemplando o conceito de significações, além de discutir a relação do cinema enquanto instituinte na formação de professores.

No quarto capítulo, apresento os caminhos metodológicos da pesquisa, em que discutimos a feitura deste trabalho, descrevendo as etapas, os espaços e os

sujeitos participantes. Relato também os campos teóricos que foram utilizados para compor a metodologia, relacionando a pesquisa com o campo do Imaginário Social. Neste capítulo, apresento as coautoras deste trabalho, “as Marias”, descrevendo-as pelas suas características mais marcantes. O capítulo seguinte é dedicado à pesquisa e a análise dos relatos das professoras participantes dos “Encontros com o cinema”.

Neste espaço, conhecemos as significações imaginárias dessas professoras a respeito do tempo, das mudanças provocadas pela vida e pela docência. Também conversamos sobre a relação das Marias com o cinema nacional e os filmes que implicaram em sua trajetória pessoal e profissional. Neste capítulo, falamos também sobre os porquês de não participação em um grupo de formação, bem como dos motivos que levam um professor a não querer estar em um espaço formativo. Esta discussão dá-se a partir da seguinte questão: “E as Marias que não participaram, por que não falar sobre elas?”.

No último capítulo, que intitulei “Finalizar por ora; uma conversa a respeito de tudo que foi vivido”, trato as considerações finais e algumas conclusões as quais cheguei ao final da pesquisa, além de formular questões que reverberam sobre toda a pesquisa. Nessas indagações entendemos que ainda temos muito para descobrir e ler a respeito deste tema, que é rico e repleto de instigações.

Sendo assim, com estas primeiras palavras, apresento a estrutura de minha dissertação e os objetivos que tentei alcançar com ela, o de compreender as significações imaginárias dos professores da Educação Básica sobre cinema e como este se insere na sua formação (ético-estética). Convido você, leitor, a adentrar no mundo do Cinema e da Educação e compartilhar comigo este espaço de discussão a respeito da formação ético-estética do professor, usando como dispositivo a sétima arte.

1 O INÍCIO DE TUDO: UMA VIAGEM POR MINHAS MEMÓRIAS

Na década de 1920, meu bisavô materno instalou um cinema na cidade onde nasci. Chamava-se Cine Central e, mais tarde, viria a ser administrado pelo meu avô. Cresci ouvindo minha mãe falar dos filmes que ela via, desde seus cinco anos de idade, sozinha ou com a mãe, no cinema do avô. [...] Assim, por contingências familiares, o cinema entrou na minha vida carregado de significações afetivas (DUARTE, 2002 p. 07).

Início este texto com as palavras de Rosália Duarte sobre como o cinema foi introduzido em sua vida, para adentrar em minhas memórias e retornar ao momento em que estive, pela primeira vez, em uma sala de cinema. Aquela tarde de outono, em meados da década de 1980, onde todos, alunos da Escola Municipal Estherina Marubin¹, fomos convidados a assistir um filme no cinema da cidade. Um momento único e especial que explica o porquê de estarmos aqui conversando hoje sobre cinema e educação e formação de professores.

Penso ser importante contextualizar você, leitor, neste momento de minha trajetória, para que possa compreender melhor as razões que me levaram para o caminho da escola e do cinema. Voltemos então para aquela tarde de outono, todos estávamos empolgados com a ideia de sentarmos nas cadeiras daquele velho teatro, o Cine Teatro Carlos Gomes², para assistir a um *filme dos trapalhões*, não recordo, aqui, o seu título, entretanto tenho claras em minhas memórias, as imagens, como fotos que olhamos quando estamos com saudades de alguma coisa ou de alguém. Sensações do momento em que sentei naquela velha cadeira de madeira, que se fechava, tão pequenos eram nossos corpos, mas conseguíamos ver ao longe aquela tela grande e branca, na qual seria projetada uma história, primeira de muitas, que assistiria depois disso.

Naquele dia, a boa sensação de assistir uma história na grande tela me fez querer ver mais, porém não pude mais fazer no velho cinema, pois ele fora fechado, consequência da falta de filmes e espectadores na cidade. Continuei assistindo aos filmes pela televisão, romances açucarados como "A Lagoa Azul", comédias estilo "Curtindo a vida adoidado" e clássicos como "E o Vento levou..." Muitos outros filmes fizeram parte do meu repertório, pois cada um em sua especificidade me faziam

¹ Nome da Escola municipal situada na Localidade de Capela São Pedro, interior do município de Serafina Corrêa, Rio Grande do Sul.

² Nome do Cinema situado na cidade de Serafina Corrêa, Rio Grande do Sul.

querer assistir mais, estar mais próxima; a trilha, o roteiro, as personagens, os conflitos e seus desfechos. "Tudo isso me ensinou a olhar o cinema de uma certa maneira e a construir com os filmes relações que eu não sabia possíveis" (DUARTE, 2002, p. 11).

Seguindo no roteiro de minhas memórias, saio da escola do interior e vou para a cidade para cursar o final do Ensino Fundamental e Médio. Naqueles anos, as histórias cinematográficas me acompanhavam, dividiam comigo as nuances da adolescência, as dúvidas do que seguir, o que ser no término daquele ciclo, afinal precisava escolher uma profissão, prestar vestibular. Encantada com a minha professora de Literatura, pensei em seguir a carreira docente, mas antes tive uma outra vontade, talvez influenciada pelas belas jornalistas da televisão e pelo meu gosto pela leitura e escrita, resolvi tentar ser jornalista. Porém, entre as muitas peripécias da minha história, a vida me levou para o curso de Letras.

Estando naquele espaço, o curso de Letras, sentia como se pudesse estar mais próxima das histórias que lia nos livros e/ou assistia na grande tela. Os romances revelados em sua estrutura, a língua materna esmiuçada em seus radicais, prefixos e sufixos. Tudo com sua coerência estilística e um tanto dura e fria. Entretanto, a frieza acabava quando entrava nas aulas de Literatura Brasileira, lá era o meu espaço de encantamento, já que novamente um professor me fazia viajar pelas palavras, possibilitando que eu criasse lindas histórias em minha imaginação. Na graduação, fui construindo um caminho que me levava à escola, ao ensino de Literatura e Língua Italiana. Ainda como aluna da graduação, comecei a adentrar no mundo do magistério, encantava-me o prazer de falar sobre minhas paixões, meu desejo de compartilhar com eles o encanto da Literatura.

Passados os quatro anos da graduação, acreditando estar pronta para enfrentar o espaço da escola, inebriada de todas aquelas verdades que pensava ser absolutas, adentrei no mundo da escola. Como num flashback, comecei minha docência em uma escola do interior da cidade de Faxinal do Soturno. O prédio lembrava muito a minha primeira escola, mas a protagonista da história não era mais uma menina, entretanto continuava a sonhar e a acreditar que era possível fazer diferença, que todos os meus conhecimentos técnicos, aprendidos na faculdade, seriam imprescindíveis naquele espaço de aprendizado. Contudo, no espaço da escola, descobri que os meus conhecimentos específicos eram importantes, mas não suficientes, havia outros aprendizados que ainda não conhecia.

Naquele primeiro momento não havia claro em mim todas as tramas que o magistério comportava, condições internas e externas, relações práticas referentes à estrutura física, questões da ordem de chegada e de partida, além dos desejos, sentimentos e expectativas que a docência comportava, aspectos conscientes e inconscientes, que afetam a dimensão individual e grupal do ser professor (ISAIA 2009, p. 102).

No lugar da escola, descobri que ter o domínio sobre nossa área específica de atuação é imprescindível para exercermos nosso ofício, mas somente essa habilidade não é suficiente, precisamos estar inseridos a uma formação contínua e permanente. Formação permanente, entendida por Imbernon (2011, p. 51) como algo que não é isolado, limitado, que terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre a sua prática docente.

Enquanto docente, sempre procurei agregar às minhas aulas outras formas de estar junto, a música, o teatro, o cinema, eles foram coadjuvantes na história do ensino de língua materna e italiana. Naquele espaço de aprendizado, criamos outras possibilidades de compartilhar os conhecimentos da sintaxe e da semântica. A língua, protagonista, dividindo o seu espaço com a arte, a música, o cinema. Tudo de uma forma muito instintiva, a experiência era o aprendizado e isso era o que me tornava professora, cada aula, cada experiência compartilhada com os meus alunos me fazia ter certeza de que havia feito a escolha certa, apesar de todas as dificuldades que atravancavam o meu caminho.

O tempo foi me dando a segurança da certeza do magistério e com ela a vontade de criar mais, de não estagnar, apesar de muitas vezes não sentir vontade de nada, de pensar em desistir, de mudar totalmente o prumo e navegar por outros mares. Os novos desafios se mostravam assustadores, novas turmas, outras exigências, enfim, uma realidade que me acorrentava e não me permitia seguir. Estava naquele ponto da docência em que a rotina não fazia sentido, as coisas se mostravam duras, frias, as formações que me eram oferecidas não tinham significado algum, parecia estar como que em um piloto automático, onde o prazer da docência se perdia.

Essas formações citadas por mim eram lugares os quais éramos convocados para assistir à conferências e falas sobre assuntos que me pareciam tão distantes da minha realidade. A escola e a docência pareciam ausentes nas propostas daqueles seminários. Não adiantava estar naquele espaço de formação, se não

havia uma análise, uma reflexão sobre o seu lugar naquele espaço de trabalho, de aprendizado. Entretanto, a sala de aula ainda se mostrava um lugar rico, cheio de possibilidades, o qual me fazia sentir-me professora.

Intrigada e instigada, querendo conhecer outras experiências docentes, outros espaços formativos, voltei à universidade. O voltar à universidade não foi pelo curso de Letras e, sim, pela Educação, um espaço novo, que me remetia à velhas lembranças. Convidada pela professora Valeska Fortes de Oliveira fui assistir a uma aula, ministrada por ela, cujo tema era cinema. Naquela primeira noite de aprendizado, assistindo ao filme Indiano “Fonte das mulheres” voltei àquele dia em que tive minha experiência com a sétima arte, tudo era novo, diferente, repleto de sentimentos e sensações que se atravessavam em meus pensamentos. O roteiro fílmico com a discussão me remetia a uma formação que voltava a significar, que tinha um porquê, que não estava mais no limbo, agora havia encontrado novamente o meu prumo, de volta à direção da docência.

Às quartas-feiras à noite juntava-me a um grupo que gostava e discutia cinema no âmbito da educação. Também neste espaço de discussão fui apresentada ao campo teórico do Imaginário Social. Tudo parecia fazer sentido e as leituras elucidavam as minhas indagações, ao mesmo tempo em que inseriam ainda mais perguntas àquele vasto rol que existia em mim. Neste lugar de discussões mediadas pelo cinema fiz amigos e parcerias, fui aprendendo e construindo novas formas de entender o meu lugar na docência.

Em meio às conversas, fui convidada a participar de uma Formação de Professores, intitulada "A vida e o cinema na formação". Neste espaço, junto aos outros professores participantes, conversávamos sobre as experiências fílmicas que tínhamos e ampliávamos o nosso entendimento sobre o que é o cinema para cada um de nós, além de pensarmos em como disponibilizá-lo em nossas práticas profissionais.

Nas conversas sobre experiências formadoras, cinema e educação, fui convidada a participar da pesquisa de mestrado “A (re)invenção de si na tela da docência: Imaginário social e formação ético-estética”, de Marilene Leal Farenzena, como sujeito da pesquisa. Na conversa que tive com a pesquisadora, perguntas referentes à minha vida e a inserção do cinema nela me foram feitas; nas respostas, lembrei meu primeiro encontro com a grande tela, os filmes que fizeram parte da minha vida e como numa colcha de retalhos fui costurando a minha história pela

linha da memória, onde o cinema sempre era parte importante. Através da experiência de fazer parte de uma pesquisa de mestrado, fui entendendo o porquê do meu gosto pelo cinema em minha prática, o que me encantava nessas experiências e o que me fazia ser a professora, assim como as experiências que foram construindo o meu percurso profissional e pessoal.

Ainda envolvida pelas indagações feitas pela pesquisadora, pelas leituras sobre formação docente, Imaginário Social, cinema e Educação, vi meu olhar se transformando, meus entendimentos a respeito do que era ser professora e como isso poderia ser ainda mais instigante e provocador. Ao ler compreendemos que a aprendizagem não acontece no momento em que entendemos tudo, mas naquela pergunta que fica piscando como se fosse um alerta, dizendo-te que precisas descobrir a resposta para então receber a próxima pergunta e o novo alerta. Saí do meu lugar de conforto para trilhar caminhos pelos quais não sabia onde iriam dar, não tinha ideia de onde aquelas questões e as experiências poderiam me levar, entretanto isso não era o mais importante, o que me fazia continuar era essa vontade de perguntar, responder e perguntar novamente para construir conceitos.

Todas essas perguntas tinham um eixo norteador, era o Cinema e a Educação, eles me faziam perguntar: como o cinema era vivenciado na Educação, na forma como a escola, enquanto espaço de aprendizado, permitia ou propiciava a formação pelo cinema? Como os professores compreendiam o uso do cinema em sua prática pedagógica? Quais eram as suas e as minhas percepções imaginárias acerca do cinema na escola? Imersa em tantas perguntas e às leituras sobre Imaginário Social, Cinema e Educação, em 2014, ingressei ao Mestrado em Educação, na Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, LP1, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria.

1.1 MINHAS EXPERIÊNCIAS ENQUANTO MENSTRANDA: O QUE FIZ NESSE TEMPO?

O tempo do mestrado é um tempo de aprendizado, de muitas leituras, de prazos apertados, eventos, artigos, tudo tem uma emergência de acontecer, o tempo parece passar como se sentisse que nada do que tinha planejado seria possível de

ser realizado. Entretanto, estou fazendo uma pesquisa sobre formação docente e, enquanto docente, o que estou aprendendo com tudo isso?

A formação docente que me propus a fazer relacionava-se com o cinema como dispositivo; ele foi o meio escolhido para que as professoras pudessem falar sobre suas experiências enquanto docentes. Os filmes foram a possibilidade de falar sobre questões que as acompanham no magistério, mas que, muitas vezes, são esquecidas pela correria da escola, com suas obrigatoriedades, tanto dos índices como dos conteúdos programáticos.

Assistir aos filmes e conversar sobre formação desencadeou uma rede de relações que não se findou com o último encontro. Elas continuam interligadas com todas as professoras que participaram do grupo e que abriram um espaço em suas vidas e agendas para falar sobre si com o outro e para o outro, suas significações imaginárias a respeito da formação docente. Dentre estas professoras, estava eu que, naquele espaço, era a pesquisadora, que regia o concerto, e se encantava com o som que vinha daquela orquestra.

Entre todos os encontros, todos os temas, todas as conversas, o que mais encantava era que aquele momento era um momento para nós, professoras, um espaço formativo, em que poderíamos falar e refletir sobre a nossa docência, o nosso espaço enquanto sujeitos e professoras. Todas nós nos formando com as experiências que vivenciamos, como o que compartilhamos, o que, para Ferry (2008), significa que formamos a nós mesmos, entretanto isso acontece por uma mediação. As mediações são variadas e diversas, podendo ser os mediadores humanos, como as leituras, as circunstâncias, os acidentes da vida, a relação com os outros, isso nos possibilita a formação que orienta o desenvolvimento num sentido positivo.

Nesse tempo assisti muitos filmes, uma vez que isso é uma das coisas que gosto de fazer, olhar para a tela do cinema ou da televisão, no lançamento cinematográfico do ano ou naquele filme visto muitas vezes na sessão da tarde, todos me encantam, uns assisto muitas vezes, outros não me fazem ter a mesma vontade, mas os enredos me inspiram a querer ver mais, assistir, falar, escrever, até porque eles estavam sendo uma de minhas fontes de pesquisa, assistia para encontrar aquele que mais se encaixava nas indagações de minhas colegas professoras, naquele espaço formativo que estávamos construindo.

Todas as experiências vivenciadas, as leituras feitas ajudaram a construir este trabalho, e entender as relações das professoras, participantes desta pesquisa, com a docência e com o cinema, em sua vida e em sua sala de aula. Nossa convivência e discussões sobre os temas acima citados nos auxiliaram na formação enquanto professoras e sujeitos que conviviam no mesmo espaço de trabalho.

2 CINEMA E EDUCAÇÃO; CINEMA COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO

Em 28 de dezembro de 1895, no Salão Indiano do Gran Café, no n. 14 do Boulevard des Capucines, em Paris, 33 espectadores assistiram, pasmos, às primeiras projeções de filmes feitos pelos inventores do cinematógrafo - os irmãos Lumière (DUARTE, 2002, p. 23).

O cinema e a escola vêm se relacionando um com o outro há muito tempo. Embora não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas, são eles que, de formas não tanto similares, tratam de temas e assuntos polêmicos e pouco falados na sociedade. Entretanto, o uso do cinema na escola foi por muito tempo uma forma de preencher um espaço ocioso ou faltoso como instrumento didático e pedagogizante.

O cinema fala da escola, desde muito tempo, os chamados "filmes de escola" (DUARTE, 2002. p. 85), na sua maioria de origem norte-americana, trazem para as telas problemas e dilemas escolares e tentam fazer a sua versão do que acontece dentro dos muros escolares. Neles são vistas possíveis soluções para os problemas referentes aos conflitos da escola, e os professores representados de forma sacerdotal e missionária.

Do mesmo modo, a escola também se utiliza do cinema de forma conteudista e didatizada. Essa relação do cinema com a educação foi marcada historicamente por práticas didáticas no contexto escolar que utilizavam o cinema como mero recurso audiovisual³. Rivoltella in Fantin (2007, p. 05), compreende a modalidade do "cinema como representação da história" e "espelho da realidade". Os filmes são levados para a sala de aula para complementar temas da ordem do conteúdo histórico ou geográfico, ou como entretenimento e diversão, um presente depois das difíceis aulas de álgebra e gramática textual. No âmbito escolar, o cinema, de modo geral, não é reconhecido como arte. Talvez, os professores, em parte, têm

³ Na legislação brasileira, vinculada ao setor da cultura, encontramos a definição sobre produto audiovisual. Em síntese audiovisual é compreendido como aquele produto de fixação ou transmissão de imagens, como ou sem som, que tenha a finalidade de criar, por meio de sua reprodução, a impressão de movimento, independentemente dos processos de captação, do suporte utilizado inicialmente ou posteriormente para fixá-las ou transmiti-las, ou dos meios utilizados para a sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão. Isto é, o conceito de audiovisual envolve uma série de elementos, o que dificulta a definição dos atributos pelos quais elas podem ser classificadas. As classificações a que tivemos acesso parecem não dar conta da diversidade de tecnologias, de materialidade, de suporte midiático, de gênero, de estilo, de funcionalidade (BARBOSA, 2014, p. 257).

dificuldade em tratá-lo como linguagem. Um dos aspectos que faz com que isso aconteça é a falta de conhecimento sobre os filmes e sobre o que querem deles e com eles. Duarte (2002) nos esclarece como os filmes são entendidos no espaço escolar.

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para "ilustrar", de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis (p. 87).

Para a autora, a questão referente ao não uso do cinema na escola como arte provém da falta de conhecimentos sobre cinema. Não é valoroso o saber sobre o filme, e sim sobre o conteúdo específico que cada professor trata. Dentro do espaço escolar, a obra fílmica não tem valor por ela mesma ou pelo que representa no contexto cinematográfico, mas pela questão pedagógica na qual pode ser usada para ilustrar.

Entretanto, o cinema não pode ser reduzido apenas ao aspecto didático e pedagógico. Na escola, o cinema também pode ser entendido como experimentação, território de novas aprendizagens, das diferenças, da alteridade. A experiência com o cinema faz querer se ver no outro, refletir sobre como aquela história poderia ter outras possibilidades, se ver em outras situações, outros pontos de vista. Para Larrosa, o conceito de experiência é entendido como o que "nos passa ou o que nos acontece ou o que nos toca" (2004, p. 154).

O cinema oferece-nos uma janela para que possamos olhar por ela e descobrir outros espaços ou algo que não conseguimos ver com nossos olhos. Para Fresquet, essa janela é, ao mesmo tempo, espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível. (2013, p. 19). A autora ratifica a importância da parceria entre cinema e escola, para que um aprenda com o outro, ressignificando-os.

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alargar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos –, renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela se torna um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções e algo da curiosidade de quem aprende e ensina (FRESQUET, 2013, p. 19-20).

Então, restaurar as emoções e sensações faz com que tanto professor quanto

o aluno aprendam e se deixem ensinar pelas imagens retidas em seus olhares. Experienciar com o cinema é vivenciar, produzir saberes a partir das reflexões das imagens da tela. Para a escola, o cinema pode ser mais que só ilustração e se tornar criação.

A relação do cinema com a sociedade sugere uma integração de novos saberes e maneiras de viver no imaginário social, como a produção de identidades, valores, aportes éticos e estéticos, comportamentos, hábitos e escolhas para vestir e comer, atitudes, tendências de novos ideais e novas ideias. Esses elementos que propõem mudanças individuais e coletivas ajudam na socialização dos indivíduos em nossa sociedade global, assim como podem servir para reafirmar identidades locais, seja pelos enunciados do cinema nacional ou regional seja pela alteridade que emerge frente ao cinema global.

Gutfreind (2005), ao discorrer sobre o cinema como uma forma de compreensão do pensamento, recorre a Morin (2014) em “O cinema ou o homem imaginário”. A pesquisadora pondera que, distinguindo-se das investigações teóricas do cinema de viés realista, emergentes na década de 50, Morin coloca o indivíduo como alguém instigado a compartilhar com a obra cinematográfica em vista de sua subjetividade. Na leitura de Gutfreind acerca da obra de Morin, a dimensão subjetiva desenvolve-se na relação com o filme em dois níveis;

Entendemos que o professor, ao dedicar seu tempo elencando filmes como instrumentos pedagógicos, procura elucidar aos seus alunos a importância desta linguagem como potencializador de mudanças. Posto isso, buscaremos compreender os desafios que os docentes encontram ao pensar o cinema em suas práticas de classe, uma vez que

O espectador jovem é um espectador com um olhar diferente, determinado pelo seu contato com outros meios de comunicação que não só o cinema. A televisão, por exemplo, o habituou a se relacionar com as imagens através de uma tela pequena e num ambiente repleto de interferências de toda ordem, além de lhe permitir ter o controle absoluto do zapping (MOURÃO, 2001, p. 50).

Quando falamos dos filmes que vimos, das impressões que eles nos causaram e do que aprendemos com eles, estamos falando dos significados que atribuímos a esses filmes nos diferentes momentos de nossas vidas, a partir de experiências que vivemos e dos saberes que fomos acumulando. A relação que temos com os filmes os quais assistimos, segundo Duarte (2002), é um processo

que envolve interpretação, significação, atribuição de sentido e ressignificação ao longo do tempo.

Esse processo é mediado por diferentes fatores, como as questões da ordem da linguagem, do suporte técnico, como a relação com espectador, referindo-se ao nível socioeconômico, grau de escolaridade, experiência prévia com a linguagem, além de onde esses filmes são veiculados; na escola, em casa, no trabalho, situações de aprendizagens, etc. Desse modo, crenças, pressupostos, valores e modos de ver construídos e compartilhados nos espaços de socialização mostram a maneira pela qual o espectador lida com os significados das mensagens veiculadas no filme. Para que estes façam sentido, é necessário que tenham algum vínculo com as matrizes culturais de sua sociedade. Para que eles as incorporem, como verdade ou valor, ao seu sistema de crenças é necessário que sejam minimamente compatíveis com as visões de mundo construídas nos espaços de socialização pelos quais transitam.

A história narrada descreve situações semelhantes ao real, à hiper-realidade ou ao surreal. Opiniões sobre determinado fato ocorrido decorrerão longo do filme, falam por movimentos, imagens, efeitos e luzes ao imaginário construído pela sociedade e à sociedade. A análise feita pode produzir novos significados, que, por sua vez, produzem novos pensamentos e atitudes, podendo se somar como reflexões sobre o comportamento humano e social. O potencial de tramar o cinema e a educação é favorecer uma experiência cultural e cheia de significados sociais, construindo um novo olhar, oportunizando novas vivências e experiências. Sobre as narrativas no cinema, as histórias e o mundo social, diz Turner.

O mundo chega até nós através das histórias narradas, primeiramente na infância, contadas por nossos pais, lidas nos livros, nas rodas de conversa, nas narrativas dos amigos a respeito de cenas que tenham vivido, nos recreios, nas divertidas experiências de vidas que são narradas e também nas dificuldades, nos momentos de dor e desespero que precisam ser contados e expurgados. Entretanto, isto não significa dizer que nossas histórias explicam o mundo. Em vez disso, a história na qualidade narrativa nos fornece um meio agradável, inconsciente e envolvente de construir nosso mundo. A narrativa pode ser descrita como uma forma de “dar sentido” ao nosso mundo social e compartilhar esse “sentido” com os outros. Sua universalidade realça o lugar intrínseco que ocupa na comunicação humana (TURNER, 1997, p. 73).

As reflexões e pesquisas sobre a formação de professores são estudos que adentram em um campo complexo, no sentido de perceber a formação como algo singular e que diz respeito a diferentes trajetórias e distintos processos formativos,

baseando-se também em um repertório de vivências pessoais que, de certa forma, mobilizam conhecimentos e saberes diversos na atuação profissional docente.

Na visão de Duarte (2002, p. 106), “é sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e informação”. Já nos estudos de representação inscritos na teoria do cinema, Casetti e Di Chio (1991) colocam este novo mundo apresentado por Duarte (2002) como um universo em si mesmo – diegese – situado à certa distância de seu referente. Assim, encontraremos a ambivalência da representação cinematográfica e, em certo sentido, a própria vocação do cinema, uma vez que a ação que o filme inspira como representação é também o lugar de um referente no mundo social.

2.1 O CINEMA COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO

No decorrer do trabalho, muitas vezes, vê-se a utilização da palavra dispositivo, nomeando o cinema como meio, entretanto, precisamos esclarecer qual conceito usamos nesta pesquisa para que fique claro ao leitor.

A palavra “dispositivo” pode ser usada em diversas situações com diferentes resultados, pois na sua etimologia significa um artifício disposto para obter um resultado automático a uma função especial, um mecanismo que atue em distintas partes de um aparato para produzir um efeito dado. Um exemplo disso são as partes que compõem um computador (hardware), a entrada e a saída de informações para um aparelho eletrônico, um artefato técnico, entre outros.

Com estas informações, podemos entender que o dispositivo é um meio para obtenção de um resultado específico. Neste trabalho, esclarecemos o conceito usado por Foucault (2009a) que entende dispositivo como a capacidade produtora de sujeitos e sentidos que constroem e reconstroem de maneira permanente, inacabada, em um jogo de ordem-desordem.

O conceito de dispositivo foi introduzido por Foucault em sua obra *História da Sexualidade*, buscando novas portas de entrada para a análise da realidade social coerentes com a concepção de poder e saber que atravessam o desenvolvimento de sua obra. Para o autor, a realidade é uma construção histórica, onde o “natural” não existe como tal, é uma forma histórica de compreender determinados aspectos do real. Além disso, Foucault entende que a compreensão do mundo não é possível

sem um questionamento permanente de tudo que nos cerca, do que nos faz ser o que somos, que nos constitui como sujeitos.

A trama social pode ser entendida como uma rede de forças que se misturam, se entrelaçam, se ocultam e se mostram. Para o autor não existe o saber sem o poder, que é construído em uma trama de poder. Poder e saber constituem dois lados de uma mesma moeda. Uma sociedade sem relações de poder é, para Foucault, impensável.

Entre os conceitos de dispositivos usados na área da Educação, na formação de professores, temos também outros conceitos como o usado pela autora Marta Souto (2007), que entende dispositivo como um meio para possibilitar que os sujeitos se disponham a aprender, utilizando como ferramenta que conjuga tempos, espaços, finalidades, marcos teóricos e técnicos, instrumentos e materiais que têm a função de possibilitar aprendizagens. Segundo Souto (2007, s.p), dispositivo é “um espacio estratégico y tácito que es revelador de significados, analizador de situaciones, provocador de aprendizajes y nuevas formas de relación y organizador de transformaciones”.

Almejamos, nesta pesquisa, conhecer as possibilidades de pensar o cinema como um dispositivo de formação, identificar os saberes e as representações construídas pelas professoras que compartilham a experiência de produção coletiva em grupo que, através do cinema, discutem formação docente. O cinema como dispositivo pode ser entendido como uma ferramenta, um meio, algo que se cria com uma necessidade de experimentação dos indivíduos a partir das significações construídas por essa relação.

O dispositivo passa a ser entendido como qualquer lugar/espço no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, um movimento em que o sujeito está implicado. Implica consigo, implicando-se a partir dos outros e implicando com os outros. O diferencial que encontramos no acréscimo da questão do dispositivo está na inscrição da pessoa no lugar formativo como alguém que se coloca, se experimenta, não participa passivamente, ouvindo teorizações, mas (re)visita seus repertórios formativos, problematizando-os pelas histórias fílmicas e na escuta de si e do outro.

Portanto, o que entendemos como dispositivo para a feitura desta pesquisa é aquele que dispõe, que permite ao sujeito a transformação na sua formação, refletir sobre a sua prática e discutir temas que entende relevantes para o seu

desenvolvimento profissional e pessoal. O dispositivo é um meio pensado com uma intencionalidade, o de provocar a reflexão de si e do outro, ele pode ser o grupo, um filme, uma música, uma aula, enfim, aquilo que dispõe o sujeito a pensar sobre determinado tema.

2.2 LEI 13.006: SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O COTIDIANO ESCOLAR

Na continuidade do pensamento sobre a importância do cinema para a escola e suas relações de criação, outro ponto relevante insere-se neste contexto, a aprovação da Lei 13.006 de Julho de 2014, que resultou do Projeto de Lei (PL 185/08) proposto por Cristovam Buarque sobre a seguinte redação: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais”.

A escola como território discursivo carrega o peso de ser tradicionalmente caracterizada pela afirmação de regras e certezas. O cinema, na escola, poderá ocupar o lugar do contraponto, tencionando-as com algumas exceções e dúvidas. Na escola, o cinema deixa de ser diversão cultural para passar a ser visto como um espaço produtor de sentidos que envolvem múltiplas subjetividades. Ele permite antagonizar, provocar deslocamentos desconstruindo posições dicotômicas e essencialistas características no contexto discursivo que é próprio do espaço/tempo das instituições.

A história narrada descreve situações semelhantes ao real, à hiper-realidade ou ao surreal. A análise feita produz novos significados que, por sua vez, produzem novos pensamentos e atitudes, podendo se somar como reflexões sobre o comportamento humano e social. O potencial de tramar o cinema e a educação é favorecer uma experiência cultural e cheia de significados sociais, construindo um novo olhar, oportunizando novas vivências e experiências.

O cinema vem para se opor ao mundo racional, bastante contemplado pela educação escolar. É por sua linguagem que o sensível aflora, onde as imagens buscam e refletem os sentimentos, as emoções e o corpóreo, é a experiência estética (HERMANN, 2010). A formação pelo e com o cinema tem como primordial a educação ético-estética, que suspende a normalidade das certezas justificadas. Ela

provoca o estranhamento, onde a razão especulativa não restringe a imaginação e a sensibilidade.

A Escola, agora, tem mais uma função, trabalhar o cinema como parte de sua proposta pedagógica, atrelar o cinema nacional como linguagem, como dispositivo formativo. Para que tal objetivo aconteça, é necessário oportunizar ao professor um contato com o cinema nacional, para que ele tenha repertórios para compartilhar com os seus alunos. Ver cinema, em alguma medida, nos coloca na disposição de criar (FRESQUET; MIGLIORIN, 2014, p. 15).

E quem nos diz que eles não têm contato com o cinema nacional? Esta pergunta nos faz recorrer, pois esta garantia de afirmação é um juízo pré-estabelecido e não possivelmente comprovado. É preciso ir à escola, verificar essas possibilidades e conhecer os imaginários desses professores sobre cinema nacional.

3 FORMAÇÃO CULTURAL ÉTICO-ESTÉTICA E SIGNIFICAÇÕES IMAGINÁRIAS

A tarefa de criação de si é ética e estética, envolve o sensível e o racional, o singular e o universal, e a relação entre os domínios tão separados não é de oposição ou exclusão, mas de complementaridade (HERMANN, 2010, p. 22).

A formação docente ainda hoje carrega resquícios da ciência positivista, responsável pela valorização da racionalidade técnica. Ao mesmo tempo, a formação passa a ser revista no sentido de ser dada maior ênfase à pessoa do professor, na medida em que não existe separação entre esta e o ser docente (NÓVOA, 1995; ABRAHAM, 1982).

Para formar-se não é preciso apenas frequentar um curso de formação, ela acontece em todos os espaços em que este sujeito professor está inserido, sua vida não está desassociada de sua profissão. Dentro dos ambientes dedicados ao repouso e aos momentos de distração, os passeios, os livros, o cinema são formas de lazer. Todos eles estão diretamente relacionados à sua formação, pois, ao ler um livro, assistir um filme, este sujeito está formando-se como pessoa e também como profissional. Essa inserção ao cinema ocorre dentro do espaço do *eu-pessoal*, passando para o *eu-profissional*, visto que, quando assiste a um filme, vai ao cinema, o professor está em um processo de formação, pois não há como separar o pessoal do profissional, sendo ela uma mistura contínua e intrínseca na vida do docente.

O professor se forma não só pelo que aprende na sua formação inicial, pelos cursos de formação propostos por suas redes de ensino, forma-se pela convivência com o aluno, pelo estar na escola com seu colega, pelo estar fora da escola com outras pessoas, outros espaços. Estes outros modos de formação é o que pensamos relevantes nestes tempos em que o docente não se sente mais atraído pelas formações que lhe são ofertadas. Aquelas em que se veem ouvintes de algo que, segundo eles, não é significativo para o seu dia-a-dia, seu saber fazer. Para Nóvoa (2009), existe um consumismo, um mercado de curso, e este deve ser substituído por uma formação baseada na partilha, no diálogo profissional.

Muitos programas de formação contínua têm-se revelado inúteis, servindo apenas para complicar o cotidiano docente já de si fortemente exigente. É necessário recusar o consumismo de cursos, seminários e ações que caracteriza o actual "mercado da formação" sempre alimentado por um

sentimento de "desatualização" dos professores. A única saída possível é o investimento na construção de redes de trabalho colectivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional (2009, p. 23).

A importância de construir uma formação além desses espaços e que prioriza o sensível, o estar com o outro e compartilhar de experiências que o transforme é bastante pertinente neste momento em que o professor reclama da falta de tempo, de formações vazias ou que não significam para ele algo relevante em sua vida. Imbernón (2011, p. 54-55) compartilha do pensamento de que formação não é treinamento, o qual os professores estão acostumados a assistir cursos e seminários em que o palestrante é o especialista que estabelece o conteúdo e o desenvolvimento das atividades.

Uma formação ético-estética é apoiada em estratégias da arte de viver, onde o sujeito professor se forma, e forma o outro, transforma-se e é transformado, o que, nas palavras de Hermann, significa que,

O homem forma a personalidade livre e singular numa multiplicidade de experiências autodeterminadas, numa ação recíproca entre o homem e o mundo. Formação é um trabalho de si mesmo, numa abertura dialética entre a experiência no mundo e um projeto de mundo. Nesse trabalho de si mesmo, há uma dimensão estética, enquanto uma livre-criação de si (2010, p. 112).

O conhecimento através do sensível, por outras formas de estar junto, de compreender o espaço de formação. O cinema pode ser um dispositivo de formação quando o professor, ao assistir um filme, forma-se enquanto pessoa e também como profissional. Ao ver cinema ele pensa na possibilidade daquela obra poder ser utilizada em seu trabalho, os temas discutidos na grande tela podem refletir no processo de ensino-aprendizagem na sala de aula.

Ferry (2008) entende que a formação acontece em todos os espaços, quando o professor reflete sobre suas ações, mas ele não se forma sozinho, para tal há de ter uma mediação. As mediações podem ser variadas, podendo ser uma conversa, um livro, uma peça teatral, um comentário ou um filme. O formar-se através destes dispositivos só se torna possível quando o docente está predisposto e compreende seu desenvolvimento pessoal e profissional de um modo positivo. Nesse sentido, entendemos que um dispositivo de formação é realmente um dispositivo quando agrega a estes sujeitos novas formas de viver a sua vida e a sua docência.

Os professores que utilizam filmes como um recurso à reflexão e como fonte

de conhecimento percebem o potencial disso à formação pessoal e coletiva, resultando em práticas de socialização dos sujeitos. Duarte (2002) coloca que a educação escolar é vista como uma das formas de socialização, compreendendo a aprendizagem como interação, participação. O cinema produz relações sociais, tem um papel relevante na formação do pensamento, na produção de saberes, na construção de identidades, na percepção do real.

Essas relações sociais são possibilidades de formação, pois, ao compartilhar as aprendizagens, este professor constrói uma relação de cumplicidade, de unidade dentro do seu espaço de trabalho, onde pode dividir os problemas, as dificuldades, as angústias, os fracassos e sucessos da sua profissão. A formação continuada não deve ser entendida somente como espaço de atualização científica, didática e psicopedagógica do professor, mas um ambiente propício para que se possa descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir uma teoria (IMBERNON, 2000, p. 51). A formação aqui é entendida como um espaço de aprendizado compartilhado entre todos os sujeitos dentro do seu desenvolvimento profissional docente. A ideia da escola como o lugar da formação dos professores, como o espaço da análise partilhada das práticas, enquanto rotina sistemática de acompanhamento, de supervisão e de reflexão sobre o trabalho docente. Nóvoa (2009, p. 41).

Todos os modos de estar junto fazem com que o professor se integre e se disponha a abrir as janelas que se trancam no momento em que, dentro de seu espaço, de sua sala de aula, entende que ali está seguro, longe de todas as dificuldades que este ofício comporta. Se estes espaços forem abertos, a educação terá um cunho mais investigativo-reflexivo, que apenas reprodutivo. Para tal, precisamos entender que toda nossa formação precisa de parceiros, aqueles que estão ao nosso lado, muitas vezes contrariando nossos entendimentos, mas contribuindo para o nosso aprendizado.

Nóvoa (2009) reforça a necessidade de se fazer uma formação de professores construída dentro da profissão. Todos os dispositivos são imprescindíveis para que possamos nos reconstruir enquanto professores, compreender que ser professor não é apenas repassar os conhecimentos específicos os quais fomos preparados, mas trabalhar com as possibilidades, estar abertos aos novos horizontes que o nosso trabalho pode nos proporcionar.

O cinema como linguagem tem a possibilidade de deslocar o sujeito, desprendê-lo de sua vida cotidiana, o qual se vê pelas personagens da história, se

assemelha ou se repele, não querendo se parecer com o que assiste na grande tela. Morin (2014, p. 116) explicita esta característica da sétima arte em uma mistura onde o espectador é tudo e também nada, um sistema de projeção-identificação.

"Um traço essencial do cinema é que ele age pelo espectador e em lugar do espectador. Ele substitui nossa investigação pela dele" (MORIN, 2014 p. 240) O psiquismo do cinema enquanto dispositivo de formação não elabora apenas a percepção do real, ele secreta também o imaginário,

Verdadeiro robô do imaginário, o cinema "imagina para nós, imagina em nosso lugar, e ao mesmo tempo fora de nós, com uma imaginação mais intensa e precisa". Ele desenvolve um sonho consciente sob vários pontos de vista, e sob todos os pontos de vista, muito bem organizado. O filme é representação e ao mesmo tempo significado. Ele remixa o real, o irreal, o presente, a vivência, a lembrança e o sonho no mesmo nível mental comum (MORIN, 2014, p. 240).

Ao assistir a um filme, a projeção acontece, seja de modo positivo de sentir parte daquela história, seja pelo não querer ser, não querer sentir, o cinema provoca no espectador dores, sentimentos, cheiros, vontades que não são reais para aquele que é atravessado por elas. A história se assemelha a sua. A pessoa, quando assiste, se vê na tela, se projeta e cria outras formas de ser enquanto sujeito e docente.

O sujeito não se vê no filme, mas sente como se fosse; aquela história parece a sua, os conflitos, os seus olhos parecem que se destacam do seu corpo, tendo a sensação de estar fora dele, sua alma se mistura à alma da história projetada na grande tela. "O espectador ignora muitas vezes que é ele e não a imagem que chega à visão global" (MORIN, 2014, p. 152).

O filme se parece com um sonho, que nos remete a uma incrível sensação de liberdade, de um olhar que vislumbra ângulos de visão estranhos, que chega até complementar a si mesmo. A imagem da lembrança ultrapassa o ângulo de visão do nosso olho, englobando, muitas vezes, a nossa própria pessoa. "Olhamo-nos e vemo-nos com olhos aparentemente duplicados, com complementações imaginárias e racionalizações psicológicas" (MORIN, 2014, p. 154).

A fruição que o cinema provoca no olhar se transforma com o sujeito enquanto vive aquele filme, aquela história, sentindo-se parte dela, buscando naquele enredo o seu clímax, o seu momento perfeito da história, em que o equilíbrio se reestabelece. O movimento que o cinema provoca altera a

materialidade do corpo, a potência afetiva, adquirindo uma realidade aos olhos daquele que vê, o espectador.

Pela tela, o sujeito professor começa um processo de conhecimento singular, capaz de perceber detalhes e elementos diferenciados que a situação exige, a sua percepção sobre si provoca um reconhecimento das emoções, da dialética entre o universal e o particular, capaz de construir outras possibilidades de estar na docência. Hermann (2010) considera essa experiência como ético-estética em que:

[...] Pode-se aprender na vida a arte e na obra de arte aprender a vida. Sobretudo naquilo que a obra artística permite imaginar-nos no lugar do outro, preparando-nos para a difícil aprendizagem da arte da vida que é decidir nossa própria ação, a criação de nós mesmos (2010, p. 107).

Este aprender, a partir de uma nova possibilidade de criação, a nossa própria criação, possibilita decidir sobre o que nos interessa ou não, o que nos é relevante enquanto formação e autoformação. O cinema tem esse papel, pois, através dele, muitas histórias se cruzam, muitos temas são discutidos, vidas acontecem e se transformam, a tela reinventa um novo docente. Um sujeito que se forma a partir das suas vivências enquanto ator da sua própria história, a sua vida como uma obra de arte.

3.1 O CINEMA COMO INSTITUINTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A escola é uma invenção da sociedade. Foi criada, por seu caráter funcional, um espaço dedicado à educação formal. Como tal, fora pensada a partir de uma lógica conjuntista-identitária, pela sua significação imaginária e sua dimensão simbólica (OLIVEIRA; SILVA, 2015, p. 171). Como instituição imaginária da sociedade, a escola é constituída de significações simbólicas acerca da sua função na sociedade. Nela e por ela a educação acontece de modo de um Imaginário instituído, que, pela teoria do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis, significa:

O imaginário social instituído é aquele que assegura a continuidade da sociedade, a reprodução e a repetição das mesmas formas que a partir daí regulam a vida dos homens e que permanecem o tempo necessário para que a mudança histórica lenta, ou uma nova criação maciça venha transformá-las ou substituí-las radicalmente por outras (CASTORIADIS, 2004, p. 130).

É na escola que o professor está e se constrói enquanto profissional; suas percepções imaginárias sobre este espaço e sua formação são construídas através do simbólico. O Imaginário instituinte se faz presente através da autocriação, pelo qual,

Os indivíduos são feitos, ao mesmo tempo que eles fazem e refazem, pela sociedade cada vez instituída: num sentido, eles são a sociedade. Os dois pólos irredutíveis são o imaginário radical instituinte - o campo de criação social-histórico - de um lado, e a psique singular de outro lado (CASTORIADIS, 2006, p. 123).

O cinema é, para a formação de professores, Instituinte, a possibilidade da mudança, de provocar transformações na escola, o qual possibilita (re)inventar outros modos de ser e estar individualmente e coletivamente. Dentro desses modelos de formação automatizados, o cidadão é obrigado a envolver-se,

Num trabalho incessante de formação e re-formação, de aquisição e reaquisição de competências, de aumento das certificações e de preparação para uma vida de procura permanente de um emprego: a vida está a tornar-se capitalização contínua do *self* (ROSE, apud, NÓVOA, 2009).

O Imaginário Instituinte está nas outras formas de criação e autocriação, em que o indivíduo usa de seu imaginário radical para construir outras maneiras de estar naquele espaço social. Com tal intuito,

A sociedade instituída sempre é trabalhada pela sociedade instituinte; sob o imaginário social estabelecido sempre ocorre o imaginário radical. Aliás, é o fato primeiro, bruto, do imaginário radical que permite não "explicar", mas sim deslocar a questão colocada pelo "acontece" e o "há" do parágrafo precedente. Há pluralidade essencial, sincrônica e diacrônica de sociedades significa há imaginário instituinte (CASTORIADIS, 2006, p. 129).

O imaginário instituído são as crenças, os valores, as ideologias, aspectos que caracterizam o modo de ser e estar do sujeito nas instituições sociais. Nas palavras de Castoriadis (1982), "[...] numa sociedade dada, é o que torna possíveis para os indivíduos as "coisas percebidas" ou representações perceptivas e que define cada vez quais são as coisas e como elas são" (p. 410). Isto é, tudo que está e é realidade. Já, o imaginário instituinte é a possibilidade do novo, de transformar as concepções de homem e mundo instituídas/prontas. É a capacidade de criar das coletividades humanas, de se impor, de se considerar ser pensante e autônomo.

Conforme Castoriadis (1982), é a “criação ex nihilo, o fazer-ser de uma forma que não estava lá, a criação de novas formas de ser” (p. 129).

O Instituinte se faz presente no Imaginário radical do ser humano singular, não instituído sem o instituinte da sua representação imaginária. A representação instituída da formação se mostra nos espaços em que ela acontece, de tal forma que os que convivem nesses espaços não compõem outras maneiras, outras formas de estar lá. A Formação docente, nos espaços instituídos, está presente nos seminários, nos congressos, nos grandes espaços onde o professor se coloca como um ouvinte não reflexivo, em que lá está, mesmo que aquilo não tenha sentido.

A formação em outros espaços, com outros dispositivos, torna-se um espaço instituinte, nos quais quebram com os paradigmas já colocados e cristalizados na instituição Escola. Essas significações Imaginárias, que não se referem nem à realidade, nem à lógica, são sociais, que, segundo Castoriadis (2004, p. 130), significa que:

Uma vez criadas, tanto as significações imaginárias sociais quanto as instituições se cristalizam ou se solidificam, e é isso que chamo de Imaginário Social Instituído, o qual assegura a continuidade da sociedade, a reprodução e a repetição das mesmas formas que a partir daí regulam a vida dos homens e que permanecem o tempo necessário para que uma mudança histórica lenta ou uma nova criação maciça venha transformá-las ou substituí-las radicalmente por outras.

Suas significações Imaginárias a respeito da formação docente se tornam instituídas no momento em que estão cristalizadas e solidificadas no magistério. Quando uma nova possibilidade de formação, através do cinema como dispositivo, faz-se presente, criam-se outras formas de estar naquele espaço, criando um espaço instituinte.

O cinema enquanto dispositivo torna possível à formação a criação de novas formas e de novos conteúdos com a intenção absolutamente explícita de mudanças. Neste lugar, o da formação docente, ainda impera a lógica da razão instrumental, em vias de afastamento da complexa rede simbólica que constitui a subjetividade humana ao compor o ser em nome da objetividade da ciência. Aqui, tratar da produção da subjetividade docente implica pensar que as narrativas das professoras devem ser compreendidas em seu tempo e espaço, o imaginário social em seu movimento Histórico.

Falar sobre si, através dos temas projetados na grande tela, torna este professor um sujeito criador que, como afirma Castoriadis (2004), nos mostra a importância do imaginário para a compreensão do ser/sujeito social e para sua constituição. Para tanto, o autor, em sua obra “Figuras do Pensável”, traz um questionamento do Porquê do Imaginário e em seguida responde:

Imaginário porque a história da humanidade é a história do imaginário humano e de suas obras. História e obras do imaginário radical, que surge a partir o momento em que há uma coletividade humana: imaginário social instituinte que cria a instituição em geral (a *forma* instituição) e as instituições particulares da sociedade considerada, imaginário radical do ser humano singular (CASTORIADIS, 2004, p. 127).

Portanto, instituir é criar novas possibilidades, dentro de um espaço em que as ideias já estão propostas e edificadas. Instituir é iniciar um outro processo que cria outras formas de estar naquele lugar, de viver naquela instituição. O cinema enquanto dispositivo de formação é uma outra alternativa, uma outra forma de estar no espaço formativo, sendo ele um instituinte em um espaço instituído, que é a formação docente.

4 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O termo método deriva, etimologicamente, do latim *methodus* e do grego *methodos*, significando "[...] o caminho através do qual se procura chegar a algo ou um modo de fazer algo" (TURATO, 2003, p. 149). Para o autor, o método de pesquisa deve ser entendido em uma perspectiva ampla, ou seja, um caminho escolhido para alcançar objetivos preestabelecidos na elaboração de um projeto de pesquisa.

A escolha metodológica se mostra relevante no momento em que a pesquisa necessita do conhecimento das histórias dos professores, suas vivências contadas por meio de lembranças que Bolívar (1997, p. 02) afirma como “contar as próprias vivências e ler, no sentido de interpretar, ditos feitos e ações, a luz das histórias que os atores narram, se converte em uma perspectiva peculiar de investigação”. Seguindo esta perspectiva, Kramer (1998, p. 23) contribui afirmando que “resgatar a história das pessoas significa vê-las reconstituírem-se enquanto sujeitos e reconstituir também sua cultura, seu tempo, sua história, reinventando a dialogicidade, a palavra”.

Nessa perspectiva, a dupla dimensão da pesquisa narrativa atribui ao professor o papel de sujeito do estudo, recolocando-o no centro das pesquisas educacionais, pois, ao mesmo tempo em que a pesquisa narrativa possibilita ao professor investigar sua própria prática e produzir seus saberes, garante o espaço para a formação docente, através da reflexão coletiva e socialização profissional. Nas palavras de Moraes,

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história mas o cruzamento de umas com as outras (1999/2000, p. 81).

Quando contamos nossas histórias e experiências para os outros, de forma escrita ou oral, elas deixam de ser somente nossas, pois passam a fazer parte da vida do outro. Desta maneira, as narrativas possibilitam a mistura das vidas do narrador, do ator da pesquisa e do ouvinte, no nosso caso do pesquisador, que, ao

compartilhar os relatos do narrador, pode tanto descrevê-los, reinterpretá-los, conforme as suas próprias formas de pensar, sentir e agir. Para Sousa (2008, p. 96), “o pesquisador que trabalha com narrativas interroga-se sobre suas trajetórias e seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta e a leitura da narrativa do outro.” Assim, as vivências narradas pelos professores, sujeitos da pesquisa, permitem que o pesquisador reflita sobre o seu próprio processo formativo.

Ao falar e/ou escrever sobre si, o narrador estabelece uma forma de comunicação que transita entre dois mundos inseparáveis: o individual e o coletivo, pois a dualidade “eu” e “outro” está impressa tanto no contador de histórias, o professor, quanto no ouvinte das histórias, ou seja, no pesquisador. Oliveira (2006, p. 179), ressalta que as narrativas desenvolvidas como dispositivos de formação/autoformação são proposições para espaços de experimentação de si de autoconhecimento.

As escolhas metodológicas deste trabalho foram encaminhadas pelo campo da pesquisa qualitativa. A pesquisa iniciou-se através de uma entrevista com tópicos abertos, pelo qual os professores, possíveis sujeitos da pesquisa, pudessem responder questões referentes à sua formação inicial, tempo de docência e questões relacionadas ao lugar que o cinema ocupava em sua vida pessoal e profissional.

Durante os encontros com os professores, questões referentes sua formação, suas percepções imaginárias sobre cinema, escola e formação estética foram inseridas no contexto, tornando o cinema um dispositivo de formação.

Ressalta-se a importância de escrita da narrativa, oportunizar aos professores participantes do estudo um mergulho interior, proporcionado não apenas pela leitura, mas, sobretudo, pela escrita de suas lembranças e experiências formadoras, refletindo de maneira consciente sobre os acontecimentos que realmente contribuíram para sua formação pessoal e profissional. Cochran-Smith e Lytle (1999, p. 325) afirmam que “um registro escrito de sua prática, serve para proporcionar aos professores um modo de reviver, analisar e avaliar suas experiências no tempo e em relação com outras estruturas de referência mais ampla”.

Entretanto, nesta pesquisa, foi importante - *a priori*, conhecer os sujeitos para, então, elencar a melhor forma de narrativa, escrita/oral. Entendemos que os fatos e os acontecimentos narrados pelo professor estão relacionados à sua subjetividade. Na narrativa oral, há uma possibilidade maior de contato com esse sujeito, com seus

olhares, seus sentimentos, seus pensamentos e sua reflexão sobre o que acredita ser verdadeiro, cabendo ao pesquisador buscar compreender a verdade, respeitando a vontade de seu pesquisado.

É importante para a feitura do trabalho, esclarecermos os termos que dão conta das percepções imaginárias destes professores acerca de sua relação com a sua formação, o cinema, sua formação estética e sua prática pedagógica. Essas percepções imaginárias, em suas significações, partem do pressuposto de que o Imaginário utiliza-se de um simbólico para existir e é constituído historicamente, construindo assim o imaginário social sobre algo, nesse caso o imaginário acerca do cinema (CASTORIADIS, 1982). Desse modo, o imaginário está longe de ser pura imaginação, esse é real, um produto coletivo do imaginário da sociedade. Conforme Castoriadis;

As profundas e obscuras relações entre o simbólico e o imaginário aparecem imediatamente se refletirmos sobre o seguinte fato: o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para “expressar-se”, o que é óbvio, mas para “existir”, para passar do virtual a qualquer coisa a mais (1982, p. 154).

O simbólico se faz real nas mais diversas formas de representações existentes em grupo social, que são percebidas e entendidas através de ações, nas formas de ser e agir, o que, para Castoriadis (1982, p. 155), “comporta, quase sempre um componente “racional-real”: o que representa o real ou o que é indispensável para o fazer e o agir”. As significações imaginárias dos docentes sobre cinema e educação não são imaginadas, mas construídas social e historicamente, através das vivências, dos movimentos, dos seus caminhos pedagógicos percorridos.

Essas representações do imaginário a respeito do cinema na educação se fazem presentes na prática docente, quando o professor utiliza do cinema com a intenção de tocar seus alunos, substituindo o seu olhar, permitindo, através da sétima arte, conhecer outras culturas, outras ideias, outras formas de ver o mundo, olhando pelos olhos do outro, o que, para Fresquet (2007), significa:

Ele nos faz refletir acerca do que sucede quando estamos olhando nos olhos de outra pessoa. Enxergamos, nas suas pupilas, o reflexo do que está olhando (incluída a nossa própria imagem). No olhar do outro vê-se tudo aquilo que não alcançamos com os nossos olhos. Embora aproximando-nos de lado, olhando num mesmo horizonte, juntando rosto com rosto, existe um excedente da visão do outro que não alcançamos (FRESQUET, 2007, p. 38).

Olhar com o olhar do outro, o docente, que em sua formação tem representadas outras perspectivas do cinema, do que seria ver filmes, o seu olhar sobre a sétima arte. Suas percepções a respeito de sua formação, estando em contato com o cinema, nas suas diferentes formas. Bergala (2008) entende esse processo como:

A gente se situa exatamente no mundo do espectador cinematográfico, aquela pessoa que aprende sobre cinema sem nunca ter feito uma escola de cinema, mas que aprende vendo filmes, aprende lendo, aprende trocando informações, aprende fazendo cursos, aprende...aprende de todas as maneiras possíveis (BERGALA, 2008, p. 29).

O aprender está entendido aqui como processo de formação do professor. Não sentimos aqui a formação escolar, mas o seu aprender, que vem ao encontro das palavras de Ferry, quando este se refere à formação docente.

Trabajar sobre si solo puede hacerse em los lugares previstos a tal propósito. Si uno está haciendo um trabajo profesional, uno trabaja para otros;el professor que da classe trabaja para los alumnos. No se forma. Y me van a decir ustedes seguramente: si porque desarrolla su experiencia. Y yo les respondo: pero esta experiencia no va a ser formadora para él, sólo lo será si em um momento dado, y em um tempo dado, trabaja sobre si mismo. Pensar, tener una reflexión sobre lo que se há hecho, buscar otras maneras para hacer..., eso quiere decir el trabajo sobre si mismo. [...] **Reflexionar es al mismo tempo reflejar y tratar de comprender, y em esse momento sí hay formación** (FERRY, 2008, p. 55,56).

Segundo o autor, ninguém forma ninguém, o sujeito é que se forma e, para tal, existem três princípios indispensáveis a fim de que a mesma aconteça: o tempo, o espaço e a relação com a realidade.

4.1 O ESPAÇO DA PESQUISA: A ESCOLA LEONOR PIRES DE MACEDO

A Escola pode ser um bom espaço para se falar sobre Educação. Neste lugar onde se vive e convive com as alegrias e conflitos da docência, os professores terem a oportunidade de conversar sobre as possibilidades da formação docente é fator imprescindível; assim como conhecer os imaginários dos docentes acerca da maneira pela qual são construídos os espaços formativos, e discutir a respeito da inserção de outras linguagens, como a música, o teatro, o cinema, entre outros.

Conversaremos então sobre ela, "a Leonor", para aqueles que a frequentam quase todos os dias. Nossa pequena protagonista vive na Vila Pelizaro, na periferia da cidade de Restinga Sêca, município do centro do Estado do Rio Grande do Sul.

Está localizada em cima de um morro, de onde contempla a cidade toda, por mais que esteja no alto, parece esquecida por aqueles que não querem olhar para cima ou que possuem um olhar incapaz de alcançar a sua grandeza. É construída pelos seus alunos, funcionários e professores. Constituída por 21 profissionais, divididos entre equipe diretiva, professores, monitores, profissionais de serviços gerais e do setor administrativo. Quanto ao número de alunos, é uma escola relativamente pequena, considerando outros espaços escolares, pois possui 150 alunos, entre o primeiro e o nono ano do Ensino Fundamental.

Na sua estrutura, sente-se um tanto sucateada pelo tempo e pelo esquecimento dos que prometeram deixá-la mais bonita. Entre todas as escolas municipais da cidade, fora a última a receber a quadra coberta, o que deixa a comunidade triste e sentindo-se abandonada pelas autoridades governamentais. Como na maioria das escolas públicas brasileiras, grande parte do que possui é fruto das pessoas que trabalham nela, mas nem tudo é possível e o que requer investimento público espera pelo olhar e vontade dos governantes.

A Leonor é, como as outras escolas, um lugar de aprendizagens, de convivências, o espaço no qual o professor se constitui enquanto profissional, onde as suas experiências são vivenciadas. Esse espaço, como um lugar de formação de professores, como um ambiente de análise partilhada das práticas, enquanto rotina sistemática de acompanhamentos, de supervisão, de reflexão sobre o trabalho docente (NÓVOA, 2009, p. 41).

A escola, “locus” escolhido para esta pesquisa, é onde, na maioria das vezes, o professor precisa estar em função do seu trabalho. Nesse espaço também é onde parte de sua formação profissional e pessoal acontecem, pois, nesse ambiente, o docente pode dividir e compartilhar seus anseios enquanto profissional da Educação. Inserir dispositivos que desconstroem o modo como as formações se apresentam ajuda em um novo olhar sobre si e seu estar na docência. Essas novas possibilidades provocam um estranhamento e uma necessidade de reconstruir conceitos e significados sobre o seu estar enquanto professor.

Quando o sujeito se familiariza com o estranho de si mesmo, com suas contradições mais fortes, incluindo elementos excluídos da sua identidade para se preparar para o manejo estético do externo a ele, o mesmo se reconstrói de forma ético-estética. A estranheza ao mundo é um momento da arte. O cinema, na formação de professores, traz um estranhamento em um espaço conhecido e familiar. Ele torna possível a este sujeito estar em contato com seu eu sensível.

Explorar o espaço da escola pelo olhar do sensível, pelo cinema como dispositivo, faz com que o professor se sinta protagonista de sua formação, de seu espaço. Para Macedo, os etnométodos⁴ produzidos pelos atores sociais possibilitam compreender como constroem realidades em que estão envolvidos (2012, p. 114).

Para o autor, o sujeito sentindo-se pertencente ao espaço e à pesquisa o qual está incluso, mobiliza-se, implica-se.

[...] o pertencimento produza implicação como modo de construção de saberes outros, de formações outras, porque pautados na diferença em busca de equidade social e histórica (MACEDO, 2012, p. 69).

Na escola encontro⁵ os meus sujeitos, as coautoras deste trabalho, os que responderão às minhas questões e me ajudarão a entender todas as ânsias, que me trouxeram a este espaço de pesquisa⁶, o mestrado. Este também é o meu local de trabalho, onde, além de produzir a pesquisa, construo o meu estar enquanto docente. Como já citada, a Escola Municipal Leonor Pires de Macedo, situada na cidade de Restinga Sêca, é uma escola que possui 21 profissionais, desses, 16 são professores, divididos entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Todos os docentes foram convidados a participar de um espaço formativo composto por conversas, discussões sobre formação tendo como dispositivo, o cinema.

A criação deste grupo de cinema é uma forma de fazer com que a formação aconteça no espaço da escola, para que nela seja possível consolidar as parcerias no interior e no exterior do mundo profissional. Nas palavras de Nóvoa (2009),

A colegialidade, a partilha e as culturas colaborativas não se impõem por via administrativa ou por decisão superior. A formação de professores é essencial para consolidar parcerias no interior e no exterior do mundo profissional (p. 41).

O ambiente da Leonor Pires de Macedo é um espaço rico em que prioriza a discussão sobre formação docente. Na escola, todos que nela trabalham formam e são formados pelas conversas no recreio, pelas reuniões pedagógicas, pelos

⁴ Termo usado pelo autor Roberto Sidnei Macedo (2012), que conceitua o método usado pela metodologia descrita como Etnopesquisa Implicada (Grifos meus).

⁵ A escolha pela 1ª pessoa do singular determina momentos em que eu, enquanto pesquisadora, trato a pesquisa de uma forma individual.

⁶ É importante ressaltar que este espaço da pesquisa é o meu lugar de trabalho, onde convivo boa parte dos meus dias. Portanto, a forma que trato a pesquisa é de quem relata os fatos, mas também os vive. Em alguns momentos me distancio para avaliar de longe, numa forma de poder compreender os aspectos conceituais da pesquisa, em outros estou envolvida, fazendo parte daquele espaço pedagógico. A pesquisadora se mistura à professora, fazendo deste trabalho uma experiência formadora.

rápidos comentários nos corredores e também pelas sessões de cinema, trazidas por esta pesquisa e nominadas pelas colegas da Leonor como “Encontros com o Cinema”.

A formação que começou com uma ação de uma pesquisa⁷ de mestrado está se tornando um lugar de formação para os professores da Escola Leonor Pires de Macedo. Todos que, de alguma maneira, participaram desses encontros sentiram vontade de falar sobre este espaço formativo e de refletir sobre sua formação enquanto professores.

4.2 ENCONTROS COM O CINEMA; O ESPAÇO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Figura 1 – Sessão de cinema nos encontros de formação



Fonte: Acervo da autora.

⁷ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria, sob o registro nº 55993416.8.0000.5346.

Os encontros de formação foram chamados por nós, professoras da Escola e participantes do grupo, de “Encontros com o cinema”. Um espaço de discussão a respeito da formação docente, que tem como dispositivo a sétima arte.

Foram seis encontros, todos eles com professores da escola que estavam no horário e nos dias, sendo estes pensados para contemplar todos os docentes, respeitando seus dias de trabalho na escola, os quais aconteciam sessões de cinema. Não há um número exato dos participantes, porque todos os docentes, lotados na escola, participaram de algum encontro. Deste modo, todos os vinte e um, foram convidados a participar e compartilhar o espaço de formação mediado pelo Cinema.

O primeiro encontro foi realizado na última reunião pedagógica do ano letivo de dois mil e quinze, onde estavam presentes todos os professores da Escola. O dia foi escolhido para que fosse apresentada a proposta a todos os professores, explicando a metodologia e deixando claro que se tratava de um convite, permitindo que participasse quem se sentisse interessado pelo tema. Também ressaltamos que seria dado, ao final dos encontros, um certificado de participação, veiculado à Escola e à Secretaria de Educação do Município.

Antes desta primeira reunião, fora disposto aos professores um pequeno questionário, o qual continha perguntas referentes ao tempo de docência, à relação dos professores com o cinema na vida e na sala de aula. A partir da entrega dos questionários daqueles que se sentiram livres para responder, pôde-se fazer uma primeira leitura a respeito da relação dos colegas com o cinema, quais os filmes que lhe agradavam, quando e por que escolhiam os filmes para serem levados para casa ou para a sua sala de aula, além de questões referentes às temáticas mais difíceis de serem trabalhadas.

O primeiro encontro, como já comentado, aconteceu em uma reunião pedagógica, neste dia, todos os professores que puderam estar presentes participaram da sessão. É importante ressaltar que todos os colegas foram convidados, os que não se sentiam à vontade para assistir e conversar sobre formação docente, tendo como dispositivo, o cinema, podiam sentir-se livres para não participar. Todos que estavam no espaço de cinema escolheram aquele tempo para conversar sobre formação, docência, falar de si com e para o outro. Para iniciar o trabalho, conversamos sobre alguns temas que foram dispostos aleatoriamente pelas professoras ao entrar na sala. Escolhemos estes temas como um roteiro para

iniciarmos a nossa conversa sobre formação docente, tendo como dispositivo o cinema. Os tópicos dispostos eram:

- 1- qual é o espaço do cinema em minha vida?
- 2- qual o Tempo que disponibilizo em minha vida para assistir filmes na televisão ou no cinema?
- 3- o que eu entendo por Formação continuada?
- 4- o que penso ser relevante para uma formação?
- 5- o que me faz perder a noção do tempo quando estou em uma formação?
- 6- quando eu uso o Cinema na minha sala de aula e por quê?
- 7- que temáticas me encantam quando escolho um filme para assistir?
- 8- qual a minha relação com Cinema Nacional?
- 9- Lei 13.006, o que sei a respeito?
- 10- como me tornei o professor que sou?

Cada colega professor adotou, sorteando entre os tópicos que estavam ao alcance deles, e, assim, todos falaram, se apresentando no espaço de formação, tendo como fio condutor o tópico nas mãos. Através das conversas, muitos temas surgiram. Estas serão relatadas e discutidas em nossa análise. Ainda no primeiro encontro discutimos a relação de cada um com o cinema e o que entendiam por curtas e longas-metragens. Para tal, conversamos sobre que tipos de filmes gostaríamos de assistir em nosso espaço de cinema e de quanto tempo disporíamos. Nesta conversa, concluímos que, com o tempo que tínhamos para o espaço do cinema, optaríamos por ver curtas-metragens.

Com o intuito de esclarecer a questão do tempo, para o primeiro encontro assistimos o curta-metragem “Porcelain Revised Score”, O Unicórnio de Porcelana, um curta-metragem alemão, lançado em 2010 pelo diretor Keegan Wilcox. O filme é um drama histórico que começa com um homem idoso que luta com as memórias da Alemanha Nazista, quando foi membro da juventude Hitlerista. Naquela ocasião, era um menino de doze anos que arrombou uma loja judaica e descobriu uma jovem judia, assustada, que tentava se esconder das tropas alemãs. Uma história densa que é contada em três minutos e dois segundos.

É importante esclarecer que uma das formas de registro da pesquisa foram os diários, cadernos em que as professoras poderiam escrever sobre as suas

impressões sobre os encontros, os filmes e tudo que tinha relação com a sua formação estética, “o sentimento, a sensibilidade, as emoções e o corpóreo” (HERMANN, 2010, p. 15). Em suas narrativas, recordações provocadas pela experiência de falar e escrever sobre si “de acionar a memória, trabalhando na reconstrução de acontecimentos, de imagens, de registros que foram produzindo e que são hoje como pessoas e como profissionais” (OLIVEIRA, 2007, p. 04).

Nestes diários poderiam ser registrados todos os momentos em que o docente sentisse a necessidade de falar sobre si, sobre o seu estar na vida profissional e pessoal. Colocar naquelas páginas tudo que queriam externar como que se contassem a um amigo querido que ouvisse com complacência, sem questionamentos, desabafos, alegrias ou juízos de valor.

O Segundo encontro foi na primeira reunião do ano letivo de 2016. Neste dia, ficaram para a hora do cinema apenas as professoras que se sentiram instigadas pela curiosidade de continuar a ver filmes e estar naquele espaço de formação. Para conversarmos sobre tudo que havíamos vivido em nossas férias, a música no cinema seria um tema interessante para ser discutido. Não há como pensar em um filme sem aquela música característica, aquele tema que nos remete àquelas emoções revividas pelo som que ouvimos. Quem nunca, ao ouvir uma música, se transpôs a um momento de alegria, dor ou saudade? Com o cinema não é tão diferente, ao ouvir o tema do filme preferido, a imagem se remonta em nossa memória como um *flashback* da história assistida. O dia de nosso retorno à escola me pareceu um dia perfeito para recordarmos, para brincarmos com nossas memórias, com aqueles temas que nos embalaram na sala escura do cinema ou no momento em que encontrávamos enrolados a um cobertor, esparramados em nossos sofás em um dia frio de inverno.

Pensei que seria interessante brincar com as memórias das trilhas cinematográficas de alguns filmes clássicos. Fomos conversando sobre os filmes que assistimos nas férias, todos embebedos pelo reencontro com a escola, colegas cheios de novidades. Começamos então conversando sobre os filmes que assistimos e se lembrávamos da música que embalava a história. Propus então um rápido exercício, descobrir a que filme aquela música pertencia, decifrar pelo som a imagem que nos recorria.

Iniciamos pela trilha do filme “Uma linda mulher” (Pretty Woman, 1990); os olhos atentos não viam a imagem, mas sentiam a emoção provocada pela música.

Rapidamente uma após a outra foi respondendo, parecendo crianças maravilhadas com a nova brincadeira. E assim fomos jogando, recordando e conversando sobre tantas memórias que aquelas trilhas traziam. O cinema, como meio, significa que a atividade de contar história com imagens, sons e movimentos, que “pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando o cinema em um formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação e de fruição” (FANTIN, 2006, p. 103).

O terceiro encontro aconteceu em um sábado pela manhã, depois de uma atividade de homenagem ao aniversário de emancipação política da cidade. Para este encontro pensamos em assistir uma produção nacional, pois nas conversas do recreio veio à tona a Lei 13.006, promulgada em julho de 2014, que prevê a obrigatoriedade de assistência de até duas horas mensais de cinema nacional na escola. Entre as discussões, algumas relatavam que não conheciam muito sobre o cinema nacional, que tinham interesse em ver o que é produzido além dos filmes de comédia que são veiculados nos cinemas da região. Com tal pedido, entendemos ser necessária uma obra que se aproximasse das nossas conversas e que tivesse sido produzida em nosso estado.

O curta escolhido foi o gaúcho “Traz outro amigo também” filme dirigido por Frederico Cabral, lançado no ano de 2010, adaptado do conto de mesmo nome escrito pelo autor português Yves Robert. O filme conta a história de um detetive que é contratado por um homem para encontrar seu amigo imaginário de infância, desaparecido há mais de cinquenta anos. A princípio, aceita o caso somente pelo dinheiro, mas quando descobre que seu sobrinho tem um amigo imaginário, começa a utilizar a imaginação das crianças para encontrar uma solução para o caso.

O filme nos remete à infância e ao lúdico e desta experiência, muitas histórias foram contadas, compartilhadas. Todas nós, presentes naquela sessão de cinema, voltamos aos anos de infância e relembramos algumas cenas marcantes de nossa história. A docência foi bastante citada como espaço de criação e da necessidade de conversar sobre todas as nossas angústias enquanto professoras. O filme foi um dispositivo⁸ que provocou relatos referentes ao dia-a-dia da sala de aula, das questões que nos afligem enquanto docentes. Aquele espaço de discussão foi além

⁸ Como dispositivo, entendemos o conceito disposto por Marta Souto que se refere a ele como um artifício disposto para obter um resultado ou uma função especial; um mecanismo que atua de forma distinta com o objetivo de produzir um efeito dado.

do tema mostrado no curta-metragem, conseguiu adentrar nos conflitos de cada professora presente.

Pensamos que conhecer os imaginários dos docentes sobre a produção cinematográfica brasileira e suas experiências estéticas com o cinema exige dar visibilidade às histórias de vida. Vemos a narração do próprio percurso através da formação com filmes como propulsor a investigação e a autoformação. Lembrando que, segundo Ferry (2008, p. 54), “nada forma o outro” e, por entre essa perspectiva de formação, quer se compreender que o sujeito se forma no seu interior, buscando a percepção de seu desenvolvimento a partir de seus próprios movimentos em relação às mudanças e às transformações.

Neste terceiro encontro conversamos sobre a relação do tempo, para tal, relacionamos algumas citações do autor Edgar Morin (2014), retiradas do livro, “O cinema ou o homem Imaginário”. Como metodologia de discussão cada uma retirou de uma pequena caixa um papel que continha uma assertiva retirada do livro de Morin, (2014). Tendo a citação em mãos, os professores desenvolveram como exercício, fazer a relação do que liam com a sua história de vida, sua formação. Para isso, a memória se fazia presente, as lembranças de livros, brincadeiras, filmes e músicas que levavam a um momento de construção do professor que estava naquele espaço, conversando sobre sua vida e sua docência.

Pensando a estética em um sentido largo, como modos de percepção e sensibilidade, a maneira pela qual os indivíduos e grupos constroem o mundo. É um processo estético que cria o novo. Pensar o cinema na formação de professores como um processo que cria o novo. Relembrar os filmes que assistiram e tiveram significado em sua vida faria os professores refletirem sobre as suas formações estéticas, que ajudaram a construir os seus imaginários a respeito do que seria o magistério.

No encontro seguinte, escolhemos como filme para discussão o curta “Mr. Hublot” um filme de animação luxemburguês, dirigido por Laurent Witz e Alexandre Espigares, vencedor do Oscar de melhor animação em 2014. Na história, o Senhor Hublot é um robô aposentado, muito perfeccionista, que sofre de TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e detesta mudança. Ele vive em uma cidade onde todos são feitos de diversos metais (especialmente cobre). Em um certo dia da sua pacata vida, olhando pela sacada de seu apartamento, avista um cachorro robô de rua latindo por causa da movimentação da cidade. No dia seguinte, Hublot vê mais uma

vez o mesmo cachorro, tremendo por causa do frio e tendo que dormir em uma caixa.

Os dias seguem e, num deles, Mr. Hublot avista um caminhão de lixo passando e levando a caixa onde o cachorro dormia. Mr. Hublot, assustado, tenta sair de sua casa para salvar o cachorro, porém as suas manias de perfeição o impedem de sair com rapidez. Chegando na rua, vê que já é tarde e que a caixa carregando o cachorro já havia sido destruída pelo caminhão do lixo. Quando sai triste e desiludido por não ter chegado a tempo, vê o cachorro ao seu lado. Feliz, resolve adotá-lo e o leva para casa, entretanto não se dá conta das mudanças que este novo hóspede fará em sua casa e em sua vida e decide enfrentar o seu medo de mudanças para começar a lidar com a sua nova vida.

O filme resultou em muitas discussões referentes às mudanças que a docência nos propicia, as dificuldades de lidar com o inesperado, com o que não fora planejado. Todas presentes relataram as suas dificuldades ou não em se adaptar às mudanças, contando o que, em sua vida, seria o cachorro, fazendo uma metáfora com a personagem da animação.

Seguindo em nossos encontros com o cinema, resolvemos tratar as emoções, não que nos outros encontros isso não tenha feito parte de nossas rodas de conversa. Mas, nesse dia, escolhemos um curta que tratava especialmente das emoções, dos sentimentos, do nosso cuidado conosco e de como lidamos com ele em nossa vida e na docência. Para este encontro, escolhemos o curta “Sentimentário”, dirigido por Caio Mazzili, Carolina Araujo, Carolina Gaessler e Afonso Araujo. O filme conta a história de um menino que, inconformado com a frieza das definições das palavras no dicionário, decide que vai criar o seu próprio livro de significados. Entretanto este livro não terá apenas a definição escrita em palavras, mas os sentimentos que cada palavra traduz. Para tal, ele cria um dicionário que chama de “sentimentário”.

Este filme resultou em muitas outras histórias que foram atravessadas por todos que estavam presentes naquele espaço de formação, suas impressões a respeito dos sentimentos e da ausência deles em alguns momentos da sua vida acadêmica e profissional. Em nossas conversas a respeito deste filme ficou explícita a importância do olhar, do sensível no espaço docente, a relação do ouvir e ser ouvido, criar laços de afetos entre os nossos pares e ímpares, entre alunos e professores.

O último encontro foi para conversarmos sobre todos os outros, sobre a experiência dos encontros com o cinema, para continuarmos as discussões sobre docência, formação, tempo, entre outros. Neste dia, resolvemos escolher um filme produzido e dirigido por restinguenses, para conversarmos um pouco sobre o nosso entendimento no que tange a cinema nacional e como foi a experiência de ter um espaço coordenado por uma colega de trabalho. O filme escolhido é um curta-metragem intitulado “A Farsa Seca”, dirigido pelo restinguense Fabricio Kolterman. A história gira em torno de um homem sem muita sorte que, ao recuperar uma obra do artista Iberê Camargo, que fora roubada, torna-se herói municipal. A particularidade deste diretor é usar em seus filmes pessoas da comunidade, que não têm formação técnica no teatro ou no cinema e de mostrar as histórias do folclore popular da cidade.

Também neste último encontro, conversamos sobre as questões que envolviam a formação docente e especificamente nossos encontros. Conversamos sobre a experiência de participar de um espaço formativo na escola, mediado pelo cinema, sob a orientação de uma também professora e colega de todos, o que neste cenário parecia novo e diferente e o que as incomodava dentro do modelo proposto.

O último encontro foi pensado como forma de avaliação de todos os outros e da metodologia utilizada, se ela fez sentido aos colegas que participaram ou se, no entendimento de todos, não houve o resultado esperado. Entender o espaço escolar como um espaço de formação é colocar o docente como o centro desse processo, na sua escola, com os problemas mais específicos direcionando para que os professores possam falar sobre as suas angústias e vitórias dentro do seu espaço de trabalho. Nóvoa (2009, p. 43) entende que os professores devam reforçar seu sentimento de pertença e de identidade profissional, que é essencial para que eles se apropriem dos processos de mudança e os transformem em práticas concretas de intervenção.

Neste último encontro também foi o momento da entrega dos diários, todas deviam levar o seu diário e entregá-lo a mim, para que eu pudesse compartilhar de suas reflexões a respeito dos encontros e de tudo que elas achassem importante de ser contado ou as coisas que quisessem dividir com o diário. Entre as colegas que participaram do primeiro encontro, dez aceitaram o convite de fazer o exercício de escrever no diário. Das dez envolvidas, sete devolveram o diário, entretanto, três devolveram o diário em branco ou com apenas uma mensagem, usando como

justificativa a ausência nos encontros ou pelo fato de não assistirem filmes. Para estas colegas professoras, a escrita não foi sentida como uma reflexão de sua formação, entendendo que só poderiam fazer anotações, contar sobre si, se estivessem presentes em um espaço formativo pré-determinado, neste caso específico, os encontros com o cinema. Para elas, o fato de não estar presente não tornava significativo tal exercício. As quatro restantes que entregaram os diários compostos por reflexões a respeito da vida, dos filmes que assistiram, das suas experiências enquanto professoras e seres humanos inseridos no mundo, de forma totalmente pessoal, contaram suas vivências, dentro do que cada uma delas entendeu que era um diário.

4.3 AS MARIAS; COAUTORAS DESTE TRABALHO...

Se pudesse escrever e falar sobre cada um que participou dos encontros com o cinema, escreveria, mas, por questões de ordem metodológica e de tempo, visto que não teria como analisar cada um de forma a contemplar todas as suas minúcias, no tempo em que um curso de mestrado comporta e uma dissertação deve ser escrita, não teria como fazer tal trabalho. A escolha sempre nos faz deixar de ter um para ter o outro, ela sempre carrega uma perda e um ganho em tudo o que escolhemos, o mais difícil é se desfazer daquilo que não podemos ter e devemos deixar ir. Todos que participaram, de alguma forma, da formação me pareciam importantes na hora da escolha, uma fala, um comentário, uma palavra que resumia muitos sentimentos, entretanto, precisava elencar alguns requisitos básicos para tal seleção.

Para facilitar o trabalho, questões de ordem foram importantes na escolha dessas professoras ao invés de outras. O primeiro deles foi a assiduidade, aquelas que participaram em todos ou quase todos os encontros. Outro ponto foi a entrega dos diários com as narrativas registradas, pois de todos os diários entregues aos colegas professores, num total de dez, sete professoras devolveram, conforme pedido feito no primeiro encontro. Destes sete cadernos devolvidos, dois vieram em branco e um com uma mensagem de boa sorte para a pesquisadora, nesta soma, sobraram quatro diários de professoras que sempre participaram dos encontros e se mostraram instigadas e provocadas pelo tema.

Outro ponto que também penso que será relevante para a análise é o fato de ter, dentre as professoras escolhidas, alguém que trabalhe em outras escolas, para

entender as diferentes condições organizacionais: “as múltiplas interações sociais com os colegas, pais e diretores; as normas e os valores partilhados e contestados, os costumes e as tradições que fazem a “cultura” de determinada escola” (FLORES, SIMÕES, 2009, p. 76).

Além dessas questões, minhas observações nos encontros e o interesse pelo cinema e pelos temas tratados também ajudaram na escolha. Diante de todos esses fatos, a investigação foi pautada na teoria do Imaginário Social, buscando conhecer as significações imaginárias de quatro professoras a respeito da docência mediada pela sétima arte. “Significações Imaginárias, entendidas por Castoriadis (2004) como a forma que cada um entende e dá sentido às instituições”. Para o autor, as significações não se referem nem à realidade, nem à lógica.

Uma vez criada, tanto as significações imaginárias sociais quanto as instituições se cristalizam ou se solidificam, e é isso que chamo de imaginário social instituído, o qual assegura a continuidade da sociedade, a reprodução e a repetição das mesmas formas que a partir daí regulam a vida dos homens e que permanecem o tempo necessário para que uma mudança histórica lenta ou uma nova criação maciça venha transformá-las ou substituí-las radicalmente por outras (CASTORIADIS, 2004, p. 131).

Para apresentar essas professoras de uma forma que fique reservadas a elas o anonimato, pensei em muitas personagens fílmicas das obras que havia assistido, porém, suas características davam referências a outras personagens, as da Literatura ou as conhecidas pelas histórias em quadrinhos. Porém nada que pensava me parecia verossimilhante às minhas coautoras, precisava de algo que pudesse caracterizá-las em suas essências, a força, a sutileza, a alegria de viver, a competência e a destreza de desempenhar todos os papéis da vida e da docência. A dúvida e a incerteza me acompanharam por um longo tempo, tudo que ouvia, via e assistia me remetia à possibilidade de pseudônimos para as participantes. Imersa em meus pensamentos, resolvi escolher uma trilha para acompanhar a minha escrita. Procurando entre as músicas que gosto de ouvir, encontrei Maria⁹, de Milton

⁹ Maria, de Milton Nascimneto e Fernando Brant, foi gravada por Elis Regina e Mercedes Sosa. Originalmente, a música foi gravada em 1978 pelo Clube da Esquina. Em 1980, Elis gravou a canção que faz parte do álbum “Saudades do Brasil”. “Maria, Maria” é o símbolo da força da mulher e segundo o cantor e compositor, a letra foi inspirada num personagem real, a Maria que tinha três filhos e morava na beira da linha de um trem. “Ela tinha gana e botava os filhos para estudar. Ela cuidava deles e eu não faço ideia como. A história dela é muito bonita. Eu não a conheci, mas o Fernando (Brant) conheceu”, conta Milton. Para ele, a música tem características em comum com a população brasileira. “O povo não desiste nunca e tem muita gana. É um exemplo na alma de cada um”, diz Milton.

Nascimento, a letra respondia a todas as minhas indagações, possuía as características de cada uma delas representadas naquele nome.

Maria, Maria
 É um dom, uma certa magia
 Uma força que nos alerta
 Uma mulher que merece
 Viver e amar
 Como outra qualquer
 Do planeta
 Maria, Maria
 É o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri
 Quando deve chorar
 E não vive, apenas aguenta
 Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria
 Mas é preciso ter manha
 É preciso ter graça
 É preciso ter sonho, sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida
 (...)

(Maria, Milton Nascimento)

Maria, uma mulher que pode ser muitas, o nome que caracteriza todas de alguma maneira; pela força, pela fé, pela dor, pela alegria de viver. Estas “Marias” são mulheres que vivem a docência da maneira que lhes cabe. São professoras que dedicam seu tempo, seu esforço, cada uma da sua maneira, com seu modo único e pessoal, que juntas fazem a Educação acontecer naquele espaço, a Escola Leonor Pires de Macedo.

“Maria, Maria, é um dom, uma certa magia”, a minha primeira Maria, a Alice, ela é alegria, vive e se caracteriza como alguém que não é deste planeta, entende a vida como um processo em que todos temos nossa função, porém não classifica o seu viver como algo difícil e sofrido. Vive o agora, tenta sempre ver e encontrar o lado divertido de ser professora. Maria Alice é leve, livre e desapegada dos pensamentos alheios, constrói sua docência junto à vida, um dia após o outro, aprendendo com os erros e acertos e festejando todos os ganhos da sua profissão.

Maria Alice é a alegria que contagia, a simplicidade de ver a vida não a torna simplista, quando fala sobre si, sempre se caracteriza como alguém fora dos padrões, tanto físicos quanto sociais, não se diz mais preocupada com as opiniões das outras pessoas, por mais que, por muito tempo, isso tenha sido muito presente em sua vida. Sempre tem uma solução para driblar os obstáculos do dia-a-dia da escola. Ela fez o processo inverso da maioria das pessoas, estudou Pedagogia depois de casar e ter filho, fato que, segundo seu relato, a fez crescer e amadurecer rapidamente. O fato de Maria Alice ter casado muito jovem, de uma forma que não lhe deu a escolha de decidir por si, pois as convenções sociais e as obrigações familiares falaram mais alto. Sempre que fala de suas experiências pessoais não as trata com dor ou mágoa, mas como aprendizado.

Olha, eu acho que depois que eu assumi que eu era assim, que eu não era deste planeta, que eu era destrambelhada, que a cama não precisava ficar estendida, que eu misturo tudo, e não tenho nada organizado. Eu acho que depois que assumi isso, eu sou muito mais feliz. É que eu sempre pensava que eu tinha que ser daquele padrão, que organiza, que deixa tudo arrumadinho, mas eu não sou assim, e nunca vou chegar a isso. A vida me fez assim. Eu era ansiosa, eu era angustiada, eu queria tudo para ontem, eu acho que eu era uma pessoa insuportável, mais do que eu sou agora. Mas assim colega, eu acho que a minha vida teve fases que foram atropeladas, que era muito nova, que ficou grávida, que se separou... aquela função toda. Então eu fiquei pensando, pra que que eu vou me estressar, eu nunca fui assim 100% estressada, acho que eu puxei pelo pai, o pai era assim, ah não dá hoje, faz amanhã, não dá agora, faz daqui a pouco e uma coisa que eu fico bem faceira, as pessoas que convivem comigo vão apreendendo essa aura e vamos aprendendo juntos... isso é muito bom...

Maria Alice está na carreira docente há doze anos, nesse tempo exerceu muitas funções dentro da escola, foi diretora, vice-diretora, professora. Sua experiência fez ela entender o funcionamento da escola em todos os seus âmbitos, o que a ajudou na compreensão dos processos de ensino-aprendizagem. Sempre que fala da docência, se pergunta por que o sistema não funciona e a burocracia se sobrepõe às vivências.

Quanto ao cinema, ele é presente em sua vida, gosta muito de ver filmes, nos finais de semana costuma assistir um ou mais, tem suas preferências; assim como na vida, os temas que a atraem são os de ação, aventura, não sente vontade de assistir filmes que tratam de dramas ou que sejam muito “melosos”:

Muitos filmes locados pelo ‘namorado’ por fim de semana. Assisto junto, gosto de ação, investigação. Detesto coisa melodramática. Gosto de frio mais pipoca, mais chocolate. Sábado à tardinha, hum, acompanhada.

“Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor”, a outra Maria tem jeito doce, porém forte, é determinada e dedicada. A perfeição é importante em seus atos, os cronogramas fazem parte da sua vida, organiza tudo de modo a não se perder entre todos os seus afazeres. Essa é Maria Luísa, que pelo seu significado pode ser gloriosa combatente, vitoriosa. A vida e a docência são planos pensados e repensados, trabalhados com maestria e competência, sempre está disposta a aprender, mas entende que o tempo é algo precioso e deve ser bem aproveitado, tenta não desperdiçar o que compreende ser importante, mas nessa firmeza em que leva a vida, tem uma doçura de quem não faz nada de forma mecânica, mas natural, pois ela é assim, gosta e todos ao seu redor a admiram por ser quem é, uma professora com cara de menina e firmeza de mulher.

Maria Luísa está na profissão há pouco tempo, são sete anos desde a sua formatura em Pedagogia e o ingresso na rede pública municipal. Quando iniciou, na escola do Boqueirão, não era apenas professora, mas diretora, merendeira, monitora. Muitas funções não a assustam, nem a impedem de gerenciar tudo de forma milimétrica. Seu tempo é muito precioso, pois o divide entre a escola, a casa e a universidade. É casada, não tem filhos, mas eles estão entre os seus planos. Quanto ao cinema, não costuma parar suas atividades para ver um filme, não sente a necessidade de assistir, ir ao cinema, costuma ver o que passa na televisão. Além de não conseguir conciliar os filmes que assiste em seu tempo livre com a sua sala de aula, entende que os trabalhados na escola devem ter uma pré-escolha e uma função didática:

Pouco, dificilmente, ‘paro’ as atividades diárias para assistir um filme. Quando assisto é porque a tevê está ligada e meu esposo procura um filme e assiste. Normalmente, gosto de drama, que conte uma história de vida. Não sei explicar o porquê, porém não chamam minha atenção filmes futuristas, de seres que ‘não existem’, de violência, de terror. Já trabalhei quando estive em sala de aula, acho que é uma ferramenta interessante desde que trabalhada com a turma para além da sessão. Vejo os filmes na escola como atividade de aula, diferente dos filmes em casa que são um momento de relaxamento.

“Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça,” essa Maria é emocional, também leve e muito bem humorada, vê a vida como um caminho contínuo e cheio de surpresas. Sua característica mais presente é a versatilidade, consegue resolver os problemas do dia-a-dia com inusitadas soluções. Ela, chamarei de “Maria Paula”, pequena e cheia de graça. Sua coerência incoerente faz o seu trabalho mais

dinâmico, sua sala de aula é o seu lugar de afetos, seus alunos, seus encantos, tudo se transforma em diversão, apesar de nem sempre ser fácil e tranquilo. Se diz uma professora desnecessária, pois acredita que o aluno precisa construir o seu conhecimento de forma independente.

Esta professora, formada em Pedagogia, tem dezoito anos de docência, trabalha quarenta horas na mesma escola com duas turmas dos anos iniciais. O fato de dedicar-se à mesma escola faz com que conheça a história de seus alunos e, assim, consiga trabalhar com suas famílias, conseguindo trazê-los para mais perto da escola.

Na vida se diz desorganizada, pois entende organização como algo duro, fechado, sem possibilidades. Se diz bem resolvida com a sua função enquanto professora, sabe que a ansiedade não ajuda em nada no processo de aprendizagem, tenta ser coerente no mundo totalmente discordante em que é a escola. Sabe se convencer do impossível, pois acredita em seu poder de persuasão, se diz louca, mas entendo que sua loucura compreenda o fato de tentar não levar a vida tão a sério. Ela busca na vida e na docência ser autêntica, vive a alfabetização e, muitas vezes, não compreende as nuances do que deve ou não ser lido, entende que o aluno é mais que apenas um ser sem luz, mas aquele que tem muito mais a ensinar que a aprender.

Maria Paula se diz cinéfila, adora filmes, séries e tudo que diz respeito ao mundo da sétima arte, não sabe quando e quem lhe apresentou o cinema, mas tem a certeza de que não sabe viver sem ele, tanto na vida quanto na docência. É para ela um espaço de aprendizados, tanto em casa, quanto no cinema traz lembranças de sua infância, juventude, os amores, as experiências.

Desde sempre lembro dos filmes em minha vida. Sessão da Tarde, infância sem computador... Sempre observei muito a paisagem e ficava atenta ao nome do lugar, cenário do filme. As séries também foram especiais e continuam até hoje. Sempre tem algo interessante que se aprende. Primeiro, filmes em casa, idas ao cinema de verdade. Namorar no cinema também é ótimo! O cinema é para mim um espaço significativo, amo... Procuro filmes que trabalhem valores, questões emocionais...

“Possui a estranha mania de ter fé na vida”, a nossa quarta Maria é uma mulher de traços fortes, espiritualizada, que tem sua sinceridade aflorada, o que, muitas vezes, é entendido como defeito nesse mundo um tanto quanto hipócrita. Maria Teresa é comprometida com tudo que se propõe a fazer, bastante detalhista,

se sente frustrada com alguns aspectos da vida docente. Porém, ela tem fé e acredita que as coisas darão certo no final. Tudo em sua vida foi conseguido com muito trabalho, teve que lutar com alguns preconceitos pela sua cor e raça. É uma boa ouvinte, porém poucos tem o privilégio de conhecê-la, para tal precisam conquistar sua confiança.

Em seus quase trinta anos de magistério já viveu muitas experiências, esteve em algumas escolas, conheceu muitas políticas públicas e receitas novas de como ser um bom professor. Maria Teresa viu algumas coisas funcionarem, outras nem tanto, já sentiu vontade de desistir, mas por algum motivo inexplicável não parou, continuou, seguiu acreditando que a Educação é o melhor remédio. Maria Teresa trabalha em duas escolas da mesma rede e vê grandes diferenças entre elas. Durante sua vida profissional, trabalhou como professora das séries iniciais por vinte e cinco anos; aposentada, decidiu prestar concurso para a disciplina de Geografia, em que tem formação acadêmica, e há doze anos é professora da rede municipal de Restinga Sêca.

Os filmes fazem parte da sua vida, gosta de assistir, sempre que pode, temas referentes ao mundo espiritual. Toda vez que pensa em uma cena fílmica, vem-lhe à cabeça a personagem de Whoopi Golderberg em “Ghost, do outro lado da vida”, não que se identifique, mas o tema e a forma como é tratada lhe faz lembrar de muitas coisas.

Ghost, este filme mexe com minhas emoções. Já assisti cinco vezes e em todas, choro muito. Mas é a trilha sonora que me deixa tão emotiva. O roteiro é muito esclarecedor, de uma maneira, por vezes cômica, sobre o outro lado da vida. Lembro de alguém na sala de aula fazer perguntas em relação a este tema. Lembro que respondi e citei o filme. cenas que aconteciam e que do outro lado da vida para quem acredita.

Apresentei uma breve descrição das coautoras desta pesquisa, a fim de que você, leitor, conheça as protagonistas do estudo, um pouco das suas histórias pessoais e da sua vida profissional. Um breve relato dos seus encontros e desencontros com a docência e sua relação com o cinema. Tentei caracterizá-las do modo mais sutil possível para que, quem leia este trabalho, consiga conhecer um pouco dessas professoras que se juntaram para conversar sobre docência, as dificuldades e os prazeres de ser professora, mediadas pela sétima arte.

Com estas professoras que dedicaram uma parte de seu tempo para reunir-se com um grupo que assistia filmes e conversava sobre os temas que eles

ressaltavam. Essas Marias que, junto as outras, discutiram docência, formação, tempo, relações, entre outros temas que cada filme assistido remetia. O cinema fora o meio escolhido por elas para conversar sobre todos os temas que fazem parte do seu ser enquanto docente. Essas vivências que são o corpo desta pesquisa não foram apenas um momento de responder a questões levantadas pela pesquisadora, mas de reflexão sobre o que é ser professor e a importância de se falar sobre isso no espaço da escola.

5 DOCÊNCIA, FORMAÇÃO ESTÉTICA: AS MARIAS E SUAS VIVÊNCIAS...

Os encontros com o cinema trouxeram a todos que participaram daquele espaço e para a pesquisa temas que são recorrentes na vida do professor. Para todos os assuntos como tempo, estrutura da Educação, o cuidado de si, os sentimentos, o cinema, entre outros. Neste trabalho, trataremos os temas que mais apareceram nas falas, nos encontros e nas narrativas das professoras, descritas em seus diários.

O objetivo do grupo de formação foi discutir a formação continuada, a relação ético-estética do docente, tendo como dispositivo o cinema. Com os filmes escolhidos e assistidos, algumas discussões vieram à tona, como as relações dos professores com o tempo, suas percepções a respeito das formações que participam, o espaço que o cinema tem em suas vidas e na sua sala de aula.

Outras questões como o cansaço e a decepção que o magistério vai inculcando em alguns docentes, uma dor, muitas vezes física, trazida pelos anos de trabalho, que no, seu entender, não é valorizado e respeitado. Também nesses encontros, conversamos a respeito da alegria de ser docente, de encarar as dificuldades com certa leveza, entendendo que cada um tem uma forma de lidar com os obstáculos que a nossa profissão propõe.

O conceito de formação que abarca esta pesquisa e norteou os encontros com o cinema é o de “experenciado”, de instituir outras formas de estarmos juntos, de poder repensar as formações continuadas que participamos e se queremos estes modelos para a nossa vida docente. No espaço de discussão mediado pelo cinema, conversamos sobre os modelos que são ofertados como seminários e cursos, geralmente indicados pelas secretarias de Educação, que, como forma de obrigação, exigem de seu professor a inserção nesses espaços.

Nas falas das professoras participantes desta pesquisa, o tema formação foi muito presente, sempre num contexto de obrigação, de não significação, pois, sempre que se referiam aos seminários, não os caracterizavam como lugares de formação, mas em lugares onde não havia uma relação entre as falas dos palestrantes com dia-a-dia na escola, com os problemas específicos do contexto em que vivem. Para Ferry, (2009, p. 46) “os aspectos de situações de formação, são tão eficientes quanto os conteúdos e os métodos. É evidente que o pequeno grupo representa uma estrutura privilegiada para a formação docente”.

Dessa maneira, a formação, quando acontece na escola, pode priorizar temas que são recorrentes e importantes para aquele grupo específico, sendo diferente quando este mesmo grupo faz um grande seminário com temas mais abrangentes. Maria Alice, ao falar da formação, entende que a mesma não pode ser vista como um espaço de formatação, onde todos devem sair com a mesma ideia a respeito de um determinado tema. Para ela, formação não é algo que acontece em um momento específico, em um lugar e um curso; formar-se acontece em todos os momentos, com a reflexão do que se faz, de entender os erros e os acertos como processo de aprendizado.

A palavra formação parece que a gente tenta entrar dentro de uma forma para ti não sair fora da 'casinha' (me referindo ao sair do padrão). Formação é assim: tu estás querendo sair fora, eles vêm e te botam de volta na forma. Mas para mim, e eu concordo com o que a colega falou, a gente está continuamente se 'desenformando', conseguir sair da casinha para olhar ao teu redor alguma coisa que te faça pensar sobre o teu trabalho. Eu tenho essa ideia de formação, estar em uma forma, porque tudo o que tu fazes, tu estás sendo testado (MARIA ALICE).

Neste mesmo tema de entender formação continuada como processo, Maria Luísa também entende que os seminários e cursos são espaços em que estamos, mas não compartilhamos, apenas ouvimos, não interagimos, não conversamos sobre determinados temas, apenas absorvemos e não significamos. Ela entende que a formação acontece na escola, em casa, na vida, quando refletimos sobre o que estamos fazendo, o porquê disso ou daquilo.

Então tu vais para uma formação para formar professores. Eu fico quatro horas lá..., eu não me formo nada lá. Eu me formo depois, quando eu vou para a escola, é lá que eu me formo. Lá, eu ouvi, achei bonito, mas eu estou olhando no relógio, vendo a hora de ir embora. Então essa questão da formação pra mim é muito... ai, assim, já fico ansiosa... (Risos) (MARIA LUISA).

As Marias entendem que se formar não é colocar-se em uma forma, é refletir sobre as nossas práticas e colocá-las em nossa vida. Nós não nos formamos apenas nos seminários, nos cursos, na graduação. Elas são uma das possibilidades de nossa formação, entretanto, temos a formação através da experiência estética, que é a formação que acontece em diferentes espaços, como uma viagem, uma visita a um lugar que queríamos muito, uma música, um filme, uma obra de arte. É nos desafiarmos, nos tirarmos de nosso espaço já conhecido e cômodo para outros

que nos incomodam e nos implicam, que envolvam a autocriação de si numa transformação do mundo interior de desejos e crenças (HERMANN, 2010, p. 101).

Esse estranhamento provocado pela experiência estética amplia nossas condições de reconhecimento da alteridade, atuando na perspectiva de nos tornar sensíveis frente às diferenças e às desqualificações do cotidiano. “O estranhamento atua decisivamente contra os aspectos restritivos da normalização moral, forçando a rever crenças e o respeito exacerbado pelas convenções” (HERMANN, 2010, p. 134). A formação ético-estética é aquela que transcende o belo, o perfeito, “pensar a educação estética é justamente criar possibilidades para as pessoas experimentarem processos de criação da vida delas e da relação da vida delas com o mundo” (HERMANN, 2010).

Para Maria Teresa essa formação estética, além da formação acadêmica e normativa, a faz pensar sobre muitas situações de sua vida cotidiana, questões da ordem do sensível surgem e as respostas não se mostram prontas, muito menos esclarecem as suas dúvidas. Para a professora um filme pode ser um dispositivo de formação estética quando te faz pensar sobre questões que não vêm à tona em outros momentos de nossa vida. Ele te desestabiliza, tira-te do lugar de conforto e te coloca frente ao que não se vê ou não se quer ver, nem pensar, muito menos falar. Nas palavras de Maria Teresa:

Como será a nossa vida daqui a dez anos? Estaremos juntos, família, amigos, colegas? Tudo começou a vir em mente e comecei a ficar apreensiva. Que é isso, é só um filme? (eu pensava) Mas era tão real que preciso pensar a respeito. Virou um emaranhado de pensamentos e confusões na cabeça. Entre outros fatos da nossa realidade que nos faz ficar onde estamos, sem conseguir sair, prosseguir.

Para estas professoras os espaços formativos estão um tanto quanto repetitivos e até cansativos, no sentido em que não são provocados pelas necessidades dos professores, mas por questões de ordem burocráticas e até sistemáticas. Se há uma nova lei ou um novo programa governamental, tudo é pensado para que se trabalhe sobre tal conceito. Ainda entendem que formar-se é muito mais que estar presente em um espaço formativo, é compreender aquele lugar como um território de novas experiências, de possibilidades, onde o professor pode reconhecer-se enquanto sujeito. A questão de não poder escolher o que é mais interessante para si faz com que a maioria dos professores se desinteressem pelos seminários e congressos ofertados. Maria Teresa entende que tudo que não é

discutido, que apenas é ordenado, sem uma argumentação da necessidade não tem significado, deixando o docente apenas como legitimador daquele feito.

As situações em que temos que estar, porque somos convocados para um espaço de formação e que não somos consultados sobre a real importância disso, é a tal questão que me refiro, do que vem de cima para baixo, sem conversar para que e por que, apenas fazer, estar lá, fazer número.

Uma questão muito relevante em todas as falas de todas as Marias, estas que formam minha pesquisa, como as outras que participaram de forma aleatória dos encontros com o cinema, é a relação do professor com o tempo. Ele, o tempo, é bastante usado como argumento para a não possibilidade de uma formação no espaço da escola; os próprios docentes, muitas vezes se utilizam dele para justificar a sua ausência ou a não permanência nas reuniões que não são convocações os quais são convidados. Entretanto, quando se referem ao tempo, as Marias têm opiniões divergentes, enquanto umas pensam que ele é importantíssimo e deve ser bem aproveitado, outras entendem que o tempo não é apenas o cronológico, aquele contado pelas horas, pelos dias, pelos anos. O tempo é o espaço em que eu significo, que eu me faço presente e reflito, ao mesmo tempo que compreendo as minhas experiências enquanto docente.

Maria Luísa sempre que fala do tempo o entende como algo precioso e que deve ser muito bem aproveitado. Para tal não consegue ficar tranquilamente em um espaço formativo, se o mesmo não tem significado para ela, de novo voltamos a questão de que formar-se não é estar em um lugar formativo. Para Ferry (2008), a experiência só se torna formativa se para o sujeito se ele em tempo dado trabalhar sobre si mesmo, pensar e refletir sobre o faz e o que busca fazer, transformando-se e estando predisposto a isso”.

Eu acho, não sei se é o que a colega queria dizer (se referindo ao comentário que a professora fez a respeito das formações que costumam participar) mas eu entro em uma formação que começa às oito e vai terminar às nove, eu vou ficar olhando no relógio para ver se já está acabando. Acho que eu sofro de uma ansiedade, de fazer acontecer, de render, que termine aquilo ali e ninguém ficar cansado, mas me parece que a gente teve, foi formado assim.

Maria Paula também vê o tempo como algo precioso, entretanto compreende o mesmo como algo não contínuo, é um conjunto de momentos, de lembranças, de sentimentos, instantes que se encontram e desencontram, de duração relativa. Quando se refere à docência, entende que ela pode ser um sofrimento para alguns e

um alento para outros, onde o tempo se relativiza quando estamos felizes com o que escolhemos, por mais difícil que possa ser, em alguns momentos, o que fica são os instantes, as lembranças a sensação de estar no lugar certo, fazendo o que nos faz bem.

No magistério tem muitos de nós, muitos professores sendo estupidados, dentro da sua sala de aula, que já não querem mais. Tu vai estar na sala de aula, mas não vai ser mais o que eras, não serás tu mesma, porque não é mais prazeroso, não tem mais significado aquele espaço pra ti. Então para teres prazer naquele lugar, o significado, um porquê. É importante que tu queira estar ali, e eu adoro estar aqui, porque eu escolhi estar, estou feliz, querendo, pertencendo a este lugar. E o tempo é diferente quando tu estás nesse espaço significado.

Ter um tempo para si, refletir a respeito das suas experiências é ponto imprescindível para Maria Alice, visto que ela entende que este é um momento só dela, e que para constituir-se enquanto sujeito é necessário esse tempo. Não há professor sem a pessoa, o professor-pessoa, segundo a professora, não se separa uma da outra, mas ambas vivem em momentos distintos. Quando está em casa Maria Alice é Maria Alice, não a professora, quando veste o seu pijama velho e despojado é apenas a Maria, aquela que curte a sua casa, os seus filmes, as suas leituras, o seu silêncio.

Todo o tempo que eu quiser para mim, eu uso para mim, eu não vou chegar em casa e aí eu vou ser eu e fazer algo para mim. Claro que quando tu chegas em casa e bota aquele 'pijama' e a meia furada e pensa...ai sou eu, que coisa boa. Acho que a gente tem que ter o tempo da gente todos os momentos, todas as horas. Eu acho que tu tens que separar, se eu tivesse um marido que também fosse professor, eu acho que não ia dar certo. Eu acho que eu ia enlouquecer ou eu ia matá-lo. (risos) Das duas, uma. A gente conversa mais quando está em casa, então com o marido não tem nem aí sobre a escola, a gente vai conversando outras coisas, vai tendo outras visões.

Esse tempo para si, acontece na metáfora do pijama velho de Maria Alice, mas também no passeio, na leitura de um bom livro, na conversa sobre frivolidades, entre outras, isso também nos forma e nos constrói enquanto pessoas que, junto à professora, tornamo-nos os sujeitos docentes. Esta professora é o fruto de suas vivências, de suas experiências, pois, segundo Kurek (2009), “o foco na docência não significa separar o professor da vida como um todo, posto que se trabalha com a biunivocidade professor-pessoa”.

Através desse processo de construção, a pessoa vai se tornando professor e como cada Maria se vê hoje enquanto docente, suas dificuldades, a sua imagem

quanto ao desenvolvimento profissional e pessoal, o que a transformou na professora que é hoje e que ainda será, pois, esse processo não se finaliza, é contínuo, cheio de nuances, de progressos e retrocessos, idas e vindas, erros e acertos, desejos e certezas, entre outros. Este imaginário se institui quando cada Maria precisa responder uma questão referente à professora que é, que se tornou nos anos de formação inicial, continuada e estética.

Para cada uma o processo de formação foi diferente, cada uma, a seu modo, se viu constituída na professora que é hoje, pelas experiências que teve, pelas suas escolhas. Para Josso (2010), quando damos visibilidade às histórias de vida, possibilitamos o olhar para si, através da escuta ao outro, fazendo com que repensemos a nossa própria trajetória, fazendo uma análise mais aprofundada da nossa formação. Este trabalho de pensar como se tornou é o que provoca o autoconhecimento, podendo gerir com mais intencionalidade a sua formação a partir de então.

Maria Alice entendeu que, para se tornar o que é, precisava se aceitar, reconhecer que não era igual aos padrões que tentou se formatar durante muito tempo de sua vida. Quando conseguiu perceber que era diferente, passou a entender o que era importante e essencial em sua vida e docência. Quando usa a expressão “não sou deste planeta”, caracteriza-se como alguém que não cabe em nenhuma forma pré-concebida e que isso que a fazia sofrer durante muitos anos de sua vida hoje é visto como uma virtude.

Eu me tornei a pessoa que sou hoje quando me aceitei como uma pessoa um pouco diferente, aliás, na maioria das vezes contra a mania que as pessoas têm de complicar tudo quando pode facilitar. As coisas todas já são complicadas e gente faz serem mais complexas, então facilitamos. É necessário dar mais leveza à vida.

Em relação à docência, Maria Alice entende que isso não aconteceu de forma natural, foi um processo árduo e doloroso, onde a teoria se mostrava muito diferente na hora de colocá-la em prática. Para ela, a formação acadêmica, entendida como a formação inicial, abre possibilidades para muitas tentativas falhas, com muito mais erros que acertos, mas vê como algo positivo, pois da formação inicial pôde (des)formatar-se em sua sala de aula.

Como me tornei a professora que sou hoje? Só Deus sabe... (risos) Em termos pedagógicos, disciplinadores, burocráticos, foi com a prática. Felizmente, a 'formação acadêmica' dá brechas, na prática, para a deformação.

Os percursos formativos podem ter a mesma estrutura, a mesma sistemática, começamos pela formação inicial, a graduação, continuamos com a inserção na Escola, em nosso espaço profissional, continuando com a formação dentro de sua sala de aula e em outros espaços formativos. Entretanto, cada professor constrói esse percurso da sua maneira, com as suas experiências, uns entendendo que a formação válida é a construída nos espaços acadêmicos, outros compreendendo como um processo que não tem um ponto final, que não começa e termina com o final da graduação ou com a participação em um seminário, mas sim em todos os espaços em que estamos inseridos. Ferry (2008) entende que para a formação acontecer é importante ter a consciência de que os aspectos e situações são tão importantes quanto os conteúdos e os métodos e evidencia que a experiência grupal vivida e analisada representa uma fonte de consciência sobre:

La relación formador-sujeito em formación (maestro-alumno), la relación com la autoridade, los fenómenos de dependência; - la vida de los grupos, em particular um grupo de formación (grupo-clase), sus reglas, sus normas, los procesos grupales, los problemas de cooperación (equipos pedagógicos) - condición de grupos, según modos de animación más o menos directivos e no directivos (FERRY, 2008, p. 46).

Maria Luísa trata o seu tornar-se professora como um processo não linear, mas contínuo, de compartilhamentos e reflexões sobre suas ações na vida pessoal e profissional. Ela acredita que está se tornando professora na sua prática diária, na sua sala de aula muito mais que na sua formação inicial.

Acredito que estou me tornando professora a partir das pessoas com quem trabalho e aprendo; com os lugares e com as experiências pelas quais passei; pelas reflexões que fiz comigo sobre a minha prática e o que ela gera. Acredito que sou a cada dia um pouquinho diferente do dia anterior, pois as vivências vão nos tornando professores, muito mais do que nossa formação inicial.

Para as Marias, formar-se é compartilhar de espaços de formação/autoformação, onde o sujeito é atravessado pelas suas experiências, o qual precisa colocar-se como mais ou menos ativo de sua vida, mesmo que saibamos que as mudanças estão longe de passar, unicamente, pelas escolhas voluntárias e/ou lógicas (JOSSO, 2008).

“O magistério é uma decepção em câmera lenta”, esta frase dita por Maria Teresa nos faz pensar sobre o que é para muitos professores a sua concepção a respeito de sua profissão. Nesta afirmação, estão contidas muitas angústias, dores,

sentimentos de abandono e desinteresse, tanto do poder público, como da sociedade, para este profissional que tem em suas costas o peso da resolução de todos os problemas do mundo. É assim que Maria Teresa descreve seu atual momento do magistério, ela entende que seus trinta anos de profissão a fazem ver que os valores estão mudados e que ser professora é um processo lento e doloroso de descontentamento e desilusão.

A gente sempre trabalha esperando que dias melhores virão. Tu vais para a escola e a relação não acontece. Então, tu vais para tua sala de aula com o teu aluno e fica pensando, mas afinal, o que que eu fiz, o que está acontecendo, porque estou sendo tratada desta maneira?

Falar sobre essas dores é importante para que se possa refletir sobre o papel, a imagem do professor e as suas significações imaginárias a respeito de sua profissão. Quando Maria Teresa relata a dor de esperar por dias melhores e nem sempre acreditar que eles virão, ela está refletindo sobre algumas experiências que teve enquanto docente e compartilha-as com os seus pares para que isso se torne significativo.

Maria Teresa entende a docência como um processo temporal e espacial, existe sempre um “onde” e um “quando”. Conforme Kelchtermans (2009),

As pessoas têm uma biografia, vivem as suas vidas entre o nascimento e a morte. Como tal, as suas histórias de vida – ou, mais especificamente, as suas histórias de carreira – constituem o contexto temporal em interação com aquilo com que elas negociam e constroem a sua autocompreensão. Os professores dão sentido ao presente, baseando-se nas experiências do passado e nas expectativas em relação ao futuro. Juntos, o passado, o presente e o futuro constituem a inevitável “situacionalidade no tempo” que caracteriza a profissão dos professores (KELCHTERMANS, 2009, p. 72).

Dessa maneira, Maria Teresa, como tantas outras Marias, vê a carreira docente com um passado, com alegrias, misturadas às dores, um presente com muitas dificuldades em relação ao ser professora e um futuro cheio de incertezas e movido por uma questão de esperança de que dias melhores poderão vir, mesmo que, em muitas situações, não acredite totalmente nisso.

As relações de tempo constroem o processo do que é ser professor. Maria Luísa, quando se refere às suas memórias, relatando fatos que a tornaram a mulher e profissional que é hoje, é convidada a pensar sobre como estas lembranças permeiam a nossa vida e nos constituem. Ela se questiona sobre o porquê das

lembranças da infância estarem tão presentes em sua vida, por que os outros estágios da sua vida não são tão lembrados, será que não foram significativos?

Oliveira (2006) entende que os trabalhos traduzidos na oralidade pelo trabalho da memória trazem à tona os processos formativos significativos e as aprendizagens neles construídas, bem como os movimentos identificatórios. Para a autora, a narrativa de si nos faz adentrar em territórios existências, em representações, em significados construídos sobre a docência e sobre as aprendizagens elaboradas a partir da docência.

Maria Luísa entende as suas experiências da infância e da juventude como referências em suas lembranças; é com estas que ela mais se identifica, como se elas a formassem como sujeito e que as suas vivências na vida adulta apenas lapidam o que fora construído nessa primeira fase de sua vida.

Será que as lembranças da infância e da juventude que carregamos conosco são mais fortes do que as lembranças da vida adulta? Será que é na infância e na juventude que a gente se forma gente? Depois só se lapida?

A experiência de falar e escrever sobre suas memórias fez com que Maria Luísa investigasse e refletisse sobre seus registros, autodescrevendo um caminho que ela viveu, mas que até aquele momento não havia pensado sobre ele. Ao refletir sobre si, implica-se e se deixa levar pelas associações livres para evocar suas recordações-referências, organizando-as numa coerente narrativa de sua formação (JOSSO, 2002).

Todas as Marias, quando instigadas pelos filmes, pelas lembranças que aquelas experiências lhes traziam, faziam com que cada uma delas pudesse visitar os espaços, os momentos de alegrias e de dor que as lembranças proporcionavam. Cada uma, a sua maneira, recorria a uma imagem, a um filme para explicar atitudes frente à docência. Para as Marias, recordar foi um exercício de reflexão sobre suas trajetórias, sobre o que são hoje, enquanto pessoas e professoras.

Em uma dessas conversas implicadas e provocadas pelas experiências fílmicas, Maria Teresa, ao relatar algumas cenas de seus trinta anos de magistério, conferiu novamente, a expressão: “*O magistério é uma decepção em câmera lenta, estou vendo isso acontecer*”. Ao dizer tal frase, com tamanha força retórica, Maria Teresa expõe suas dores, através de suas experiências enquanto docente, resultado

das condições de trabalho, entre outros aspectos, que para Nias, (1999); Van Den Berg, (2002) evidenciam a experiência da vulnerabilidade:

A experiência da vulnerabilidade resulta do facto de os professores não sentirem que controlam aquilo que consideram ser as condições de trabalho desejáveis (infra-estruturas, contrato, relacionamentos profissionais). As medidas políticas e as reformas educativas impostas que não eram congruentes com as crenças profundas dos professores sobre um bom ensino, mas das quais os professores sentiam que não poderiam fugir, contribuíram, claramente, para se sentissem vulneráveis e tivessem distúrbios emocionais (NIAS, 1999; VAN DEN BERG, 2002; In: FLORES; SIMÃO, 2009, p. 82).

Por esta razão, a experiência da vulnerabilidade é medida pelo espaço em que este docente está inserido, que pode ser o ambiente político, o clima social e cultural da escola, a relação com os colegas, estando diretamente relacionado com a autocompreensão dos professores (KELCHTERMANS, 2009). A professora, quando se diz decepcionada com a profissão, constata uma relação que tem com a sua profissão. Maria Teresa explica tal situação não se referindo a sua relação com os alunos, mas com outras questões, já mencionadas, que ajudam na falta de expectativa que a profissão provoca nela.

Entretanto, esta professora que desabafa sobre o seu sentimento em relação à docência se coloca realizada ao falar de vínculo com os alunos. Sempre que se refere com alegria à profissão, o trato com os alunos está envolvido, o ser professora para Maria Teresa é, então, estar com os seus alunos.

Vem um sentimento de revolta e ao mesmo tempo de impotência, como muitas vezes nos sentimos diante de determinadas situações que vivenciamos no nosso cotidiano. É difícil quando não temos respaldo, mas o que nos faz continuar é o olhar do nosso aluno, que vemos progredindo, se tornando seres melhores (MARIA TERESA).

Essa relação é entendida por Kelchtermans (2009) como a condição da vulnerabilidade que é, ao mesmo tempo, o que constitui a grande possibilidade do “pedagógico” acontecer numa relação interpessoal entre professor e alunos. Esta relação é selada pelo compromisso de que a educação está acontecendo, em que o professor sente que está mesmo fazendo a diferença, enquanto pessoa, na vida dos alunos. “O prazer, o orgulho e a satisfação pessoal existencial são as emoções que o acompanham” (KELCHTERMANS, 2009, p. 84).

5.1 MARIAS E SUAS HISTÓRIAS: OS FILMES QUE AS CONSTITUÍRAM ENQUANTO DOCENTES

O início desta pesquisa se fez possível através do questionamento: seria possível o cinema ser dispositivo de formação docente? Tentando respondê-lo, ingressei no mestrado, passei pela qualificação sem ter claro o que significava esta questão. Ao iniciar os primeiros encontros, ainda imersa em dúvidas e medos, assisti com as professoras ao primeiro filme, começamos a conversar e ele, o enredo, foi o estopim para as narrativas a respeito da vida, da sala de aula, das dores de ser professora.

Cada uma das colegas presentes queria compartilhar daquele momento, queria falar sobre alguma experiência que fora atravessada pela história do filme. Conversamos sobre tudo que nos interessava, e também ficamos em silêncio, sem coragem de falar, sequer pensar sobre o que nos doía ou nos era tão caro. Os encontros continuavam com cada uma das professoras quando estas podiam dividir com seu diário a experiência de algum filme que assistira ou que estava marcado em sua memória. Naquele pequeno caderno, podiam compartilhar de seus medos, de suas alegrias e contar um pouco do que era o cinema na sua vida.

Quando desafiadas a escrever um diário, a primeira reação foi de repulsa de não querer ter que colocar no papel o que já haviam falado no encontro, para que levar para casa um caderno e escrever nele o que já haviam dito e compartilhado? E o que escrever nele, tinham perguntas a serem respondidas, deveriam ler alguma coisa, qual era a bibliografia? Precisavam assistir algum filme específico? Não? Como não? Não tinham uma tarefa específica? O que fazer então, levá-lo para casa, deixá-lo esquecido em um canto? Ou tomá-lo como um amigo, um confidente, aquele com que dividiriam as angústias, contariam segredos, compartilhariam as aventuras de ser professora.

Recebido o diário e inebriadas por indagações e certezas sobre o que fazer com tal responsabilidade, cada uma entendeu o diário a sua maneira, houve quem não quisesse falar sobre si e escolhera o cinema como metáfora, houve também quem o adotou como um amigo íntimo, com quem conversou, brincou, até brigou em determinados momentos, e, claro, aquelas que o guardaram e o esqueceram no fundo da gaveta para recuperá-lo no dia em que deveriam devolvê-lo à pesquisadora.

Como já fora dito neste trabalho, alguns diários voltaram em branco, outros, cheios de confidências. Nestes últimos, relações de filmes assistidos e seus atravessamentos. As Marias, cada uma do seu jeito, contaram um pouco de suas histórias, relacionando-as com os filmes de sua vida.

Hoje lembrei de um filme que assisti, acho que foi no domingo passado. Sem ter o que fazer, achei o filme "Voo 7.500" penso que era este o nome. Comecei a assistir após ler o resumo, se tratava da história de um homem que morria no avião. Não gostei, olhei até o fim por querer saber o final, mas fiquei angustiada, assustada. Lembro do filme até agora, embora não queira lembrar. Acho que o filme faz bem ou mal para a gente. Esse filme me fez mal, trouxe sentimentos tristes (MARIA LUISA).

"O cinema afeta cada um de nós de forma diferente e altera nossa sensibilidade tanto quanto nossa racionalidade" (DUARTE, 2012, p. 05). As palavras da autora vêm ao encontro às de Maria Luísa que, ao tentar explicar o porquê de não conseguir parar de pensar no filme que assistiu, não usa da racionalidade, é traída pela memória que revive a experiência dolorosa remetida pela imagem cinematográfica. O filme toca, atinge, altera, formando um conjunto de fragmentos articulados afetivamente.

Duarte (2002) defende que cada um tem sua forma de relacionar-se com o cinema, pois essa relação implica escolhas, gostos, avaliações e aprendizagens. Cada um desenvolve sua própria intuição na configuração do seu cinema pessoal, e essa sensibilidade se amplia ao seu próprio modo e tempo, numa esfera intuitiva, pessoal, subjetiva e intransferível.

Doze anos de Escravidão retrata um cenário sombrio do período escravagista. Injustiças e torturas desnecessárias, mas que para a época era 'normal'. Vem um sentimento de revolta e ao mesmo tempo de impotência, como muitas vezes nos sentimos diante de determinadas situações que vivenciamos no nosso cotidiano. Quais os tipos de escravidão que temos hoje? É igual ou menos dolorida do que era antes? (MARIA TERESA).

Maria Teresa relata sua relação com o filme e consegue trazê-lo para os dias atuais, para o seu cotidiano, no qual nos deparamos com outras formas de escravidão. Segundo Giroux in Valle (2014), "os filmes nos oferecem a possibilidade de estabelecer conexões entre os discursos acerca de muitos problemas sociais contemporâneos na medida em que são representados na grande tela".

Os filmes relacionam-se com a sua vida pessoal e estão intrinsecamente ligados à sua vida profissional. Maria Teresa, quando narra suas experiências com

os filmes, logo associa às suas aulas e como pode usá-los como exemplo. Os temas remetem a algum momento de sua sala de aula e algum questionamento de seus alunos. Ela entende que a importância de propor a sétima arte como uma forma de discussão a respeito de um tema surgido em sala de aula é importante exemplo de construção de saberes, além das formas tradicionais, em que a imagem fala, questiona e inquieta os que a assistem.

Lembro de alguém na sala de aula fazer perguntas em relação a este tema (referindo-se ao filme Ghost). Lembro que respondi e citei cenas que aconteciam no filme e que do outro lado da vida, para quem acredita em 'vida após a morte'. Não lembro se foi nessa escola ou na que trabalhei em Formigueiro ou na Vila Rosa.

A relação dos filmes com a sala de aula é muito presente na vida de Maria Paula, para ela, os filmes são vistos e automaticamente relacionados ao seu fazer pedagógico. Fantin (2006, p. 112) aponta essa relação do educar para o cinema e com o cinema como uma forma de entender o cinema na escola como instrumento através do qual se faz a educação e como objeto temático de intervenção educativa através da leitura, da interpretação e da análise.

Utilizo muito os filmes no trabalho de sala de aula. Realmente surte um grande efeito, a história transmite a mensagem e muitas vezes emociona. Eles não esquecem do que foi trabalhado, dessa forma. Lembro de ter trabalhado "Procurando Nemo" em uma turma da Educação Infantil para ajudar uma aluna que tinha uma "deformidade" em uma das mãos, ela sempre escondia a mão dos colegas. Foi gratificante, pois a menina libertou-se da vergonha e os colegas foram muito solidários com ela. Tudo por causa do Nemo. Outro filme que lembro de ter trabalhado em sala de aula foi "Rei Leão", a fim de ajudar um menino que havia perdido o pai, tal fato estava refletindo em sala de aula. O trabalho foi prazeroso e emocionante. Ele chorou comigo e falou sobre a dor, gostou da força do filho do Leão e ficou mais tranquilo. Abordar o assunto dessa forma surte efeito, a criança se coloca no lugar do personagem e reflete sobre o que está sentindo. 'Marte precisa de Mães' foi outro filme trabalhado, há uma reflexão sobre o papel da mãe em nossas vidas e nosso papel na vida delas. As mães comentavam depois que os filhos as abraçavam, diziam que as amavam e faziam algumas tarefas da casa sem reclamar. Geralmente proponho o filme na semana do dia das mães, mexe com a emoção. Conversamos muito sobre como deve ser nossa relação com a mãe, com o pai e irmãos. O que faz feliz uma família (MARIA PAULA).

Através do relato da professora sobre a maneira que ela utiliza os filmes que assiste na sua vida cotidiana, para conversar sobre temas que são difíceis de serem tratados em sala de aula. Nesse sentido, o olhar sensível do professor, através da sua formação ética e estética, constitui um maior potencial de criação para sua prática. Um novo olhar que torna essa professora detentora de sentidos, aberta a

inúmeras possibilidades, que a autorizam a experimentar e repensar o seu lugar na docência.

Desta maneira o cinema passa a instituir um outro espaço na vida escolar. Sobre isso, Bergala, em seu livro “La Hipótesis del Cine” (2007), aponta as quatro ações fundamentais que devem ocorrer para propiciar espaços de encontro com a arte: 1. organizar a possibilidade do encontro com os filmes; 2. designar, iniciar, tornar-se um passeur; 3. aprender a frequentar os filmes e 4. tecer laços entre os filmes” (FRESQUET, 2013, p. 52-53). Para a autora;

Essas quatro funções podem tornar a escola responsável por uma discreta, embora profunda, revolução estética, política e cultural. Elas podem constituir o *restart* a que se refere Gordard quando pensa a escola como “bom lugar”, onde seja possível começar algo, de novo, sempre (FRESQUET, 2013, p. 53).

O professor, ao dedicar seu tempo elencando filmes como instrumentos pedagógicos, mostra aos seus alunos que acredita em aparatos potencializadores de mudanças, não apenas pela adequação, mas pela pertinência do instrumento que poderá sensibilizar pela arte do movimento, dos sons e das histórias que ora imitam a realidade, ora a irrealidade.

O cinema como um potencializador de mudanças se vê entendido de formas diferenciadas pelas coautoras desta pesquisa: enquanto umas entendem a sétima arte como um instrumento de sensibilização tanto de si como do outro, não separando os filmes de sua vida dos da sua sala de aula, outras entendem que há um diferencial entre os filmes que escolhem para assistir em casa, como lazer, e os filmes considerados instrumentos de trabalho. Seus imaginários a respeito do cinema perpassam pela sua pedagogização, compreendendo que há filmes para si e filmes para os alunos.

Eu também tenho esse quê... Não tem como eu passar um filme pelo simples fato de passar um filme, tem que ter uma gravura nem que seja, mas tem que ter uma relação com o conteúdo. E outra que agora estou percebendo com a formação, eu faço diferença com o que assisto na minha vida pessoal com o que assisto para trabalhar na escola. Não junto, ah, assisti um filme e penso que é interessante para passar para os alunos. Não, geralmente assisto com os alunos o que alguma colega diz que é interessante trabalhar, que tem a ver com os conteúdos. Nunca tinha me dado conta que fazia esta diferença, talvez porque aprendi na faculdade (MARIA LUISA).

Os imaginários construídos a respeito do cinema em sala de aula, para muitos, é da ordem do currículo, do complementar do conteúdo programático. Muitos entendem a sua utilização como ilustração, a partir de roteiros prescritivos e de modelos rígidos (VALLE, 2014). Considerar o cinema um dispositivo, um meio, significa, para Fantin,

Que a atividade de contar histórias com imagens, sons e movimentos pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando-se cinema e num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação e de fruição. No entanto, considerar o cinema como um meio não significa reduzir seu potencial de objeto sócio-cultural a uma ferramenta didático-pedagógica destituída de significação social (2006, p. 103).

O cinema enquanto dispositivo significa um artifício disposto a obter um resultado, uma função específica, para produzir um efeito. O cinema é o meio que se propõe para conversar sobre diferentes temas, importantes para aquele grupo. Para tanto, na escola ele deve ser mais que um simples ilustrador, um quadro de giz, com imagens, deve ser o meio para inquietar, envolver, gerar discussões a respeito de temáticas que incomodam os sujeitos inseridos naquele grupo. Para tal, o professor também tem que ter em mente que o cinema é mais que um instrumento pedagógico, ele é uma linguagem que consegue abarcar temas que em outras linguagens não são possíveis de contemplar. Ele também é conhecimento. Um dispositivo capaz de produzir conhecimento.

Este cinema “pedagogizado” foi narrado por Maria Alice como algo inculcado na sua formação inicial, o qual entendia o cinema como forma de veicular um Imaginário constituído por docentes salvadores, que tinham em suas mãos o poder de resolver os problemas da Educação apenas com a sua vontade de ser professores.

Na formação (Magistério e Pedagogia): Lembro de poucos filmes, mas sempre com alusão a uma professora inexperiente que caía de paraquedas em uma escola decadente, suja, quebrada, com alunos muito problemáticos em um sistema educacional falido. A professora salva todos e transforma a escola num sucesso, detalhe, faz tudo isso, sem dinheiro algum. Hoje penso que são filmes bons, porém, acredito que no fundo, serviram para vermos a realidade da Educação, talvez não na proporção exagerada do filme, mas a intenção e os questionamentos feitos na época se referiam à: - Vejam futuras professoras, que lindo, vocês são capazes de salvar o mundo, que nem a professora do filme. O sistema, os planos e governos nunca eram discutidos.

Para Maria Alice, este cinema não era o que ela entendia como dispositivo de discussão, pois era apenas ilustrativo e sempre com um objetivo de modalizar, dirigido aos futuros docentes para que eles internalizassem a ideia de ser professor como aquele que deve estar sempre pronto e preparado para os desafios, sem contestá-los, compreendendo a docência como vocação, uma idealização do que seria a sua profissão. Valle (2014) entende esse cinema como visualizador/conformador de identidades. Para o autor, a docência examinada/(re)vista/compreendida e articulada a partir da perspectiva educativa da cultura visual nos oferece pistas e evidências para interrogarmos a sua construção e, também, os estereótipos que contribuem para definir condutas, delinear posições hierárquicas e legitimar papéis sociais.

Os imaginários construídos por essas professoras a respeito do cinema, enquanto dispositivo, se misturam aos encontros que elas tiveram com ele na sua trajetória pessoal e profissional. O cinema ainda é tratado como uma forma didatizada, como complemento dos conteúdos trabalhados. Entretanto, quando inseridas em um espaço em que o cinema toma outra função, o de dispositivo, no sentido de mediar, ser o meio para tratar de assuntos que se referem à educação, à docência, ao cotidiano, enfim, tudo sobre o que se queira e que tal experiência atravesse.

Para cada um a experiência com o cinema acontece de forma singular, ou seja, o filme atravessa de acordo com a história de vida de cada sujeito inserido naquele espaço, porém em todos a experiência acontece, as reflexões a respeito das emoções, das dores e repulsas que tal obra pode provocar.

5.2 OS FILMES QUE MAIS IMPLICARAM AS PROFESSORAS NA FORMAÇÃO

Dos filmes trabalhados nos encontros, o que mais implicou as professoras, coautoras desta pesquisa, foi “Mr. Hublot”. Sobre este filme todas teceram comentários, o tema instigou de tal forma que seus relatos citavam o filme e o que haviam conversado sobre ele. Usando a metáfora do cachorro, relatada no filme como um dispositivo de mudança para a personagem, todas à sua maneira elencaram os possíveis cachorros de suas vidas.

Maria Luísa questiona-se sobre quem é o cachorro em sua vida, quem é o seu dispositivo de mudança que a desacomoda. Em seu questionamento, relata que a sua resposta se refere à sua vida pessoal e também a sua docência.

Acredito que o cachorro é meu marido que vai se adaptando às minhas mudanças, mudanças essas 'dentro de mim'. Uma mudança foi o início do mestrado, houve alteração na rotina, no humor, no tempo em casa, nas tarefas. Eu precisei me adaptar a essa mudança, assim como o cachorro. Mudar é difícil, hoje eu vejo como uma coisa normal, cotidiana, que faz parte de nossa rotina e estamos prontos, eu e o 'cachorro' para a próxima mudança, por acreditar que mudanças fazem parte da vida e da nossa evolução.

Ao falar sobre as mudanças na sua vida pessoal e profissional, Maria Luísa aponta as dificuldades de adaptar-se às transformações no percurso de sua rotina. Ela aponta a relação com o marido como um possível dispositivo de mudança, que vai crescendo na importância e se adaptando ao espaço que é dado pela professora. Maria Luísa também se reporta ao filme quando trata da questão da mudança profissional, ao relatar sua saída da pequena escola do interior – onde era professora, secretária e diretora, e abarcava todos os afazeres – para uma escola maior na cidade. Para a professora, esse processo foi bastante importante e desafiador, principalmente com o trato com as colegas, visto que, na escola do interior, acabava por ficar muito sozinha, tendo que resolver todas as situações de forma muito mais autônoma.

Mudança do eu, é bem o que a Maria Alice está falando, mas tem aquela mudança que acontece que te leva. Sim, tem essa mudança, mas tem aquela, como eu que saí lá do Boqueirão e vim para cá. Uma mudança radical, não precisava sair de lá para vir para cá, foi uma escolha, mas mesmo sendo algo que eu quis, muita coisa muda. Parece que nada vai mudar, que tudo ficará da mesma forma, porque só é outra escola, e de repente não muda. Não mudou aqui na escola, o fato é que eu tenha mudado. Além de que aqui eram muitos, isso foi algo que fui me acostumando.

Maria Luísa conta que as adaptações referentes à nova escola não foram apenas no âmbito da relação profissional, mas também das suas relações, das suas mudanças enquanto pessoa. Nóvoa (2009, p. 38) compõe a ideia de que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Para o autor, nós, professores, ensinamos aquilo que somos e naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. É importante que nos preparemos para um trabalho sobre si mesmos, para um trabalho de autorreflexão e de autoanálise.

Neste trabalho de autorreflexão, de pensar sobre si e sobre sua docência, Maria Alice também relata a mudança como algo importante em sua vida. A maneira pela qual trata e lida com tais situações a faz entender que todas essas transformações foram necessárias para constituir a mulher que é hoje, que, em sua fala, se mistura com a profissional que está se tornando.

Eu não vejo a mudança como uma coisa dura, brusca, drástica, tá, agora eu vou mudar ou não tenha passado por uma situação assim. Uma coisa que tem que acontecer e vai acontecer. Às vezes as pessoas acham que é o fim do mundo, mas não é... Será que eu tenho que voltar?

Maria Alice também se pergunta quem foram os cachorros da sua vida, as situações inesperadas que a desacomodaram e forçaram-na à mudança. Ela não vê apenas uma coisa ou outra, mas um conjunto de pequenas mudanças que ocasionaram uma transformação maior, entretanto um fato muito importante de sua vida a fez refazer todos os seus planos profissionais e pessoais.

Lembra do curta do homem e o cachorro? Na vida da gente existem vários cachorros que nos fazem mudar, adaptar os espaços, os tempos, a vida. Cachorro = pai/mãe - filha - estudo-condição financeira - trabalho - marido-separação... Considero a morte do meu pai uma situação 'cachorro', bagunçou muita coisa, tristeza.

A questão da perda do pai fez Maria Alice enfrentar outras situações para as quais não estava preparada e que não havia planejado. Lidar com tal mudança não mexeu apenas com a sua vida pessoal, mas também com sua vida profissional, pois, segundo ela, a morte de seu pai a fez mudar para a casa de sua mãe e trabalhar na escola do Interior da cidade. Todas essas questões a fizeram refletir sobre a sua vida pessoal e tentar assimilar o que isso seria importante para a sua constituição do que é hoje. Todas essas autorreflexões tornam-se imprescindíveis para uma formação docente, quando o professor compreende sua reflexão enquanto pessoa interiorizada na sua profissionalidade. Nóvoa (2009) entende essa relação como algo indefinível, mas que está no cerne da identidade profissional docente:

O registro escrito, tanto das vivências pessoais como das práticas profissionais, é essencial para que cada um adquira uma maior consciência do seu trabalho e da sua identidade como professor. A formação deve contribuir para criar nos futuros professores hábitos de reflexão e de autorreflexão que são essenciais numa profissão que se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir das referências pessoais (NÓVOA, 2009, p. 39-40).

Tanto Maria Luísa quanto Maria Alice mostram que os acontecimentos de sua vida pessoal estão intimamente ligados à sua vida profissional. Para elas, uma mudança acarreta outra e não há como separar a pessoa da profissional, por que suas relações pessoais refletem no seu ser enquanto docentes.

Todos os curtas trabalhados no Encontros com o Cinema foram importantes, para que cada uma das docentes pudesse refletir sobre o seu estar na vida e na profissão, entretanto o que mais incomodou, no sentido de implicar as suas reflexões, foi Mr. Hublot. O curta fez todas as professoras, inclusive as que não estão elencadas nesses relatos, mas que participaram dos encontros, colocarem a importância do “cachorro” em suas vidas. O Curta mostra-se um dispositivo de discussão a respeito de um tema bastante frequente na vida docente, as situações inesperadas, não planejadas. A professora aprende desde sua formação inicial que deve ter um planejamento, algo a ser seguido, e que não deve ser mudado, senão em uma situação de necessidade. Com tais aprendizados e pelos relatos das Marias, viu-se que lidar com o inusitado é algo ainda difícil para algumas docentes. Enquanto umas agem com total naturalidade em relação às situações inesperadas da sala de aula, outras se veem perdidas, sem saber como lidar com tal circunstância.

Todas as Marias, ao falar sobre o inesperado, registraram a questão como algo assustador em um primeiro momento, mas que, depois do primeiro impacto, as coisas vão se adaptando e elas, enquanto docentes, vão se (re)planejando.

Maria Paula, quando indagada sobre como lida com as questões inesperadas de sua vida e de sua sala de aula, diz-se mais flexível com as questões da docência, pois não vê dificuldades em reorganizar o planejado, mas confessa que tudo que vem de forma inesperada assusta, apavora e imobiliza.

Primeiro tu te assustas, depois tu vais... Como eu encaro a mudança? Fazendo a cara de contente... Encarar de forma positiva... entender que a mudança vai te trazer coisas boas, mas também coisas não boas... mas entender que ela é importante.

Para esta professora fazer “a cara de contente” é entender que mudanças fazem parte da vida e que a formação também muda, construindo-se dia-a-dia, com todos que estão e que passaram por nós, refletindo sobre o que fizemos e tentando melhorar nossa prática para sermos profissionais e pessoas melhores. Nas palavras de Maria Paula estão o que para Ferry (2008, p. 19) é sinônimo de formação “La

adquisición de saberes y capacidades prácticas (savoir-faire) puede articularse según los problemas que la própria experiência mostro a cada sujeto em formação”. O saber-fazer, tanto na vida pessoal quanto na vida profissional, faz o docente articular entre as suas experiências enquanto sujeito em formação.

Nesta construção, não há apenas momentos tranquilos, porque formar-se requer trabalho e disciplina, mas também desaprendizagens, desassossegos. Não falo aqui da relação de mercado, falo no olhar sobre si, sobre as suas atitudes frente aos percalços da vida e da docência. Sobre isso, o filme também ajudou Maria Teresa, que entende as mudanças como aprendizados. Para a professora, nossas experiências enquanto pessoas nos fazem melhores enquanto profissionais, e o “cachorro” na vida dela foi a mudança de escola. Maria Teresa precisou por questões de ordem logística, visto que mora em uma cidade próxima a que trabalha e, para não precisar sair tão cedo de casa, organizou-se para trabalhar em uma escola mais central. Porém esta mudança não foi tão tranquila quanto esperava, pois novas relações tiveram que ser formadas e outros aprendizados fizeram parte da sua vida profissional.

A primeira escola foi a V.R., eu amo de paixão aquela escola, mas aí então os percalços da vida, a saúde, me fizeram vir pra cidade, não, tranquilo, mas aí quando eu cheguei na escola (a outra escola que trabalha na rede municipal), eu sou muito autêntica, muito verdadeira. Como eu sou muito detalhista, eu sei até num olhar o que aquela pessoa está querendo, está pensando e eu já tenho a minha espiritualidade muito aberta, dae eu já, psiu, capto, e eu gosto muito do abraço, do toque, e essa coisa de estar perto, abraçar, beijar, muitas vezes tu precisa, aqui tem isso. Tem que ter sempre não só na minha família, também no meu lugar de trabalho. Entretanto na escola... isso é mais difícil, acho que o fato de eu ter trabalhado muito tempo em outra escola me faz ter dificuldades em me adaptar a esse novo sistema, onde é cada um por si. Aqui me sinto mais parte de um grupo, lá isso ainda não aconteceu.

Voltamos a relação de grupo e a questões já mencionadas nesta pesquisa. A importância do grupo e da relação que se constrói nele e com ele faz com que as dificuldades da vida docente fiquem menos sensíveis a todos que trabalham nela. Nesta relação é fundamental dar visibilidade aos relatos de vida, que, para Josso (2010), são formadores, pois a escuta ao outro proporciona um olhar sobre si, fazendo com que se repense o próprio percurso e reflita através de uma análise mais aprofundada sobre sua formação.

Estar em contato com o outro, sendo estas relações desejáveis ou não, torna possível ao docente desenvolver um trabalho de pensar como se formou e como se

tornou o professor que é, propiciando um autoconhecimento que guia com mais intencionalidade a sua formação a partir de então. Josso (2010) entende que, dessa maneira, o fato de que eles são os sujeitos mais ou menos ativos de sua formação e que podem orientar com maior consciência as próprias aprendizagens e seu processo de formação, torna esse percurso mais eficaz de transformações.

Entretanto um espaço grupal também é um dispositivo de formação quando ele propicia uma troca de saberes, de produção de aprendizagens. A participação das Marias do grupo “Encontros com o Cinema” proporcionou a elas um espaço de vivências, de formação que lhes permitiu novos movimentos que modificam e fazem repensar as concepções, enriquecendo as suas formações enquanto docentes e mulheres, inseridas naquele espaço. Através das discussões sobre os temas projetados na grande tela, as professoras puderam (re)pensar as suas relações interpessoais, onde se estabelecem os vínculos e se (re)constroem os saberes.

O grupo formado e nomeado como “Encontros com o cinema” proporcionou a todos que fizeram parte dele novos sentidos para a formação continuada enquanto pessoas e profissionais. A importância de um espaço grupal na formação de professores, entendido por Oliveira (2009) como:

O espaço grupal favorece a construção de um imaginário instituinte quando conceitos, estereótipos, valores, preconceitos, estigmas, crenças são problematizados, são desconstruídos e outras possibilidades atravessam as pessoas, acionando múltiplas aprendizagens (OLIVEIRA, 2009, p. 190).

Essas novas aprendizagens são instituídas dentro de um espaço instituído, onde tudo já está posto, criado, construído. As discussões fazem com que os professores pensem em si, em sua formação estética que, segundo Hermann (2010), põem em movimento o outro lado da razão – “o sentimento, a sensibilidade, as emoções e o corpóreo”. Para a autora,

A experiência estética promove aquelas formas de vida que tanto atendem a interesses próprios como também aquelas que devem ser protegidas pela lei moral. De nada adiantaria a convicção racional do respeito ao outro – princípio ético justificado racionalmente – se não tivéssemos sensibilidade para perceber o outro em sua singularidade (HERMANN, 2010, p. 74).

Formar-se esteticamente é ampliar nossa concepção a respeito de nós mesmos sobre o mundo e aprimorar nossa capacidade de escolhas, possibilitando novas interpretações do mundo, rompendo com as expectativas habituais e cotidianas, para poder projetar novas possibilidades de sentido.

As Marias, coautoras desta pesquisa, ao se permitirem romper com o que estava posto como formação continuada, portaram-se de forma instituinte criando novas possibilidades de conversar sobre docência. No espaço da escola, tendo como dispositivo a sétima arte, elas conversaram olhando para a sua trajetória e compartilharam dos anseios das colegas, dentro de um trabalho de olhar para si, num cuidado de si, onde quanto mais conhecessem sobre si, melhor seria a sua relação com o outro (EIZIRIK, 2005).

Maria Teresa descreve a importância do cuidado de si, ao relatar o quão importante são os momentos em que, enquanto professora, se sente acarinhada, valorizada, ouvida.

Como é bom quando alguém nos ouve.

A relação do ouvir caracteriza a fala de Maria Teresa como algo simples, mas de suma importância para que ela se constitua enquanto parte daquele grupo, daquele espaço em que está inserida. Para ela, o fato de ser ouvida torna aquele momento de sua vida importante. Conforme Eizirik (2005, p. 117), “o cuidado de si é um intensificador das relações sociais” e as discussões realizadas sobre esse tema levam a acreditar na importância de cuidar de si para melhor cuidar do outro, inclusive para se construir melhores relações interpessoais.

Quando estava lá no fundo do Boqueirão, era tão bom quando eu falava com alguém, com outra colega e ela me ouvia, me entendia (MARIA LUÍSA).

Maria Luísa também entende essa relação do ouvir, do cuidar de si como fator imprescindível para a construção de uma relação docente. Quando ela trata da relação com o outro, percebe que, quanto mais podemos nos permitir nos ouvir e entender as nossas necessidades enquanto pessoas, melhor será a nossa relação com o outro e com a docência. A professora entende que os filmes nos atravessam de maneira que consigamos refletir sobre nossas atitudes, nossas fragilidades. Ela afirma que precisamos olhar para o outro e para nós mesmos com mais sensibilidade, mais humanidade, nos despir dos pesos da dureza que vamos adquirindo com o tempo. Olhar o mundo e a docência com mais leveza.

O curta do Manacá (Sentimentário) fez pensar como a rotina é tão cheia que não percebemos o outro como uma pessoa. Pessoa que sente, que se frustra e que tem uma vida fora da escola. Não percebemos tudo que está a

nossa volta e que é tão simples. A flor que o aluno trouxe é porque ele só quis arrancá-la do pé, ou ele trouxe porque quis presentear a professora, fazer um 'agrado'. Mas como ver, se estamos acostumados somente a olhar? Acho que isso parte de dentro de nós, de permitir-se ver, de querer ver. Não acho que isso é uma mudança simples, nem que acontece de um dia para o outro, mas é necessária para tornar nossa vida e nossa profissão mais leve, mais humana. Ver, sentir, viver sem os escudos que a rotina nos dá. Não podemos passar a vida só nos defendendo das coisas, precisamos viver.

As reflexões das Marias a respeito dos temas provocados pelos filmes assistidos refletiram em suas vivências, tanto em suas salas de aula, como em suas vidas cotidianas. Cada uma delas compreendeu aquele espaço formativo a sua maneira e, a partir dele, criou novas possibilidades de ser docente. Através da arte e do cinema, cada Maria criou sua própria relação com o outro, compreendendo aquilo que lhe era estranho e inesperado, possibilitando uma interpretação interminável das experiências individuais com um horizonte que todas compartilham (HERMANN, 2010).

5.3 O ÚLTIMO ENCONTRO, UM MOMENTO PARA FALARMOS SOBRE CINEMA NACIONAL

O último encontro foi um momento de despedidas, de conclusões e de reflexões sobre tudo que havíamos compartilhado em nossos Encontros com o Cinema. Para esta conversa, foi escolhido um filme de produção local, “A farsa Seca”. A partir da exibição da obra conversaríamos sobre o que os professores presentes entendiam a respeito do conceito de cinema nacional, e se consideravam aquele filme apresentado como obra cinematográfica.

A história gira em torno de um homem sem muita sorte que, ao recuperar uma obra do artista Iberê Camargo, que fora roubada, torna-se herói municipal. A particularidade deste diretor é usar em seus filmes pessoas da comunidade, que não têm formação técnica no teatro ou no cinema e de mostrar as histórias do folclore popular da cidade.

Além da obra citada, Fabricio Kolterman assina a direção de outro filme com as mesmas características de produção, “O Homem Arroz”. O fato de o diretor ser filho da cidade não torna sua obra mais conhecida pelos professores da Escola. Todos, depois da projeção do filme, começaram uma conversa frenética a respeito

das muitas histórias que rodeiam o ponto turístico da cidade. Alguns professores¹⁰ presentes relataram que o filme é muito importante para a cultura do município, mas não estabeleceram conexão como sendo uma obra de cinema nacional.

- *Muito bom... eu fiz propaganda lá em casa, fez muito sucesso...* (PROFESSORA 1).
- *Tem um outro filme dele que o Getúlio raspa o cabelo, faz moicano, são três filmes dele* (PROFESSORA 2).
- *Mas aquela sala de cinema aqui na cidade? Deve estar funcionando?* (PROFESSORA 1).
- *Cine Órion11, se tu agendar, sim* (PROFESSORA 2).
- *Mas só agendando, mas se tu for lá para assistir alguma coisa, não consegue* (PROFESSOR 3).
- *Eu lembro que quando lançaram farsa Seca, foi quando as pessoas assistiram. Eu lembro que as escolas foram e tinha um agendamento, uma coisa assim, eu acho que era uma coisa que precisava voltar, precisava ter aqui na cidade* (PROFESSORA 1).

A conversa sobre a obra projetada resultou em uma reflexão sobre a sala de projeção da cidade, Cine Órion, que fora muito utilizada para a projeção de filmes nacionais pelas escolas da cidade. Hoje não há um interesse político de manter a sala aberta ao público. Para que ela possa ser usada é necessário um agendamento, porém não existe uma pessoa responsável pelo lugar e os filmes não são atualizados. Na conversa com os professores, a questão deste lugar não ser mais usado pelas escolas como um espaço de projeção traz um sentimento de abandono, o que, segundo a fala de um professor, mostra a falta de investimento nas produções locais.

Entrando neste mérito, os presentes foram indagados sobre seus gostos pelos filmes brasileiros, de antemão, alguns se colocaram atentos às obras e outros não sabiam falar muito a respeito. Uma professora que fazia parte daquele encontro, naquele dia, descreveu que ainda sente um certo receio em assistir obras nacionais, pois suas lembranças remetem a filmes de má qualidade, porém também relatou que não tem costume de assistir filmes, apenas os que passam na tevê.

Não tenho o costume de assistir filmes, só os que passam na tevê. Em relação aos filmes nacionais, eu sou de uma época em que os filmes

¹⁰ Neste capítulo serão usadas falas dos professores que participaram do último encontro, não se tratando somente das Marias, coautoras deste trabalho. Neste encontro haviam além delas outros professores que participaram de alguns encontros, não tendo assiduidade em todos os seis que compuseram a formação “Encontros com o cinema”. Os relatos descritos neste trabalho fazem parte das observações feitas em meu diário de campo (Grifos meus).

¹¹ Uma sala de cinema localizada no Centro administrativo da cidade usada para projeção de filmes do cinema nacional.

brasileiros não eram vistos com bons olhos. Porém hoje as coisas estão diferentes, eu vejo pelas propagandas. Mas digo, ainda não me sinto a vontade para assistir (PROFESSORA 4).

Disseminando o pensamento da professora, é importante esclarecermos que, quando escolhemos um filme, esta escolha não deve ser apenas pela sua nacionalidade, e sim pela sua narrativa. “O cinema não pode ser parte de uma modelização subjetiva para garantir consumo” (FRESQUET; MIGLIORIN, 2014, p. 15). Nesse sentido,

Mais vale um bom filme norte-americano, italiano ou iraniano do que títulos nacionais que por vezes nos contrangem apenas com o título. Um péssimo filme brasileiro fala muito de nós, é verdade, mas será que é isso que desejamos na escola? Poderíamos argumentar: “Mas desmontar a retórica de filmes ruins ou ideologicamente questionáveis pode ser o papel da escola”. Será? (2014, p. 15).

Corroborando com o que foi dito pelos autores, outra professora colocou sua opinião a respeito da tal discussão, entendendo a importância do cinema na escola como nova linguagem, como uma outra possibilidade de criação.

Eu fico me perguntando porque só o cinema nacional, hã, por que eu acho que no cinema nacional também existem filmes muito bons, porque o fato de eu ter visto muitos filmes na minha adolescência, ajudou muito na construção da minha formação estética, ajudou muito na minha formação, não é porque agora eu não tenho mais vontade, pelo fato de achar que já vi tudo o que eu queria. Tem filmes assim que eu guardo na memória... tem coisas que tu assistes e não esquece jamais. Por exemplo, Mulheres à beira de um ataque de nervos, a Lista de Schindler... um outro filme de um bailarino, que eu não vou me lembrar o nome dele agora, e um filme que eu assisti no cinema, tive o prazer de ver no cinema, eu assisti 'The Wall' do Pink Floyd, vi no cinema, aquilo para mim, na época, tinha uns 15 anos, me pareceu um horror, mas depois quando fui ver de novo para passar para os alunos, eu me decepcionei, mas na época, eu achei muito bom. Eu achei ele muito bonito... Um filme brasileiro, brasileiro, que eu me lembro, um dos últimos que teve, agora eu não vou me lembrar o nome, mas era um filme que tinha, que falava do tráfico de drogas... (PROFESSORA 5).

Para essa professora, o fato de ter visto muitos filmes em sua adolescência ajudou na construção, na sua formação estética. Para a docente, o cinema foi um fator primordial para que ela se tornasse a pessoa e professora que é. Em sua fala, mostra um certo desinteresse no cinema hoje, entretanto em sua memória ficaram os filmes que desempenharam um papel primordial em sua formação.

Nesta conversa, o tema Lei 13.006/14 veio para que conversássemos sobre esta nova obrigatoriedade na escola. Como os professores veem essa nova lei

dentro de seu espaço da sala de aula, como necessário, como importante ou como mais um problema para a escola resolver?

Para conversarmos sobre a obrigatoriedade da lei é importante falarmos sobre a relação dos professores com o cinema nacional na sua vida pessoal. Como fazer com que os professores trabalhem cinema nacional na escola, se eles, em sua vida cotidiana, não costumam assistir filmes brasileiros? O relato da “Professora 4” nos mostra que ainda existem resquícios de que o cinema nacional pode ser sinônimo de péssima qualidade e não recomendável ao espaço escolar. Nesse sentido, o que nos resta pensar é:

De que forma e em que condições as escolas se mobilizarão, se muitos professores não conhecem ou, muitas vezes, têm resistência a assistir a filmes de produção nacional. Muitas são as razões que explicam esse fato (dificuldades de acesso, disponibilidade de tempo para pesquisas mais aprofundadas, etc.), mas alguns indícios aparecem nas observações do projeto¹² de formação e na aplicação dos instrumentos de pesquisa. Muitos ainda são os professores que têm como referências de filmes nacionais, obras de baixa qualidade e até inadequadas para o espaço escolar, por razões e explicações diversas. O desconhecimento por parte dos professores da vasta produção nacional apresentada em festivais e mostras de cinema no país também tem, entre tantas, uma causa possível: a distribuição desigual dos materiais audiovisuais e filmes produzidos no Brasil, o problema de acesso (CANTON; RECH; PUJOL; OLIVEIRA, 2014, p. 111).

Sobre isso, podemos afirmar que cinema é cinema, e devemos nos ocupar com os filmes de boa qualidade dentro e fora da escola, em nossas vidas diárias, pois o que envolve uma obra cinematográfica é a relação com seu contexto cultural e o sentido que ocupa nos imaginários de quem a assiste. Para Duarte,

Significado cultural de um filme (ou de um conjunto deles) é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido. Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir de mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido (2002, p. 53).

¹² Os projetos Cinegrafando e Cartografando a Educação: Até Onde a Sétima Arte pode chegar? Nasceram em 2011 na Universidade Federal de Santa Maria, sob a coordenação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário social (Gepeis). No trajeto de um grupo que completava seus vinte e um anos de existência, fomos convidados a participar da envolvente militância e paixão pelo cinema pela colega e amiga Inês Assunção de Castro Teixeira, da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Projeto Enredos da vida, Telas da Docência: os professores e o cinema, provocou-nos a participar de uma pesquisa que se desdobrou em projetos de formação de professores com as redes municipal e estadual da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul (CANTON; RECH; PUJOL; OLIVEIRA, 2014, p. 108).

Para os professores, o cinema nacional faz sentido se a ele possa ser agregado um significado. As significações imaginárias dos sujeitos a respeito das histórias representadas pelos filmes nacionais ainda estão impregnadas de ideias de filmes de menor qualidade ou com temas impróprios para o espaço escolar. Os professores, quando falam sobre a obrigatoriedade da lei e a inserção do cinema nacional em sua sala de aula, comentam que é importante conhecer as obras, sem ficar atrelado às lembranças do passado. Também se referindo ao filme assistido na formação, colocam que é importante mostrar as produções locais, para que tanto os alunos, quanto os professores se identifiquem naquele espaço projetado na grande tela.

Em relação ao cinema nacional e aos filmes brasileiros assistidos na formação, Maria Paula constata que é necessário um maior conhecimento sobre o que está sendo feito no circuito cinematográfico da região, do estado e do país. Ela relata surpresa em assistir o curta gaúcho “Traz outro amigo também” e descobrir que existem muitos filmes nacionais que podem ser usados em sua sala de aula.

Interessante este filme, quero para mim, não conhecia esse tipo de filme nacional, penso ser interessante trabalhar com os meus pequenos (referindo-se aos alunos do 1º ano). Sempre quis trabalhar com cinema nacional, mas como trabalho com crianças pequenas nunca encontrei algo que pudesse ser trabalhado com eles (MARIA PAULA).

Ainda neste contexto do cinema nacional, Maria Paula, que havia relatado não usar filmes nacionais em sua sala de aula, pois nunca encontrou nada que se relacionasse com seu público, as crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, demonstra entender que é necessário ter uma estrutura sistêmica, que possibilite aos professores um maior acesso aos filmes produzidos hoje no país, fora do circuito comercial.

Eu vejo que não conheço muito sobre os filmes nacionais que não aqueles que estão no cinema. Mas enquanto professora preciso conhecer outras obras. Talvez eu precise assistir mais, com esse que assisti hoje, eu vou buscar mais filmes nacionais com essa temática (MARIA PAULA).

Corroborando com a fala de Maria Paula, a importância de levar os filmes brasileiros poderá criar a curiosidade de conhecer seus autores, diretores, roteiristas, personagens, se esses fazem parte dos espaços da cidade, do estado, enfim, fazendo com que se propicie uma interação entre a escola e o universo do cinema (FRESQUET; MIGLIORIN, 2014). Então, é importante falarmos sobre

cinema nacional, mas também precisamos de uma estrutura que facilite o acesso a ele, para que os professores, a escola, enquanto público, possa escolher as obras que mais cabem no seu contexto. A Lei 13.006/14 não pode ser apenas mais uma obrigação, mais uma norma que a escola tem que acatar e se adaptar sem estrutura.

5.4 E AS MARIAS QUE NÃO PARTICIPARAM, PORQUE NÃO FALAR SOBRE ELAS?

As formações pensadas para a escola elencam os seus professores, aqueles que vivenciam os problemas diários da Educação, que precisam estar prontos para resolver os desafios de forma rápida e satisfatória, pois a escola é dinâmica e os professores que estão nela precisam acompanhar esse dinamismo. Entretanto, nem todos que estão na escola querem ou se sentem instigados a participar, quando não obrigados, de um espaço formativo. Muitos entendem que aquele tempo pode ser usado para outras coisas, enfim, entender o porquê que uma parte dos professores da Escola Leonor Pires de Macedo não se sentirem estimulados a participar dos encontros com o cinema

Seria interessante descobrir o que faz uma professora aceitar ou negar um convite para formação. Então porque não perguntar, conversar com essas professoras e descobrir os motivos que fazem querer participar ou não. Porém, um entrave se mostrava no caminho, se as professoras não quiseram participar da formação, porque responderiam questões referentes a este tema?

Como, enquanto pesquisadora, poderia fazer o contato com estas professoras sem que elas se sentissem constrangidas, visto que não aceitaram estar presentes no espaço para discutir docência, tempo, formação estética, tendo como dispositivo o cinema. A naturalidade de tratar sobre o assunto foi o método mais eficiente neste caso, apenas conversar, entender como se constrói uma docência, fazendo escolhas, quando estas são possíveis.

Entre todas as conversas, uma me intrigou muito, sua dor, seu cansaço físico e mental me fez querer saber mais sobre ela. Essa Maria parecia triste com o seu lugar na docência, não falava muito, ouvia e seu olhar se mostrava um tanto quanto distante daquilo que era discutido. Escondia-se algo em sua alma que eu queria

descobrir, na verdade, queria saber mais sobre ela, queria me aproximar e conversar sobre as suas angústias enquanto professora.

“Maria, é a dose mais forte e lenta, de uma gente que ri, quando deve chorar e não vive, apenas aguenta”, esta Maria será apenas Maria, não terá um segundo nome, ela pode ser todas, mas também não quer ser nenhuma, vive a docência a maior parte do seu tempo, não tem muitas horas para pensar em si, pois dedica sessenta horas semanais às escolas em que trabalha. Maria está há quatorze anos na profissão, ingressou logo depois da formatura no ensino público municipal de Restinga Sêca, anos depois, integrou o espaço do magistério estadual. Hoje, divide seu tempo entre as aulas na Leonor Pires de Macedo e na escola Estadual. Maria sempre foi encantada pela vida docente, na infância gostava de brincar de professora, na vida adulta decidiu por tal profissão.

Eu sempre gostei dessa coisa de ensinar, quando eu era criança brincava muito de ser professora, então quando eu cresci, resolvi ir para o magistério, como gostava de matemática, acabei fazendo matemática, fiz na UFSM.

Maria é quieta, não conversa muito, apenas observa, seu olhar parecia cansado de tantas obrigações, do pouco tempo que lhe sobra para ser ela, Maria. Quando não está em sala de aula, está cuidando das questões burocráticas da segunda escola em que atua. Nela, Maria divide o tempo com trabalhos financeiros e administrativos. Suas quarenta horas semanais, divididas entre as que ela é concursada e as que tem uma suplementação de trabalho. Em sala de aula atua apenas na Leonor Pires, o que, segundo ela, é o que lhe deixa feliz, pois gosta de estar com os alunos, ajudá-los, resolver com eles problemas matemáticos.

Eu gosto da sala de aula, quando o aluno está ali, querendo saber, se interessando por aquilo que tu estás trabalhando, o aluno quer aprender, ele te chama para ajudar na classe, apesar de ser cansativo, eu gosto muito, eu digo que cansa, porque eu costumo atender na classe cada um que me chama para tirar dúvidas.

Maria não fala muito sobre si, para tal, precisa ter certeza de que confia em quem está lhe perguntando, sua relação com a docência não é tranquila, há um sofrimento em sua escolha, por mais que goste, vê sua dignidade abalada quando se refere à carreira. Entretanto, se tivesse que escolher novamente, seria professora. Não consegue imaginar outro caminho senão o da docência, mas sabe

que é uma tarefa árdua e sua dor se relaciona à falta de investimento e a perda da importância do professor para a sociedade.

Acho que a Educação em geral está desinteressante, nada é estimulante, capaz de te animar, ter mais vontade; do salário, das vantagens, toda hora querem tirar da gente, questão de não ter aumento, tu vês os outros (referindo-se aos outros profissionais que tem a mesma formação acadêmica) tendo os salários melhores, nós, cada vez mais o nosso poder aquisitivo vai ficando menor. Eu acho que todas essas coisas, mesmo que a gente ache que não influencia, mas penso que influencia muito, até involuntariamente. No Estado, nem receber o salário em dia a gente recebe, então tu não podes fazer uma compra com um tempo mais prolongado de prestação, porque tu não sabes se vai receber no dia aquele valor. No meu caso, eu tenho que trabalhar sessenta horas para conseguir alguma coisa, ter o mínimo de dignidade. Fosse trabalhar vinte horas teria muito mais vontade, mas não teria como viver, como me sustentar.

A dor de Maria, ao narrar a sua vida, o seu estar na docência é a da falta de perspectiva, a impossibilidade de sonhar. Relações criadas através de imagens que temos de nós e do que nos rodeia. Um momento de solidão, que, para Kurek (2009), é um espaço de tempo em que se confrontam imagens de ascensão e de queda, onde as emoções oscilam entre dor e prazer. Momento em que se qualificam modos de ser.

Pensar as pessoas, a sociedade e suas relações a partir da dimensão imaginária é captar o simbolismo, as significações que estas carregam. O imaginário sugere que agucemos o nosso olhar às dinâmicas que nem sempre estão facilmente visíveis num primeiro momento, ele aponta que somos movidos por correntes instituídas e instituintes de significações imaginárias.

O mundo social é cada vez mais constituído e articulado em função de um sistema de tais significações, e essas significações existem, uma vez constituídas. Na forma do que chamamos de imaginário efetivo (ou o imaginado). É só relativamente a essas significações que podemos compreender tanto a “escolha” que cada sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a “funcionalidade” (CASTORIADIS, 1982, p. 177).

Pelas palavras de Castoriadis, falar de imaginário é buscar compreender os sentidos construídos por uma sociedade, sentidos estes que além de comporem as ideias dos indivíduos de maneira singular e coletiva, impulsionam os mesmos às ações.

Quando Maria se refere à falta de expectativa no magistério, estabelece uma relação simbólica com tal instituição, que, através do tempo e das dificuldades, passa a ter seu valor diminuído frente à sociedade. Este fato faz com que esta

professora sinta-se enfraquecida perante seus desejos, enquanto profissional. Ela não vê significado nas formações e no investimento do pouco tempo que tem para conversar sobre sua vida docente. Além de que, vivendo em uma profissão em que as demandas aumentam cada dia mais, e as obrigatoriedades também, poder escolher não fazer parte de espaços formativos em que não há uma convocação, uma obrigação, pode ser compreendido por este sujeito como uma possível rebeldia.

Eu penso que as coisas que obrigam a gente a fazer, não é bom, no Estado, por exemplo, somos obrigados a fazer as formações, tem dois dias no início do ano e dois no meio, e tem que ter um tema relacionado. Penso que algo deve ser feito.

Entretanto, Maria entende a formação docente como algo importante para a construção de uma carreira. Apesar de todas as questões já mencionadas nas falas da professora, ela tenta aproveitar as formações que faz dentro dos espaços oferecidos na sua segunda escola, os quais não tem a possibilidade de escolha, onde é convocada. A docente afirma que, se tivesse tempo e disponibilidade, faria cursos mais relacionados à sua área de atuação, porém vê a estrutura sistemática das secretarias e da Educação em geral como um entrave para que os professores possam ter essa escolha. Na opinião da professora, não há como escolher entre o aluno e sua formação, não há como deixar o aluno para formar-se, entende que os seus poucos momentos fora da escola precisam ser aproveitados para o seu descanso, já que está tão sobrecarregada.

Agora que estou com sessenta horas é bastante complicado, essa questão de horário, aí fica difícil de fazer alguma coisa, tu tens que deixar de fazer os teus afazeres, o teu trabalho para fazer isso.

Segundo neste pensamento, vê-se a importância de que os espaços formativos devam estar dentro dos locais de trabalho desses profissionais e que o professor possa ter o direito à escolha. Fazer o que lhe é interessante, conversar e discutir temas que lhe são significantes e permitir que o docente seja libertado do status da obrigatoriedade. Para Nóvoa (2009), a aprendizagem ao longo da vida justifica-se como direito e como necessidade da profissão, mas não como obrigação ou constrangimento. Segundo o autor,

Muitos programas de formação contínua têm-se revelados inúteis, servindo apenas para complicar um quotidiano docente já de si fortemente exigente. É necessário recusar o actual “mercado da formação” sempre alimentado por um sentimento de “desactualização” dos professores. A única saída

possível é o investimento na construção de redes de trabalho colectivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional (NÓVOA, 2009, p. 23).

O espaço da formação deve ser um lugar em que o professor pode dividir com os seus pares angústias e alegrias da vida docente, um ambiente de conversas sobre o que é ser professor, suas dores e prazeres. Não deve ser um lugar de obrigação em que ele deve estar presente, mesmo que os temas que sejam discutidos não lhe interessem. Portanto, formação é algo em que se deva estar predisposto a participar, implicado em discutir e refletir sobre sua profissão. Ferry (2008) compreende formação como reflexão que, ao mesmo tempo, é refletir e compreender sobre a docência.

As referências de formação se mostram diferentes quando Maria fala das escolas em que trabalha. Para ela, na Leonor Pires de Macedo, a possibilidade de relação entre os alunos e a professora é muito mais significativa, que com os alunos da segunda escola em que atua. Um ponto relevante é quando explicita a boa relação que tem com os colegas da escola Leonor e a diferença entre as escolas. Para ela, o bem estar entre os colegas é algo natural na escola citada, porém não sente o mesmo ambiente em seu segundo local de trabalho, atribui o fato ao grande número de professores e até a questão da competitividade. Porém, é claro para a professora que o bom relacionamento entre os colegas torna a sua estadia na escola tranquila e satisfatória, oposto do sentimento que tem quando está no outro local de trabalho.

Neste entendimento, vê-se que o contexto espacial, juntamente com as condições de trabalho, auxilia na dificuldade e na falta de expectativa referente à sua carreira, frente as outras com mesma formação. O impacto das condições de trabalho no magistério está diretamente relacionado com a sua alegria ou dor de ser docente. Kelchtermans (2009) relata que:

O ensino, enquanto atividade significativa, realiza-se em interacção com determinadas condições organizacionais: as múltiplas interacções sociais com os colegas, pais e directores; as normas e os valores partilhados ou contestados, os costumes e as tradições que fazem a “cultura” de determinada escola; as decisões e as medidas políticas que constituem o sistema político e estrutural de acordo com o qual as escolas têm de actuar, etc. Todas essas variáveis constroem o contexto de determinadas condições de trabalho com que os professores têm de lidar. Compreender o ensino exige que essas condições de trabalho sejam tidas em consideração (KELCHTERMANS, 2009, p. 76).

Diante desta narrativa, entendemos que a os projetos educativos calcados no envolvimento e na cooperação possibilitam que a diversidade seja valorizada e esteja acessível, uma vez que todos os envolvidos aprendem uns com os outros (VALLE, 2014).

Um ambiente de colaboração entre os envolvidos faz com que a escola se torne um lugar de formação, no qual o convívio na diversidade possibilita que o sujeito vá se produzindo pelos múltiplos atravessamentos. Seguindo este pensamento, é possível afirmar que a formação profissional não se separa do pessoal, no grupo, os participantes vivenciam momentos de formação que não envolvam apenas a tarefa (OLIVEIRA, 2011).

Esta Maria, que poderia ser qualquer outra professora, de qualquer escola, que também teria sua carga horária sobrecarregada, cheia de funções e obrigações, fala sobre sua docência, sobre seus gostos e também sobre cinema, que não é algo tão presente, mas que entende ser importante na discussão de muitos temas referentes ao seu trabalho.

Eu acho que o cinema é importante, que é bom, nós, inclusive, nas nossas formações no Estado, sempre temos um filme com um tema referente, algum tema que seja voltado à formação, eu acho importante.

Maria constata que o filme é um ótimo dispositivo de discussão sobre temas relacionados à educação. Fantin (2006) faz uma relação com o texto em relação ao cinema, ela coloca como um filme pode ter várias possibilidades de compreensão, dependendo do espaço em que é veiculado. Assim, aquele filme produzido para o cinema comercial e consumido como recurso didático assemelha-se ao mesmo objeto que muda de pele, “pois uma ficção espetacular pode se tornar um documento de reflexão se for trabalhada em dois aspectos sociais diferentes relativos ao espetáculo e à escola”.

Entretanto, esta professora não se diz muito conhecedora dos filmes, não costuma ter o hábito de ir ao cinema ou assistir pela televisão. Talvez isso aconteça porque, em sua docência, o cinema parece não ter muito espaço no mundo dos números, tudo é muito exato e sem a possibilidade de discussão. Maria, quando fala sobre si, descreve sua personalidade como de alguém que não é muito criativo; inclusive, sua escolha profissional teve influência nesta sua característica, desse modo, entende que o cinema não tem muito espaço em sua sala de aula e nem em sua vida.

Não sou uma pessoa muito criativa, não uso filmes em minha sala de aula, pois entendo que a matemática é muito exata, tu tens que aplicar o método, chegar naquele resultado, acho que um pouco é, mas eu acho que eu escolhi a matemática por isso, não precisar ter que ficar inventando... (risos) Eu não me imagino fazendo outras coisas, tipo, essas coisas de artes, fazer coisas diferentes, não, eu não saberia.

Pelo seu imaginário, Maria entende o cinema como um dispositivo de criação. Suas significações imaginárias a respeito da sétima arte como linguagem envolvem a imaginação, o que para ela não teria uma explicação concreta, uma funcionalidade. Castoriadis (2004) entende que a imaginação no ser humano é desfuncionalizada. Para o autor, se considerarmos o imaginário do ser humano singular, nele está a determinação essencial (a essência) da psique humana. Esta psique é, antes de tudo, imaginação radical,

Na medida em que é fluxo ou torrente incessante de representações, desejos, afetos. Esta torrente é emergência contínua. É inútil fechar os olhos ou tapar os ouvidos – haverá sempre alguma coisa. Essa coisa se passa “dentro”: imagens, lembranças, desejos, temores, “estados da alma” surgem de moco que às vezes podemos compreender ou mesmo “explicar”, e outras vezes não. Não há pensamento “lógico”, salvo excepcional e descontinuamente (CASTORIADIS, 2004, p. 131).

Cada professora é, antes de tudo, uma pessoa, um ser humano singular, dotado de uma essência, de uma imaginação radical, suas significações imaginárias se consolidam a partir das suas experiências. A docência é o conjunto de significações imaginárias construídas no espaço das suas vivências. Maria entende que a formação é importante, porém ela precisa ter um significado, uma funcionalidade. Castoriadis (2004) compreende que por estas questões somos assim levados a fazer uma distinção entre cultura no sentido estrito do termo e a dimensão puramente funcional da vida social;

A cultura é o domínio do imaginário no sentido estrito, o domínio poético, aquilo que numa sociedade vai além do que é puramente instrumental. Evidentemente, não existe nenhuma sociedade sem cultura; nenhuma sociedade é reduzida ao funcional ou ao instrumental, não se conhece sociedade humana que viva como as “sociedades” de abelhas ou formigas. [...] A distinção entre aquilo que chamo de poético e o funcional não está evidentemente nas coisas, ela se encontra na relação entre a maneira como as coisas são feitas e sua finalidade (p. 134).

Portanto, tanto para Maria como para qualquer outro sujeito não há como separar a função do poético, que são as nossas significações imaginárias. Para tal, por mais que se caracterize como alguém não dotado de criação, sua docência é

constituída de função e de significações a partir de sua imaginação radical. Esta professora compreende a importância da formação, do cinema como dispositivo, entretanto não consegue concebê-los como algo de significativo em sua docência.

Para ela a formação torna-se relevante, quando vem relacionada com algum tema trabalhado em sala de aula, ou algo mais instrumental.

Eu procuro, acho interessante quando são temas que tratam da indisciplina, que acho que é um tema importante, das questões relacionadas à minha área e mais oficinas práticas de jogos ou de atividades no laboratório de informática, nesse sentido assim. Eu tenho encontrado mais os referentes à educação em geral, um ano que a gente fez aqui em Restinga, que teve uma oficina que era prática, produção de jogos específicos para o ensino de matemática.

No que se refere ao cinema como dispositivo, Maria tem a mesma opinião, entende os roteiros fílmicos como algo que possa dar uma lição, que nós, enquanto espectadores, aprendamos algo com aquela história. No seu entendimento, o cinema é um ótimo dispositivo para se falar sobre educação, se pudesse pensar uma formação, com certeza, nela teria um filme. Essa relação de caráter ilustrativo do cinema é ainda comum na escola e na formação docente, entretanto Fantin (2007) entende que o cinema não deve ter só essa função, há um limiar entre o cinema como recurso didático e o uso do cinema como objeto de experiência estética e expressiva da sensibilidade, do conhecimento e das múltiplas linguagens humanas, que podem inspirar outras práticas e redimensionar o caráter do cinema como dispositivo.

6 FINALIZAR POR ORA; UMA CONVERSA A RESPEITO DE TUDO QUE FOI VIVIDO

Cá pra nós, tudo era muito chato
 Era tudo tão sensato, difícil de aguentar
 Todos nós sabíamos decor
 Como tudo começou e como iria terminar

Mas de uma hora pra outra
 Tudo que era tão sólido desabou, no final de um século
 Raios de sol na madrugada de um sábado radical
 Foi a pá de cal, tão legal

(Humberto Gessinger)

Estou aqui a pensar, como devo finalizar este trabalho, de que forma contarei o final de uma caminhada que não se finda? Uma formação não termina quando na tela surge o “the end”, pois ficam juntas às lembranças da história as reflexões e as indagações que ecoam feito tambores em nossas cabeças. Como finalizar um trabalho que foi tão instigante, começando como em uma fábula, parecendo saber o final, em que as personagens me pareciam previsíveis, seria arrogância pensar que saberia as respostas das perguntas que fiz. Não, eu não poderia saber, pelo simples fato de que não havia vivido tal situação e, se pensava que seria tudo conforme o planejado, ora, o que se planeja também pode ser mudado, as vivências e convivências não têm um traçado pronto e finalizado, são obras abertas, propensas a mudanças no decorrer do percurso.

Voltando ao meu objetivo central, busquei compreender as significações imaginárias dos professores da Educação Básica sobre cinema e educação, e de que forma ele se inseria na formação ético-estética destes docentes. Para tal investigação, escolhi a Escola Municipal Leonor Pires de Macedo, ali, onde também é o meu espaço de trabalho, convidei colegas que se interessavam pelo tema e nos reunimos em grupo para assistir filmes e discutir formação. Nesse percurso, descobri muito sobre cinema, Educação e formação através de autores que me fazem querer saber mais sobre o tema. Entendi a diferença entres os conceitos de dispositivos de formação e elegi o que mais cabia neste trabalho.

Durante este tempo de pesquisa, convivi com professores que tinham muito a falar sobre si e sobre sua docência. Construimos juntos um espaço de experiências, o qual nos fez (des)aprender, (re)aprender a respeito do que entendíamos como

formação docente, tendo como dispositivo a sétima arte. Através do cinema, descobrimos que aquelas imagens que nos pareciam reais, poderiam não ser, eram o subjetivo, a possibilidade, a irrealidade, a ilusão, mas que o cinema também poderia ser;

Realidade talvez, mas também é outra coisa: gerador de emoções e sonhos. É o que nos garantem os depoimentos. Eles constituem algo próprio do cinema, que sem seus espectadores não existe. O cinema não é a realidade, já que isso é dito. Mas ao mesmo tempo sabemos que o objetivo é desnudado diante da subjetividade, e que nenhuma fantasia chega a perturbar o olhar que fixa ao rés do real (MORIN, 2014, p. 25).

Esse irreal que nos parecia tão real, tão próximo de nós ou muito distante, em algum momento nos atravessava e nos fazia sentir dor, alegria, tristeza, repugnância. Aquele espaço onde, através da experiência do cinema, todos podiam falar sobre o seu estar na docência, sobre as lembranças que reportavam aquela história e olhar para si, através do outro e com o outro. Um espaço onde a formação acontece, não no sentido em que se é formado por outro, mas onde cada um encontra a sua forma, transformando-se a partir da sua própria dinâmica, seu próprio desenvolvimento (FERRY, 2008).

A respeito da relação dos professores com o cinema em sua prática docente, é perceptível que, em algum momento, estes já utilizaram como instrumento pedagógico, não só na forma reducionista, apenas como uma suplementação do conteúdo programático, mas também como uma nova linguagem, produzindo novos sentidos, novos olhares. Marias, em suas narrativas, descreveram esse envolvimento com o cinema e seus alunos. Relataram que a importância dos exercícios fílmicos com a classe é muito mais do que apenas uma situação de interação, mas o momento de falar sobre temas presentes na vida daqueles discentes, que junto com as imagens da tela, constroem outras formas de se relacionar com suas emoções e com o mundo em que vivem.

As significações desta Maria contemplam as emoções, em que o valor subjetivo aumenta em função da objetividade da imagem até uma “objetivida-subjetividade” extrema (MORIN, 2014, p. 41). Nesse contexto, entende que este ato de valorizar a imagem projetada pela história na tela a leva, ao mesmo tempo, para fora da mente e tende a lhe dar corpo, um relevo, uma autonomia. Nas palavras das Marias, quando se referem ao trabalho com os filmes para que os seus alunos experienciem as emoções, retratam a questão de que quanto mais potente for a

necessidade subjetiva, mais a imagem a qual ele se fixa tende a se projetar. (MORIN, 2014, p. 42). As Marias, contando suas experiências relatam que o cinema afeta, mexe com as emoções, faz chorar, segundo Maria Paula, “uma mistura de imagem e som que afeta nossos sentidos”.

Essa mistura de imagem e som que afeta nossos sentidos é o conceito de cinema para esta professora, o que a faz chorar como se fosse uma cena real de sua vida. Portanto, o cinema enquanto dispositivo pode ser compreendido como uma ferramenta criada para uma necessidade de experimentação desses indivíduos, a partir das significações construídas pela sua relação com a sétima arte. Esse imaginário sobre docência e formação ético-estética também se fez presente e foi esclarecido com as discussões no grupo e pelas narrativas dessas professoras. Elas, quando se referiram à sua formação além dos muros escolares, reportaram-se às lembranças fílmicas vividas no decorrer de suas vidas.

As Marias entendem o cinema como um espaço novo dentro da formação docente, todas, inclusive as que não foram citadas nesta pesquisa, mas que participaram em algum dos encontros, relataram que, a partir da assistência dos filmes na escola, começaram a olhar de outra maneira para o cinema e a para a formação continuada. O interesse se fez presente no fato de que professoras que não assistiam filmes antes do grupo “Encontros com o Cinema” inseriram tal experiência em sua vida cotidiana.

Na pesquisa constatamos que as professoras, em um primeiro momento, sentem-se receosas em participar de um espaço formativo no seu local de trabalho. Porém, com o conhecimento e com as trocas que aqueles encontram, provocam, fazem com que elas se sintam à vontade para falar sobre suas angústias na docência. Vimos também que o tema cinema provoca um estranhamento, no sentido de os professores ainda não compreenderem que ele, enquanto dispositivo, permite relações com todos os temas que intrigam, incomodam e precisam ser falados no espaço de formação continuada.

Outra questão que se fez muito presente nos encontros com o cinema está relacionada aos filmes e ao sentido que os professores dão ao entendimento de cinema nacional. Suas significações imaginárias, no que se refere à produção brasileira ainda é permeada de ideias relacionadas a obras de má qualidade técnica e que não podem ser usadas no espaço escolar.

Entretanto, os professores entendem que, para se falar sobre cinema nacional, é necessário saber mais sobre ele. Portanto, a inserção da Lei 13.006/14, de forma sistemática, com a possibilidade de conhecer as obras do circuito do cinema nacional “Democratizar o acesso” (FRESQUET; MIGLIORIN, 2014, p. 8-9), transforma a escola em um cenário de encontro entre o cinema, os professores e os alunos. Quanto mais conhecermos sobre cinema nacional, mais poderemos inseri-lo em nossa prática docente. Porém uma pergunta nos instiga e nos faz pensar sobre o futuro da Lei 13.006/14 com a escola. Como proporcionar um acesso da escola ao cinema nacional? De que forma os professores terão a oportunidade de conhecer os filmes produzidos na sua cidade, estado e região, se não houver investimento nesta área?

“No que diz respeito ao cinema, identificar-se com a situação e reconhecer-se consitui o vínculo entre o espectador e a trama” (DUARTE, 2002, p. 71). Este vínculo aconteceu entre as espectadoras e o curta-metragem Mr. Hublot. Este filme provocou em todas as Marias identificações verossimilhantes que refletiram em suas narrativas depois da projeção e nas escritas dos diários. A identificação provocada resultou na metáfora do cachorro, que, na obra, é relacionada com o inesperado, com as mudanças da vida.

As Marias entendem a mudança como algo necessário e natural na vida, entretanto não conseguem ter uma boa relação com ela, quando surge de forma inesperada. Todas relataram a importância do cachorro, metáfora de mudança em suas vidas. Quem era para estas professoras o cachorro e como resolviam essas questões em suas vidas e na docência? Entendemos que as Marias ainda têm dificuldades de lidar com o inusitado, com o inesperado, compreendendo que o espaço escolar não se mostra como um lugar de surpresas. Mesmo trabalhando com crianças e adolescentes, vivendo em um lugar em que todo dia coisas novas deveriam acontecer, a escola tem estruturas normativas regulares, os conteúdos programáticos seguem também uma norma regular e os professores procuram não ter surpresas, mudanças parecem não serem bem-vindas. Pelas falas das Marias, podemos nos perguntar se essas mulheres, enquanto professoras, têm dificuldades com o que não pode ser controlado, com o que não é desejado. Como na escola, essas docentes reagem em relação às mudanças? O que é estranho e diferente é visto como algo positivo ou algo que as tira do lugar de conforto e as forçam à mudança?

Outra questão relevante que deve ser elucidada nesta conversa de finalização é o fato de que os encontros com o cinema proporcionaram aos professores da escola um interesse pelo cinema. No relato de uma colega que participou aleatoriamente dos encontros podemos compreender essa experiência na vida de cada uma delas. No último encontro como uma avaliação de todo processo, relatou que a partir da formação começou a se interessar mais por filmes, fazendo com que a sétima arte passasse a fazer parte de sua vida.

Para esta professora, a curiosidade em descobrir o que seria tratado naquele espaço formativo lhe deu, em um primeiro momento, um estranhamento, mas que a fez querer conhecer mais sobre os filmes, sobre o cinema. Todas as Marias, quando indagadas sobre a importância de um espaço formativo dentro da escola, mediado pela sétima arte, mostraram-se desejosas da continuidade do espaço, entendendo que utilizar o lugar da escola como espaço de formação torna esse docente mais próximo de sua realidade e dos temas que lhe são mais importantes.

Portanto a necessidade de um espaço formativo dentro da escola, mediado pelo dispositivo cinema, traz um novo olhar sobre espaço de formação continuada e novos sentidos para a docência. O cinema enquanto dispositivo de formação corroborou para que essas professoras pudessem construir novos horizontes de visão. O cinema traz equilíbrio, desequilíbrio, ordem, desordem, perturbações, e é nesse processo complexo que nós nos (trans)formamos (FARENZENA, 2014).

Compreendo que o cinema, enquanto dispositivo, pode ser uma nova linguagem que não se fecha em si, sendo um potencial criador. Através da experiência formativa pelo cinema e com o cinema se propõe uma formação estética, que nos estranha, nos aproxima, nos repugna e nos faz amar. O cinema é capaz de conversar sobre todos os temas pelos quais as imagens refletidas projetam em nós e no outro, novas formas de estar e formar-se.

Porém, para que tal relação aconteça, é importante não só o espaço formativo, mas também as condições para que os professores possam fazer parte dele. Vimos, através desta pesquisa, que o professor se sente instigado por uma formação quando esta tem uma relação de significância com a sua vida pessoal e profissional.

Portanto, para que a formação aconteça, ela tem que provocar, perturbar, desafiar, desacomodar. O processo que é reflexivo precisa de tempo para que o professor possa receber, discutir, ruminar tais relações em um processo de aprender, (des)aprender e (re)aprender sobre si e sua relação com a docência.

REFERÊNCIAS

AUGRUAS, M. **Imaginário da Magia**: magia do imaginário. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2009.

Barbosa, M. C. S. Alfabetização Audiovisual: Um conceito em processo. In: BARBOSA, M. C. S.; SANTOS, M. A. dos. (Org.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**, Porto Alegre, Libretos. 2014.

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

BOLÍVAR, A. **Profissão Professor**: o itinerário profissional e a construção da escola. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução; Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE/FE/UFRJ, 2008.

CANTON, F. R.; RECH, I.; PUJOL, M. S.; OLIVEIRA, V. F. de. Ruídos na tela... O cinema e a obrigatoriedade nas escolas. In: **Cinea e Educação**: A Lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas. FRESQUET, A. (Org.). Belo Horizonte, Universo, 2014.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes.

CASSETTI, F.; DI CHIO, F. **Cómo analizar un film**. 1. ed. Barcelona, ES: Ediciones Paidós, 1991.

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, C. **O mundo fragmentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2006

_____. **Figuras do pensável**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

COCHRAN-SMITH, M.; LYTLE, S. **The teacher research movement**: a decade later. Educational Researcher. v. 28, n. 7, p. 15-25, 1999.

DUARTE, R. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **O cinema de cada um**. Aula inaugural do projeto cineclube nas escolas da SME/RJ. Março, 2012.

EIZIRIK, M. **Michel Foucault**: um pensador do presente. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

EIZIRIK, M. Paradigmas da subjetividade contemporânea. In: **Educação, Subjetividade e Poder**. v. 1, jan./jun. 1994, Porto Alegre: Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, PPGE/UFRGS; Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.

FANTIN, M. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FANTIN, M. **Crianças, Cinema e Educação: além do arco-íris**. São Paulo: Annablume, 2008.

FARENZENA, M. L. **A (re)invenção de si na tela da docência: Imaginário social e formação ético-estética**. Santa Maria, RS. UFSM: 2014.

FERRY, G. **Pedagogia de la formación**. 1. ed. 3. reimp. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2008.

FLORES, M. A.; SIMÕES, A. M. V. (Org.). **Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: Contextos e Perspectivas**. Portugal: Edições Pedalço, Ltda. 2009.

FRESQUET, A. (Org.). **Imagens do desaprender: uma experiência de aprender com o cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CENEAD – LISE – FE/UFRJ: 2007. (Coleção Cinema e Educação).

FRESQUET, A. **Cinema e Formação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FRESQUET, A. Dossiê cinema e educação: uma relação sobre a hipótese de alteridade. **Revista contemporânea de educação**, v. 5, n. 9, UFRJ: jul. de 2010.

FRESQUET, A.; MIGLIORIN, C. **Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006**. FRESQUET, A. (Org.). Belo Horizonte, Universo, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade, 1: a vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009 a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2009 b.

GRONDIN, J. **Hermenêutica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GUTFREIND, C. F. Cinema: uma forma de tradução do pensamento. In: ESCOSTEGUY, A. C. (Org.). **Cultura midiática e tecnologias do imaginário: metodologias e pesquisas**. Coleção comunicação 33. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. 214 p.

HERMANN, N. **Autocriação e Horizonte: Comum Ensaio sobre Educação Ético-Estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

IMBERNON, F. **Formação docente e profissional: formar-se para mudança e incerteza**. São Paulo: Cortez, 2011.

ISAIA, S. Na tessitura da trajetória pessoal e profissional: a constituição do professor do ensino superior. In: ISAIA, S.; BOLZAN, D.; MACIEL, A. **Pedagogia universitária**. Tecendo redes sobre a Educação Superior. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009, p. 95-105.

JOSSO, M-C. A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, L. M. V.; EGGERT, E.; KUREK, D. (Orgs.). **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

JOSSO, M.C. As instâncias da expressão do biográfico singular plural: junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do corpo biográfico. In: BOIS, Danis; JOSSO, Marie-Christine; HUMPICH, M. (Org.). **Sujeito sensível e renovação do eu**. As contribuições da fasciaterapia e da somato-psicopedagogia. São Paulo: Paulus; Centro Universitário São Camilo, 2008.

JOSSO, M. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

_____. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN, EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KELCHETERMANS, G. Professional Commitment beyond Contract. Teacher's self-understanding, vulnerability and reflection. In: BUTCHER, J.; MCDONALD, L. (Eds.). **Making a difference: Challenges for teachers, teaching, and teacher education: 35-53**. Rotterdam: Sense Publishers, 2007.

KUREK, D. L. Essas coisas do imaginário... In: PERES, L. M. V.; EGGERT, E.; KUREK, D. (Orgs.). **Essas coisas do imaginário... diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

KRAMER, S. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1998.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, R. S. **A Etnospesquisa implicada, pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Brasília: Liber Livro, 2012.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos: 1998.

MORAES, A. A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação.** Manaus: Ed. da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

MORIN, E. **O cinema ou o homem imaginário.** São Paulo: É realizações editora, 2014.

MOURÃO, M. D. Algumas reflexões sobre o cinema, o audiovisual e as novas formas de representação. **Revista FAMECOS: Sessões do Imaginário**, v. 7: p. 49-52, 2001.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** Portugal: Porto, 1995.

NÓVOA, A. **Professores: Imagens do futuro presente.** Lisboa: Relgráfica artes gráficas lda, Benedita, 2009.

OLIVEIRA, V. F. de. (Org.). **Narrativas e saberes docentes.** Ijuí: Unijuí, 2006.

OLIVEIRA, V. F. de. De que imaginário estamos falando? **Signos.** Centro Universitário UNIVATES, Lajeado/RS, n. 1, p. 59-71, 1998.

OLIVEIRA, V. F. de. Formação docente e dispositivo grupal: aprendizagens e significações imaginárias no espaço biográfico. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 180-188, maio/ago. 2011.

OLIVEIRA, V. F. de. **A escrita como dispositivo na formação de professores.** Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, SP: Unicamp/FE; ALB, 2009.

QUINTANA, M. **80 anos de Poesia.** São Paulo: Globo, 2005 a.

SILVA, J. M. da. **As Tecnologias do Imaginário.** Porto Alegre, RS, 2. ed. Sulina, 2006.

SILVA, M. **Tempos na formação docente: entre o Identitário e o Imaginário.** Santa Maria, RS: UFSM, 2013.

SOUTO, M. **El dispositivo en la formación universitaria: revisitando la noción.** MP.

SOUTO, M. et al. **Grupos y Dispositivos de Formacion.** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires/ Facultad de Filosofia y Letras: Ediciones Novedades Educativas, 1999.

SOUTO, M. Repensando la formación: cuestionamientos y elaboraciones. (texto digitado – **Aceptado para publicar em la Revista n. 1 de Educación de Palermo**), 2007.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.** Petrópolis: Vozes, 2003.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. 1. ed. São Paulo, Summus, 1997.

VALLE, L. D. Aprendendo a ser docente através de filmes: possíveis trânsitos entre cinema e educação. In MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Pedagogias Culturais**. 1ª Ed. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2014,v.5,p.141-164

VALLE, L. D. **Quem aprendi a ser a partir dos filmes que vi: explorando o potencial narrativo/evocativo/pedagógico do cinema no contexto educativo**". In: MARTINS, R; TOURINHO, I. (Org.) 1. ed. Santa Maria: Editora da Universidade de Santa Maria, p. 211-238, 2016.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

A fonte das mulheres: Direção: Radu Mihaileanu, Paris Films, 2011.

A farsa seca: Direção: Fabricio Koltermann, GRL Produtora, Restinga Sêca, RS, 2010.

A lagoa azul: Direção: Randal Kleiser, Columbia Pictures Corporation, 1980.

Curtindo a vida adoidado: Direção: John Hughes, Paramount Pictures, E.U.A, 1986

Doze anos de escravidão: Direção: Stevie McQueen, Dysney/ Buena Vista, Estados Unidos, 2013.

... E o vento levou: Direção: Victor Fleming, Metro-Goldwyn-Mayer (MGM) / Selznick International Pictures, 1939.

Ghost-do outro lado da vida: Direção: Jerry zucker, Paramount Pictures, Estados Unidos, 1990.

Homem arroz: Direção: Fabricio Koltermann, Restinga Sêca, RS, 2011.

Marte precisa de mães: Direção: Simon Wells, Walt Disney, 2011.

Mr. Hublot: Direção: Alexandre Espigares, Laurent Witz, Luxemburgo, 2013.

O rei leão: Direção: Rob Minkoff e Roger Allers, Walt Disney, 1994.

O pequeno príncipe: Direção: Mark Osborne, Paris Films, França, 2015.

Os trapalhões e o rei do futebol: Direção: Carlos Manga, Europa Filmes, Brasil, 1986.

Procurando nemo: Direção: Andrew Stanton e Lee Unkrich, Walt Disney, 2003.

Porcelain Revised Score: Direção: Keegan Wilcox, Alemanha, 2010.

Voo 7500: Direção: Takashi Shimizu, CBS Films, 2015.

Sentimentário: Caio Mazzilli, UFPEL, Brasil, 2010.

Traz outro amigo também: Direção: Frederico Cabral, Animake Imagem Virtual, RBS, 2010.

Uma linda mulher: Direção: Garry Marshall, Buena Vista Home Entertainment, 1990.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Imaginários e Experiências Formadoras: O Cinema vai à Escola

Pesquisador responsável: Valeska Fortes de Oliveira

Autora: Fabiane Raquel Canton

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria / Departamento de Fundamentos da Educação

Telefones: (55) 33073325 ou (55) 91414698

Endereço postal completo: Guilherme Cassel Sobrinho, Bairro Nossa Senhora das Dores. Nº 54, Aptº 02, Santa Maria/RS, CEP 97050270.

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria

Eu Valeska Fortes de Oliveira, responsável pela pesquisa Imaginários e Experiências Formadoras: O Cinema vai à Escola, juntamente com a mestrandia Fabiane Raquel Canton, autora da pesquisa, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende conhecer e compreender as percepções Imaginárias dos professores da educação básica, que trabalham na Escola Municipal de Ensino fundamental Leonor Pires de Macedo, sobre cinema e como o mesmo se insere na sua formação (ético-estética) enquanto docente.. Acreditamos que ela seja importante porque trazemos a discussão sobre imaginário social e cinema como importantes componentes da formação continuada dos professores. Para sua realização será feito o seguinte: Entrevista semiestruturada, encontros com os professores interessados na pesquisa para assistir cinema e discutir sobre o tema relacionado à Educação. Análise dos encontros através de um diário, escrito pelas professoras como reflexões dos encontros e das conversas a respeito do tema Cinema e Educação.

Acredita-se que não haverá dano moral ou risco, em participar da pesquisa, no entanto, em se tratando de narrativas orais, caso se sinta desconfortável em comentar sobre determinado assunto a autora estará sensível a essas questões podendo não publicá-lo, se assim for sua vontade. Também, caso exista desconforto com as narrativas e lembrança de

fatos que podem sensibilizá-lo, esteja ciente que tens total liberdade para recusar a participação.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa. Além disso, você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa. Os possíveis benefícios para os participantes estão na possibilidade de formação ao entrar em contato com as teorias que envolvem a pesquisa e na reflexão sobre sua própria formação docente.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local,

ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

Título do projeto: Imaginários e Experiências Formadoras: O Cinema vai à Escola

Pesquisadora responsável: Valeska Fortes de Oliveira

Autora: Fabiane Raquel Canton

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria / Departamento de Fundamentos da Educação

Telefones para contato: 55 91414698 – 55 33073325

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes desta pesquisa, cujos dados serão coletados por meio de entrevista semiestruturada, e análise dos encontros através de um diário, escrito pelos professores como reflexões dos encontros com os professores que atuam na Escola Municipal Leonor Pires de Macedo. Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, para execução do presente projeto.

As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na UFSM - Avenida Roraima, 1000, prédio 16, sala 3341a - 97105-900 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Valeska Fortes de Oliveira. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em/...../....., e recebeu o número Caae

Santa Maria, de de 20..... .

Assinatura do pesquisador responsável.